

ابن مروان

I B N M A R U Á N

Revista Cultural do Concelho de Marvão
n.º 4 - Dezembro de 1994



ابن مروان

I B N M A R U Á N

Revista Cultural do Concelho de Marvão

nº 4 - Dezembro de 1994



MARVÃO PITORESCA

Qu'airoso fortaleza
sobre rochas de granito,
que tu possuis
ó mimosa vila de MARVÃO,
dentro da Nação Portuguesa!...

Estás rodeada
de tanta planta silvestre
com seu belo odor campestre!...

Que Museu tão bem organizado,
onde dantes era uma igreja,
com pedras e achados do passado,
tradições, crenças, usos e costumes
de Marvão e seus arredores
aí bem representados!...

Tens grande riqueza arquitectónica
nas tuas ruelas
com portas ogivais, chafariz e janelas
decoradas de granito!...

Ò MARVÃO medieval,
esplendorosa,
bucólica,
poética,
pitoresca!...

Maria Olívia Diniz Sampaio

	índice
editorial	7
nota de abertura	9
<hr/>	
temas	
Rol e Avaliação das Peças com que se mandou fazer um afogador para a Imagem de N ^{ra} Sr ^a da Estrela no ano de 1956	13
Instrumentistas, Bandas e Conjuntos Musicais do Concelho de Marvão	15
El-Rei D. Carlos numa caçada em Marvão	33
Breve Romancero dos concelhos de Marvão e Portalegre	43
Marvão e a Filatelia	67
<hr/>	
vária	
A Gravação das Carreiras- Portalegre	83
D. Jorge de Melo em Portalegre	95
A Sinagoga de Valência de Alcântara-Cáceres (elementos para o seu estudo)	115
A Conservação das Culturas Regionais	141
Um conjunto de placas de xisto gravadas do Nordeste Alentejano	147
<hr/>	
tempo de escrita	
A Janela Entreaberta	159
Histórias do Concelho de Marvão	173
As Raízes	177
Poemas de Joaquim do Valado	185
Canção das Reveladas	193
<hr/>	
gente nossa	
Considerações sobre o poeta e prosador Manuel Nunes Cebolas	197
Teofa da Escusa, Músico	199
<hr/>	
memórias	
Panfletos de Festas Populares	211

Os artigos assinados são da inteira
responsabilidade dos seus autores.

A Direcção da Revista não se compromete
com a publicação dos artigos não solicitados.

Solicita-se permuta. On prie
l'enchange.
Exchange wanted. Tauschverkehr
erwünscht.

Director: António Moura Andrade
(Presidente da C.M.Marvão)
Coordenador: Jorge Oliveira
Presidente do Conselho de Redacção: José Luís Murta Ruivo (Vereador da Cultura)
Conselho de Redacção: António Caria Mendes
Carlos A. L. Abafa
Carmen Balesteros
Eliseu Dias da Silva
Emília Silva
Felicidade Tavares
João Vidal
Jorge Oliveira
José Caldeira Martins
Manuela Andrade
Edição e Propriedade: Câmara Municipal de Marvão - 7330 Marvão
Capa - Projecto Gráfico e Edição Electrónica: Carlos A L Abafa
Na capa- fotografia do painel de Azulejo, *Trajés Regionais de Marvão*, na Estação de Caminhos de Ferro da Beirã-Marvão.
Impressão: Gráfica Calipolense

Tiragem: 1000 exemplares
Depósito Legal nº 73235/93

Colaboraram neste número: António Moura Andrade, Carlos A. L. Abafa, Carmen Balesteros, Jorge Oliveira, Sérgio Gorjão, Afonso Henriques Antunes, Ruy Ventura, José Garraio Afonso, Manuel Inácio Pestana, Luis Carolino, João Caninas, Joaquim Henriques, Joaquim Cerqueira, António Gonçalves, João Gonçalves da Mata, Maria Olívia Diniz Sampaio, J P Castanho, José Conde, Mário Elias, Manuel Ramiro Salgueiro e Manuela Andrade.

Com o lançamento do quarto número da IBN MARUÁN - REVISTA CULTURAL DO CONCELHO DE MARVÃO, continuamos a satisfazer o que temos vindo a afirmar em edições anteriores, quanto à regularidade da sua publicação.

Trata-se de uma das iniciativas desta Câmara Municipal à qual temos dedicado todo o nosso carinho, porque pensamos que desempenha um papel fundamental para o nosso concelho, muito especialmente no campo cultural.

É nossa preocupação principal que seja uma revista de todo o concelho e a comprová-lo está o facto do nosso cuidado na selecção de uma fotografia de cada uma das freguesias para ser colocada na capa dos quatro exemplares já publicados.

Solicitando, mais uma vez, o apoio de todas as pessoas que desejem colaborar connosco, agradecemos por outro lado, a todos aqueles que, com a sua desinteressada participação contribuíram para concretizar mais este projecto.

O Presidente da Câmara



(ANTÓNIO MOURA ANDRADE)

Tenho por hábito guardar para o dia da "entrada em máquina" a redacção da *Nota de Abertura*. Escrever estas curtas linhas funciona para mim como ponto de partida para a preparação do próximo número da Revista Cultural do Concelho de Marvão que se quer sempre renovada e com temática mais abrangente.

Felizmente, ainda mal se tinha iniciado a composição deste número já o arquivador onde se lê **IBN V** começava a pesar gradualmente mais. Competenos, agora, descobrir outros, estimular aqueles que por motivos vários reservam para a escuridão das suas gavetas os trabalhos que vão produzindo e acima de tudo promover, especialmente entre os mais novos, o gosto pela escrita. Tem sido ambição nossa e ainda não conseguida que, na Ibn Maruán, exista um espaço reservado aos artistas plásticos que sobre a região trabalhem. O desenho, a pintura, a fotografia ou outras manifestações artísticas queremos que encontrem na Ibn Maruán um espaço de promoção.

Diversificar os temas e alargar geograficamente a área de implantação da Ibn Maruán é também nosso objectivo, reservando-se, naturalmente, espaço privilegiado para a realidade cultural do concelho de Marvão.

Neste número, através da Poesia, da Prosa, da História, da Literatura, da Música, da Etnografia e do Coleccionismo, o Nordeste Alentejano continua a ser retratado. Os estudos sobre a vizinha *Extremadura* Espanhola, uma presença sempre desejada, voltam a estar presentes.

Para o número cinco da Ibn Maruán contamos já com estudos de João Caninas, Joaquim Henriques, Sérgio Gorjão, Manuel Ramiro Salgueiro, Carmen Balesteros, Maria Adelaide Pires Martins, Isabel Cristina Fernandes e Manuela Andrade. De mais trabalhos e de novos colaboradores ficamos à espera.

J.O.

ROL E AVALIAÇÃO DAS PEÇAS COM QUE SE MANDOU FAZER UM AFOGADOR PARA A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ESTRELA DO CONVENTO DE MARVÃO, NO ANO DE 1756

Sérgio Gorjão



N^o Sr^a DA ESTRELA

A imagem desta página e da página seguinte em cima são de pedra de ança, a imagem em baixo é de prata. Fotos de J. Oliveira

O documento que seguidamente passamos a apresentar, apesar de não ter grande peso para a historiografia, é um subsídio interessante para uma elaboração mais profunda da história do convento de nossa Sr^a da Estrela, que nos seus traços gerais é já sobejamente conhecida, mas merece ainda de um alargamento do campo de visão com a análise de diversos documentos dispersos.

Assim é nossa intenção, ao publicar este documento, dotar de mais um elemento de trabalho quem pretenda estudar a referida instituição (multisecular), que é, sem dúvida, um dos mais notáveis monumentos do concelho e de todo o distrito de Portalegre.

Quanto ao afogador ⁽¹⁾ de que faz menção o documento, não fazemos a menor ideia se ainda existe, mas, com certeza, seria uma peça de grande riqueza e valor, a avaliar não só pelas 39 000 libras de ouro, mas, sobretudo, pela grande quantidade de gemas usadas, nomeadamente oito topázios e noventa e três diamantes.

(AN/TT - CONVENTO DE NOSSA SR^a DA ESTRELA DE MARVÃO, MAÇO DE DOCUMENTOS N^o 10, DOC. 23)



Extrato do Rol do Afogador que mandou fazer o Reverendo Padre Frei Leandro de Santo Thomaz sendo Guardiam do Convento de Nossa Senhora da Estrella de Marvão, entregando da mesma Senhora as Pessas Seguintes:

Recebeo o Official huma fita de pessas de Oiro	
Com diamantes	13
mais hum broxe, que tinha	21
mais huma Cruz, que tinha	08
	<u>42</u>

maishuma joya de filigrama
 mais outra joya de filigrama com huma pedra falsa.
 mais Outra joya com hum Menino Jezus de Esmaltes.
 mais hum Habito pequeno com hum bocado
 de cordão de ouro, que tudo
 pezou 39 700 libras
 Entregou o Official o afogador que levou 93 pedras
 a saber:

42 diamantes, que recebeo da mesma Senhora, e mais 51 comprados, que pezarão 3 grãos, e que a preço de 120 000 o quilate,	
importarão em	9\$000
mais 8 topázios encarnados	6\$000
peza o afogador de Ouro	13\$100
de feitio	12\$800
importa a despeza, que se fez em	<u>40\$900</u>

Valem os 42 diamantes da Senhora, que pezão 4 quilates, e 1/4 a preço de 14 000 soma	<u>59\$500</u>
Estimou esta pessa ao todo	<u>100\$400</u>

Deve da despeza Retro	40\$900
Recebeo em ouro das pessoas Retro	39\$700
	<u>1\$200</u>

Agostinho de Azevedo
 Lisboa em 8 de Junho de 1956



(1) AFOGADOR: espécie de colar, neste caso executado com uma série diversa de jóias, gemas e ouro, talvez oferecidos em promessas à imagem de Nossa Senhora da Estrela e que, assim, se transformavam em valiosos objectos de adorno a partir de várias peças dispersas.

INSTRUMENTISTAS, BANDAS E CONJUNTOS MUSICAIS DO CONCELHO DE MARVÃO - I

Jorge Oliveira



1ª Banda de Marvão - 1905

1.

Foi nossa intenção inicial divulgar apenas alguns documentos fotográficos das bandas e grupos musicais do concelho de

Marvão. A primeira fonte de informação foi o arquivo fotográfico de Fernando Lança, de Santo António das Areias, homem desde

sempre ligado à música e às coisas da música. A partir do momento em que começamos a folhear o seu primeiro álbum de recordações apercebemo-nos que o mundo da música neste concelho, certamente como em todos os outros, é um complexo mundo de histórias e historietas de grande riqueza cultural e cuja memória se torna impossível de plasmar em duas ou três fotografias de ocasião.

Verificámos, quão incompleto e injusto seria divulgar apenas a fotografia da Banda da Casa do Povo de Santo António das Areias, ou a da 1ª Banda de Marvão e esquecermos, por exemplo, aquela simpática figura do Ti José Afonso da Relva que com o seu harmónio de duas escalas, alegrava as manhãs dos vários dias de festa de S. Marcos enquanto a banda (oficial) não chegava. Sentado à porta da Igreja de Santo António, às vezes já com um copinho, para aquecer a alma, lá estava o Ti José Afonso enchendo e despejando o fole donde saíam as modas do seu tempo.

Quando ao longe já se começavam a ouvir os marciais sons da banda que pela avenida subia, era a hora do harmónio, que apenas duas escalas tinha, dar lugar aos sons que mais longe se ouviam. Para ali ficava guardado o harmónio até à noite. Quando a banda se recolhia e os mais abastados se dirigiam à Sociedade para assistir ao teatro, lá se voltava, de novo, a ouvir o som do velho instrumento para alegrar os bons amigos da noite.

São figuras como esta, que espalhadas por todo o concelho marcaram culturalmente distintas épocas, e cuja memória não se pode esquecer. Se Ti José Afonso, pedreiro de profissão, alegrava alguns bailaricos da Relva e da Asseiceira, outros tocadores

tiveram muito maior projecção.

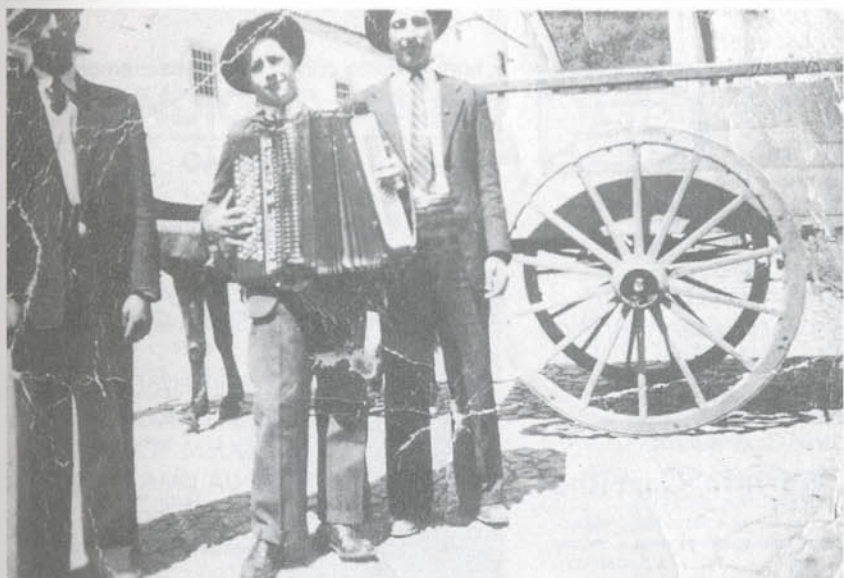
Quem não se lembra ou ouviu falar de Os Irmãos Alegres - Os Carrilhos da Portagem? O Vitorino, o Romão, o Manuel, o João e o José que na taberna do avô nos Cabeçudos aprenderam a tocar harmónio para chamar clientela e que grande fama vieram a alcançar. Este grupo por toda a região de Portalegre alegrou bailes e festas nos primeiros anos da década de quarenta. Após a sua dissolução alguns dos irmãos continuaram a abrilhantar bailes e arraiais. Deles se destacaram o João e o Vitorino, que aos seus descendentes transmitiram a arte da música.

Vitorino Carrilho, conjuntamente com os seus três filhos, viria a formar no Gavião a Emissora Carrilhos. No prospecto de apresentação deste agrupamento podia ler-se:

Nosso conjunto é descendente
Do concelho de Marvão
Mas reside actualmente
Na bonita vila do Gavião.

Mantém-se em actuação a Emissora Carrilhos até finais dos anos sessenta. Alguns dos seus elementos ensaiaram uma carreira individual, como é o caso de Francisco Carrilho, que ainda fez ouvir o seu acordeão através da "Emissora Nacional".

O fundador da Emissora Carrilhos, actualmente com setenta e sete anos continua a ser solicitado para animar festas e casamentos. Com orgulho mostra-nos uma velha agenda onde apontou, entre 21 de Novembro de 1937 e 20 de Setembro de 1992, o nome dos noivos e o local de



Manuel Serra Calha, da Escusa



Orquesta Flor do Pereiro

realização dos 459 casamentos que entre essas datas alegrou.

A um canto, na sua casa de Santo António das Areias, junto ao estojo do banjo



No dia
em



na Casa do Senhor

REALIZA-SE

UM GRANDIOSO

B A I L E

- ABRILHANTADO PELO ACORDEONISTA -

Vítorino Baptista Carrilho

Que possui um variadíssimo repertório de música de dança e canções — o ás dos CASAMENTOS, que dedica PÓESIA em saúdes ou VERSOS AOS NOIVOS, PAIS DOS NOIVOS E A TODA A ASSISTÊNCIA. Dedicará canções aos noivos, acompanhando com o seu Banjo e fazendo uso também das suas formidáveis Castanholas nas ocasiões oportunas.

Ver para crer! ☞ Experimentar para continuar!

Tip. C. Aguiar - Pinheiro, 1941 100 ex.



A T E N Ç Ã O

I
Quem estiver arreliado
Ou na vida tiver sarilhos
Venha ouvir um bocado
A alegre Orquestra Carrilhos

II
Este conjunto sempre tem
Música farta e variada
Para sempre animar bem
Durante uma alegre noite

III
Rapazes e Raparigas
Pois venham já sem demora
Ouvir as nossas cantigas
Através da parelhagem sonora

IV
Com os nossos belos acordeons
Linda banjo e castanholas
Deliciando-vos com seus sons
Jovens rapazes e moçoilas

V
Nosso conjunto é descendente
Do concelho de Marvão
Mas reside actualmente
Na bonita vila de Gavião

Direcção é:
EMISSORA CARRILHOS
GAVIÃO

Tip. Aguiar d'Ouro - Abrantes - 500 ex - 17-7-383

num grande cartaz impresso e emoldurado lê-se:

ATENÇÃO

QUEM ESTIVER ARRELIADO
OU NA VIDA TIVER SARILHOS
VENHA DISTRAIR-SE UM BOCADO
A OUVIR A EMISSORA CARRILHOS

NESTA CASA SEMPRE HÁ-DE HAVER
MÚSICA FARTA E VARIADA
PARA ANIMAR QUEM VEM BEBER
SEMPRE SE ARRANJA UMA GAITADA
O Autor Pai e Filhos
Formam a Emissora Carrilhos

Estava este cartaz exposto na taberna de Vitorino Carrilho na Vila do Gavião que, como o seu autor nos diz, com a ajuda da música e do bom vinho tirava a freguesia a todas as outras tabernas.

No programa de publicidade de Vitorino Carrilho do ano de 1954, lê-se "Que possui um variadíssimo repertório de música de dança e canções - o ás dos CASAMENTOS, que dedica POESIA em saúdes ou VERSOS AOS NOIVOS, PAIS DOS NOIVOS E A TODA A ASSISTÊNCIA...". Parte desses versos transcrevemo-los aqui, extraídos do pequeno caderno que o seu autor religiosamente guarda.

Livro da Versão

Poeta

Vitorino Baptista Carrilho

1 Julho 1945

GRANDIOSO BAILE

em _____ às horas

ABRILHANTADO PELO EXÍMIO ACORDEONISTA

Francisco Nunes Carrilho

Este artista de grande relevo que ultimamente tem adquirido a simpatia de todo o público, é possuidor dum variadíssimo repertório de música para dançar.

Aceita contratos para:
Bailes, Programas de variedades, etc.

VER PARA CRER!

Experimentar para continuar!

Direcção: GAVIÃO (Alto Alentejo)

Rua Dr. Eusébio Leão

Telef. 18



I
Eu vou ver se ainda sei
Ainda versar como dantes
há! agora de repente me lembrei
De uma daquelas interessantes

II
Não há pinga que igual
há que este copo dentro contém
Desterro quem me quer mal,
Saúdo quem me quer bém.

III
Saúdo quem me quer bém
estimo quem bem me estimar
Pois então para versar,
Melhor eu do que ninguém.

IV
Com isto vou terminar
E acabo por dizer tudo
Sou perguiçoso para trabalhar
Mas para comêr não sou bicudo

V
Para comêr não sou bicudo
Com isto tenho alegria
Saúdo tôdos em geral
E viva a nossa harmonia
VI
Viva a nossa harmonia
O nosso bom contentamento
Viva o noivo mais a noiva
E o célebre dia do casamento.

I
Eu vou bebêr este vinho
Que me passa por entre os dentes
Saúdo todos os amigos
Os que estão aqui presentes

II
Os que me estão aqui presentes
Tôdos me servem de espêlho
Vou saudar também
As nossas prêsas de coelho
III
Às nossas prêsas de coêlho
Até ôlho lhe pisco
Vou saudar desde já
Quem nos arranjou o petisco

V
Quem nos arranjou o petisco
Sabe cozinhar na verdade
Pois então saúdo tôdos
E viva a nossa sociedade

I
Isto é o sumo da uva
Que da parreira foi vindimada
Depois dela desfegada
E por tôdos nós estimada

II
Eu vou bebêr este vinho
À saúde dos S^{res} padrinhos
Do S^o noivo e da S^o esposada.



Banda da Casa do Povo de Santo António das Areias

I
 Já comêmos, já bebêmos e já versamos
 Já de tudo enchêmos a barriga
 Agora perante os que aqui estamos
 Vou dar a despedida

II
 Peço-vos do coração
 Para escutardes o que eu vos digo
 Peço-vos desculpa e perdão
 Se ficardes ofendidos comigo

III
 Se ficaram ofendidos comigo
 Não têm mais se não desculpar
 Se me tornei aborrecido
 Foi sómente para tempo passar

IV
 Foi sómente para tempo passar
 E foi tempo que já passou
 Adeus noivo e adeus noiva
 Já a mocidade vos deixou

V
 Já a mocidade vos deixou
 Tôdos ou quase, andamos esse caminho
 Já o destino vos ligou
 Juntinhos ao vosso ninho

VI
 Juntinhos ao vosso ninho
 Muita sorte vos dêa deus
 Que sigais sempre por bom caminho
 São êstes os desejos meus.

I
 Isto é o sumo da uva
 Que da parreira se vindima
 É bebida da nossa estima
 Quando êle ao altar suba

II
 Ele os valente derruba
 Os lentes e os auctores
 Eu bebo êste vinho à saúde
 De tôdas as senhoras e senhores

I
 Até tenho estado a afligir-me
 Em ter-me conservado assim calado
 Já não posso divertir nem divertir-me
 Que por fim sou censurado

II
 Por fim censurado
 Mas por coisas sem louvôr
 Tenho ido a muitos casamentos
 Podem perguntar meu valôr

III

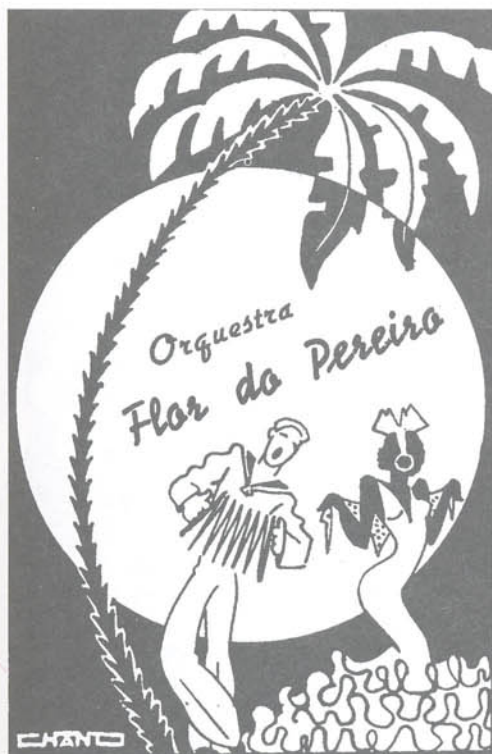
Podem perguntar meu valôr
Minha clara consciência
Se há alguém que me censure
E por coisas sem importância

IV

É por coisas sem importância
ou como dizer, coisas mínimas
Não vale a pena chegar ânsia
Ao coração de certas meninas

V

Ao coração de certas meninas
Traço eu hoje esta experiência
Ser delicado e respeitador
É esta a minha competência



1.500 EXEMP. - 1-9-1950
TIP. SEQUEIRA - STº ANTIº DAS AREIAS

I

Eu vou bêber este vinho
que foi extraído da sepa torta
a uns faz perder o tino
a outros faz errar a porta

II

Muitos afeitos produz
a quem dêle se vai gozando
é como a nossa mocidade
quando por ela vamos passando

III

Quando por ela vamos passando
junto de bons ou maus contentos
até que a gente chega a casar
passa por muitos tormentos

IV

Passa-se por muitos tormentos
passando uma vida de canseira
mas por fim a fim de tempos
arranjou uma companheira

V

Arranjou uma companheira
que o destino assim o permitiu
mas até que êste ponto chegou
a quantas êle não mentiu

VI

A quantas êle não mentiu
quantas faltas ele cometeu
mas sempre na esparrela caíu
porque esta o convenceu

VII

Porque esta o convenceu
já assim tinha que ser
foi o destino que deus vos deu
e acabou-se aí, que dizer.



Segunda Banda de Marvão

I

Isto é o sumo da uva
que da parreira foi vindimada
quando a gente o saboreia
sabe mesmo a sangue de pato

II

Bebe-se o 2º e 3º copo
ao 4º até da regalo
quando o 5º se acaba de beber
produz o efeito de galo

III

Produz o efeito de galo
porque já vai estando cheio o papo
quando ao 5º se junta o 6º
já trabalha o sangue de macaco

IV

Já trabalha o sangue de macaco
em grande circulação
aumenta a força a tal ponto
que transforma o homem em leão

V

Transforma o homem em leão
já ninguém do que êle é mais tôrto
por fim caiu num lodreiro
ali adormeceu como um porco

VI

Ali adormeceu como um porco
até que alguém dele se compadeça
pois os efeitos que ele produz
e está acabada a conversa

mote

**O noivo já te casaste
Já mudaste de estado
Já deixaste o lar querido
aonde foste criado**

I

Onde foste criado
Com tanta dedicação
e afagos do coração
de tua mãe e pai amado
deves ser sempre lembrado
porque teus pais nunca te esquecem
nunca de ti, se aborrecem
pelo contrário teêm saudade
na flôr da tua mocidade
o noivo já te casaste

II

Chegaste à conclusão
que de há muito querias chegar
de tôdos nós te acompanhar
Junto da tua geração
Eu dou-te toda a razão
Porque fizeste o que derias
Realizar estas alegrias
Dando prazer a esta gente
Porque está tudo muito contente
De já hoje mudares de estado

III

Já és um homem casado
Inda há pouco eras rapaz
Mas isso a ti te apráz
Porque já estás amparado
E para sempre acompanhado
Com a companheira que te seduz
E se um filho vos vier à luz
Dai-lhe abraços e beijinhos
Porque são os melhores carinhos
E já deixaste o lar querido

IV

Nunca serás esquecido
Por aqueles que te criaram
seus esforços empregaram
Até que não foste crescido
Mas como homem decidido
E com a tua bôa vontade
Pra te vir acompanhar
Já abandonaste o lar
Aonde foste criado

mote

*Ó noiva és esposada
Já hoje tens um marido
Deus te veja bem casada
No teu lar belo e querido*

I

*Despediste de teus pais
E de teus irmãos também
Pediste a bênção à tua mãe,
A teu pai com alguns ais
Sempre te foram leais
E sempre lhe foste amada
Hoge veêm te amparada
Chegaste a êste apuro
Deus te dê um futuro
Ó noiva és esposada*

II

*Se chegares a ser mãe
Um dia quando calhar
Chegarás a avaliar bem
Quanto amor nos têm
Quem tanto nos teve que embalar
E no bêrço a soluçar
Sem saber às vezes o que quer
Passando o tempo aborrecido
Já és hogue uma mulher
Porque já hoje tens um marido*

III

*Deves sempre respeitá-lo
Deves sempre querer-lhe bem
Deverás sempre amá-lo
Como te ama a tua mãe
Faz sempre por ser alguém
Enobrece teu coração
Não degeneres a geração
Porque está acreditada
Deus te dê a sua bênção
Deus te veja bem casada*

IV

*A teus pais deverás ter
Um amôr infindo e puro
Porque olharam pelo teu futuro
Não deverás nunca esquecer
Hão-de te amar até morrer
E sempre te hão-de ter no sentido
O teu destino será cumprido
E longínqua a tua jornada
Oxa-lá que sejas afortunada
No teu lar belo e querido*



*Jazz
União de Santo
António das
Areias (anos
20)*

mote

*Tenho que fazer meus desafogos
Pra versar sou um cadete
Saúdo os compadres novos
Que organizaram este banquete*

I

*Tiveram um lindo gôsto
E um lindo proceder
Tanto assim que se está a ver
Está tudo muito bem dispôsto
Senão há até aposto
Coisa de mais maravilhas
Reunir aqui suas famílias
Todo êste acompanhamento
Eu pra fazer o meu contento
Tenho que fazer meus desafogos*

II

*Vós tivestes muito trabalho
Para criar vossos filhos
Mas hoje demonstra vossos brilhos
Dai-lhes confôrto e agasalho
Eu no meu projecto não falho
De correr bem êste banquête
Até parece um ramalhête
De cravos e rosas Alexandrias
Demonstro minhas sabedorias
Pra versar sou cadête*

III

*Vossos filhos já se casaram
Já mudaram pra novo estado
Muito trabalho vos têm dado
Até que este ponto chegaram
Em tudo isso repararam
E sabem que sois carinhosos
e ao mesmo tempo bondosos
Cheios de terno amor
E eu então cheio de fervor
Saúdo os compadres novos*

IV

*Quanto trabalho têm nossos pais
Para gente nos criar
Até que se chega a casar
Quantos gemidos e quantos ais
Seus filhos todos iguais
Todos eles um ramalhête
E a vida é um foguete
Que num ai no ar se apaga
Pois viva a família honrada
Que organizaram este banquete*



*Os Varetas
de Santo António
das Areias*

I
 Êste vinho está no copo
 e do copo vai p'ra barriga
 Por ser tão doce e tão bom
 Não sequer se mastiga

II
 Não sequer se mastiga
 E sendo ele tão potente
 Que acaba por ser o mais forte
 Que até dá cabo da gente

III
 Não nos deixa andar p'ra frente
 E a gente mais que danado
 E já tôdo impertinente
 Tem que aterrar porque é escusado

IV
 Ele é que manda nas canetas
 E as faz dançar para o lado
 E a gente todo embriegado
 Começa a trocar as palhêtas

V
 Ali é que não há mais tretas
 Por mais que a gente se cansa
 Começa a cabeça numa dança
 E as faces duas rosetas

VI
 Tudo isto acontece
 Aquém é amante de galho
 Por ser tão bom e merece
 Que até nos faz andar de balho

I
 Êste vinho vou saborear
 E vai me passar pela goela
 por seres uma pinga tão bela
 Até te vou arrecadar

II
 Cá dentro do meu papinho
 Se de isso me dás o prazer
 Por isso eu te vou beber
 Para me dares um calorzinho

III
 Se de isso fizeres o gôsto
 Mas não me hás-de fazer mal
 Porque se me vens ao canal
 Deixas-me ficar mal dispôsto

IV
 Mas não deixas creio bem
 Porque em ti tenho confiança
 Chegas-me coisas à alembança
 Que meu peito sem ti não se contém

V
 E se por ventura houver alguém
 Que de ti queira desdenhar
 Eu digo logo que és sagrado
 Porque também vais ao altar

VI
 Tu é que vais imitar
 O sangue mais precioso da vida
 Abençoada sejas ó planta
 E terra onde foste produzida



Os Arenenses,
 na Discoteca Cave,
 1970

I
 Ainda bebo mais este vinho
 Êste vinho vou beber
 P'ra passar um bocadinho
 E para sempre me entreter

II
 Isto é para disfarçar
 Mágoas a quem as tiver
 Estou sempre para versar
 E para me combater

III
 E para isso ainda há de haver
 Cavalheiros dos mais prontos
 Que sejam capazes de fazer
 Quadras de 40 pontos

IV
 Quadras de 40 pontos
 Não falando no mote
 Este é que é o meu dote
 Até parece cantar contos

V
 Até parece contar contos
 Mas não contos de réis
 Quem se não souber defender
 É puxo pelos papéis

VI
 É puxar pelos papéis
 ou pergunte um professor
 Eu então do que tenho dito
 Eu é que sou o autor

I
 Eu cá sempre vou bebendo
 Êste vinho que me delicia
 E sempre vou respondendo
 Mas sempre com muita alegria

II
 E sempre tenho a mania
 Como eu não há igual
 Demonstro a sabedoria
 Cá no nosso Portugal

III
 E se algum cair em tal
 De comigo se meter
 comigo se vai a ver
 Meto-lhe as cabras no curral

IV
 Até me há-de pedir
 De mãos postas pro deixar
 Eu hei-de me fartar de rir
 E ele há-de querer chorar

V
 Sem eu nada lhe fazer
 Fica tôdo cheio de medo
 E eu oculto o meu segrêdo
 Mas quero o fazer sofrer

VI
 Quero o fazer sofrer
 Mas sem lhe fazer nenhum mal
 De comigo se meter
 P'ra nunca mais cair em tal



Part Time, de Santo
 António das Areias

I
 Não posso deixar de beber
 Nem posso deixar de versar
 Muito menos de responder
 Aquém me interrogar

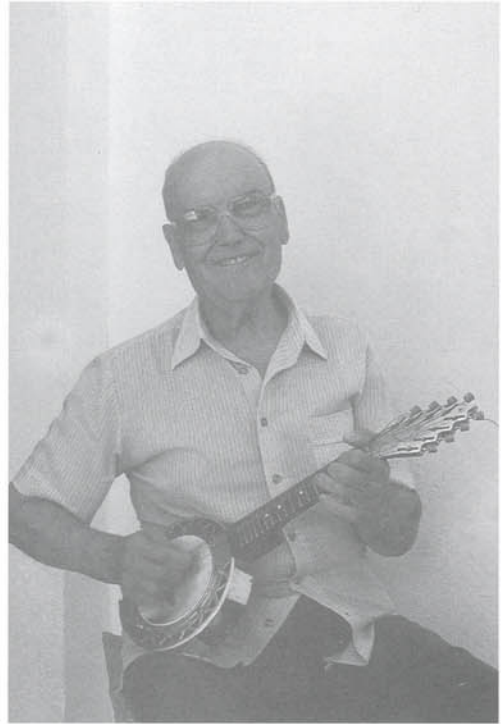
II
 Aquém me interrogar
 Respondo com atenção
 Eu sei improvisar
 Porque tenho vocação

III
 Tenho comigo um condão
 Que custou apenas 6 vinténs
 Em tempos que já lá vão
 por isso dêem-me os parabéns

IV
 Vê coração se te contens
 E se podes ocultar
 O segrêdo que lá tens
 Não o queiras revelar

V
 Que se deem a adivinhar
 O segredo que estás a encobrir
 Só o meu pai e a minha mãe
 É que o podem descobrir

VI
 Até me farto de rir
 E tudo me está a escutar
 Um condão como este meu
 É custoso de encontrar

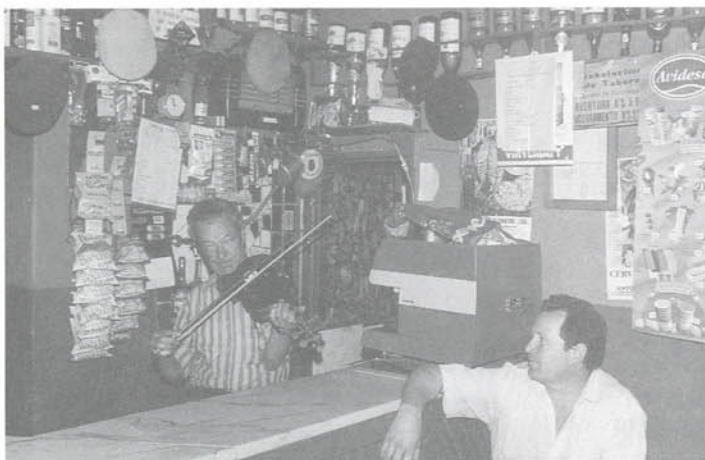


Vitorino Carrilho, em 1993

Vitorino Baptista Carrilho - Ranginha



Os Arenenses, 2ª fase



*Jorge Picado da Silva Reia,
do Porto da Espada*

Para além dos músicos da Família Carrilho, vários outros animadores de festas e casamentos se conhecem neste concelho. Porque nos propúnhamos neste artigo divulgar unicamente, bandas e grupos musicais apenas abordaremos mais dois animadores de festas, ficando para o próximo número da Ibn Maruán a referência a outros músicos que de forma, predominantemente isolada, alegraram as noites de outros tempos.

Manuel Serra Calha, actualmente com cinquenta e nove anos, residente na Escusa, será dos poucos tocadores de acordeão que estudou música. Filho e sobrinho de acordeonistas, Manuel Calha concluiu o segundo ano de solfejo do Conservatório.

Jorge Picado da Silva Reia, natural de Porto Espada onde nasceu em 1934. Começou por tocar banjo, que ainda conserva, animando hoje, mas já raramente, os fregueses do seu estabelecimento com o som de um violino.

2.

O agrupamento musical mais antigo de que há memória no concelho de Marvão é a primeira Banda de Marvão. A fotografia que aqui apresentamos, única de que há conhecimento, fazia parte do espólio de Jeremias da Conceição Dias e foi-nos facultada por gentileza do Sr. António Silvério. Trata-se de um documento fotográfico obtido entre 1905 e 1910.

É já em 1923 que se funda o Jazz União de Santo António das Areias. Foi sua madrinha a Sr^ª Dona Inês Serrano que lhe ofereceu o estandarte. Compunham inicialmente o Jazz União: José Baptista Mamede, Dionísio Nunes, Manuel Gavanha, António Azevedo, José Maria Gavanha e António Araújo. No bombo deste agrupamento foi pintada a figura de Betty Boop; já célebre em 1923 numa aldeia esquecida do Alentejo raiano.

Alguns anos mais tarde, (1945) e porque os seus elementos eram, na sua maioria, funcionários da Casa Sequeira,



Primeira Banda de Santo António das Areias

mudam o nome do agrupamento para Orquestra Flor do Pereiro, publicitando, assim os produtos desta empresa. Compunham inicialmente a nova orquestra: José Baptista Mamede, Luis António Espada, António Tomaz, Joaquim Curado da Silva, Calixto Ourives Lopes, Jorge Ourives Lopes, José Vidal, Mário Mendes e Fernando Lança tendo por director artístico João Serrano Sequeira. Na década de cinquenta atinge o seu apogeu, animando bailes e outros espectáculos em várias localidades.

Ainda no tempo do Jazz União, funda-se a primeira Banda de Santo António das

Areias. Composta por alguns dos membros deste agrupamento aos quais se juntaram mais elementos. Na década de cinquenta e após alguns anos sem banda, Santo António das Areias vê nascer um novo agrupamento ligado à Casa do Povo. Apresenta-se com um traje cinzento, contrastando com os tons escuros da primeira. Esta banda deixaria de actuar nos fins da década de cinquenta.

A Orquestra Flor do Pereiro, na década de sessenta, dá lugar a um novo agrupamento, que fez brilhante carreira por todo o país e estrangeiro. Referimo-nos ao Conjunto Musical os Arenenses que

inicialmente era formado por: Manuel Gavancha (acordeão e órgão), Nuno Mota (viola eléctrica), Fernando Lança (trompéte), Manuel Joaquim Mota (bateria) e João Manuel Lança (vocalista). Por este agrupamento passaram também nomes como Casimiro Pereira, José Pires, Diamantino Realinho, etc.

Pela mesma altura em que os Arenenses faziam as suas actuações, nasce, para rapidamente desaparecer, um novo agrupamento denominado Os Varetas. Era composto por alguns membros de Os Arenenses (Nuno Mota, João Manuel Lança e Manuel Joaquim Mota), aos quais se uniram Flávio Ramos e José Paulo.

Lentamente, o Conjunto Musical "Os Arenenses", assiste à entrada de novos membros, na sua maioria não residentes em Santo António das Areias, levando a que na década de setenta se passe a chamar Part-Time. José Bastos, Diamantino, Vitor Conchinha, Casimiro, Durão e Nuno Mota compunham este renovado conjunto.

Nos finais da década de setenta funda-se outro agrupamento musical em Santo António das Areias. Denominado "Quercus" era composto por Fernando Vieira, José Joaquim Maravilhas, João Manuel, Vitor Conchinha, Romão, José Manuel Gavancha



Jaz União de Santo António das Areias (anos 20)

e Clemente. Este conjunto poucas actuações registou, vindo a dissolver-se algum tempo depois da sua formação.

Recentemente começou a ensaiar, ainda de uma forma algo desordenada, um grupo musical que dá pelo nome de Graveyard. Fundado em Marvão é composto por Rui Nunes - a bateria, Arlindo Gonçalves-vocalista, Artur Portela - viola baixo, Pedro Silvério - viola ritmo e Fernando Semedo que fará os solos de viola. Este grupo que ainda

não actuou publicamente, parece apostar num som forte e em letras provocantemente denunciadoras duma moral gasta que, segundo os seus elementos, marca o ambiente que os rodeia.

Não se esgota por aqui o número de instrumentistas e agrupamentos que alegravam as festas e bailes deste concelho. No próximo número da Ibn Maruán de outros nos iremos ocupar.



O Quercus de Santo António das Areias



Orquestra Flor do Pereiro, finais dos anos 40, na Herdade do Pereiro.

Constituição do Grupo: Director João Serrano Sequeira; Trombone de Vara - Calisto O. Lopes; Saxofones Alto - Mário Mendes e José António Vidal; Trompetes - José O. Lopes e Fernando Lança; Rabecão e Acordeon- Luis António Espada; Violino - José B. Mamede; Bateria - António Tomaz.

EL-REI DOM CARLOS NUMA CAÇADA EM MARVÃO

Afonso Henriques Antunes



No Alto Alentejo e no concelho de Marvão fica situada uma pequena povoação denominada Galegos. A pouca distância desta povoação, no meio de uma frondosa paisagem de castanheiros, ergue-se o posto fiscal de Galegos.

Ufana-se este posto em ter acolhido nos seus aposentos, em Março de 1907, o Senhor Dom Carlos, Alentejano do coração, convidado pelo Visconde de Reguengo, D. Jorge Frederico de Avilez, casado com uma filha dos Vicondes de S. Tiago de Cayola, para assistir a uma caçada nas suas propriedades na fronteira espanhola.

PARTIDA PARA CASTELO DE VIDE

No dia 22 de Março do referido ano, dirigiu-se El-Rei para a estação do Rossio, onde chegou às 10 horas e 25 minutos numa "americana", acompanhado do camarista de serviço, o Conde de S. Lourenço. Sua Magestade vestia à paisana, fato escuro de viagem, "bonet" à inglesa claro e sobreudo escuro.

Nesta estação era aguardado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, Conde de S. Luis, Ministro de Espanha, Barão Alberic de Fallon, Ministro da Bélgica, Visconde de Mairos, Secretário de Legação de Espanha, Marquês do Faial, pelo seu Secretário particular, Mordomo Mor da Côrte e o Camarista do Príncipe Real, Generais Craveiro Lopes e Cabral Couceiro, Coroneis Malaquias de Lemos e Charters de Azevedo, Tenente-coronel Barjona de Freitas, Capitão Alvim e Sobral, engenheiros André Leproux, Lavielle d'Anglard e Carlos Bastos, Dr. António Paredes, João Sequeira e José Joaquim da Cunha e Silva.

Depois de receber os cumprimentos das pessoas presentes dirigiu-se para o salão real,

que se encontrava atrelado ao comboio omnibus.

Acompanharam El-Rei na sua viagem os Ministros da Bélgica, Conde de S. Lourenço, Coronel Charters de Azevedo, ajudante de campo e oficial às ordens.

No salão da Direcção da Companhia Real seguiram até Castelo de Vide o General Cabral Couceiro, pela fiscalização do Governo e pela Companhia Real, engenheiros Lavielle d'Anglard, da tracção, Carlos Bastos do movimento, inspector António Santos e Dr. António Paredes, sub-chefe do serviço de saúde.

O comboio foi rebocado por duas máquinas, devido ao excesso de peso do salão real.

Dirigiu superiormente o serviço das máquinas o maquinista principal Sr. Amaral.

O serviço de polícia na estação foi feito por guardas da 5ª esquadra e pelo piquete do Governo Civil, às ordens do Chefe Amorim.

CHEGADA A CASTELO DE VIDE

Sua magestade acompanhado da sua comitiva chegou à estação de Castelo de Vide às 17 horas e 15 minutos. Na gare era aguardado pelo Governador Civil efectivo e substituto de Portalegre, respectivamente Dr. Albino de Figueredo e Visconde Cidrais, Comissário da Polícia, Reitor do Liceu de Portalegre, Delegado do Procurador Régio de Portalegre, Câmara Municipal de Castelo de Vide, várias outras pessoas de representação de ambas as localidades, grande concurso de povo, e Filarmónica Artística Popular.

Quando o combóio chegou subiram ao ar girandolas de foguetes e a filarmónica tocou o hino real. El-Rei foi entusiasticamente victoriado tanto à chegada à estação como na Vila e durante o percurso para esta. Foram-lhe levantados muitos vivas, calorosamente correspondidos pela multidão, que não se cansava de saudar El-Rei. O Senhor Dom Carlos agradecia visivelmente comovido estas carinhosas manifestações populares.

Depois de ter recebido os cumprimentos do estilo na sala destinada às recepções entrou no seu automóvel com o Sr. Charters de Azevedo e convidou a acompanhá-lo na carruagem George Robison e Visconde de Reguengo.

Seguido de mais três automóveis e de 12 carruagens pôs-se o cortejo em marcha para Castelo de Vide, onde chegou pelas 18 horas.

À entrada da Vila subiram ao ar inúmeras girandolas de foguetes, sendo Sua Majestade aguardado por grande número de individualidades, muito povo e filarmónica local. A manifestação foi grandiosa não obstante ter sido resolvida quase à última hora. Calcula-se em mais de 3 000 as pessoas que se encontravam à entrada da Vila.

El-Rei percorreu as ruas da Carreira de Baixo, praça D. Pedro V, onde admirou a estátua e ao passar diante do monumento do rei D. Pedro V, o muito amado, ordenou o andamento vagaroso do seu automóvel e descobriu-se respeitosamente perante a estátua de seu Augusto Tio, Carreira de cima e parque, ruas ornadas de ricas colgaduras e apinhadas de povo, dirigindo-se depois ao largo dos asilos de Infância Desvalida, dos Cegos e Inválidos do Trabalho, largo onde tocava a

fanfarras do asilo de cegos de Nossa Senhora da Esperança.

Os asilados, abriram alas, sendo lançadas para dentro do automóvel muitas flores, principalmente lindíssimas camélias da região.

O Presidente da Direcção do Asilo dos Cegos, Rev.^o Vigário da vara padre António José Ferreira da Trindade apresentou a Sua Magestade uma saudação escrita pelos ceguinhos segundo o sistema Braille, saudação do teor seguinte:

“SENHOR”

Os cegos do asilo de Nossa Senhora da Esperança desta vila pedem a Vossa Magestade para muito humilde e respeitosamente deporem perante a Vossa Augusta pessoa os seus sinceros cumprimentos de boa vinda a esta Sintra do Alentejo (assim se dignou cognominá-la o Augusto Tio de Vossa Magestade o saudoso e sempre chorado monarca Senhor D. Pedro V). Seja-lhe permitido também erguer preces ao Altíssimo para que o futuro de Vossa Magestade e de toda a família Real portuguesa tenha um horizonte recamado de paz e ventura.

PARTIDA PARA O POSTO FISCAL DOS GALEGOS

Eram 18 horas e 30 minutos quando o automóvel que conduzia El-Rei tomou definitivamente o caminho de Marvão em direcção ao posto fiscal de Galegos onde Sua Magestade ficou instalado durante os dias da caçada. Atravessou a fértil região de Castelo de Vide, Escusa, passou pelo aprazível prado de Marvão, sob um frondoso túnel de viçosas árvores, até entrar no pitoresco e turístico sítio

da Portagem, banhado pelo rio Sever.

Vem a propósito deste sítio recordar que D. João I numa carta de doação de 1433, datada de Abrantes doou a herdade da **portagem de Marvão** "com todas as suas rendas e pertences" a Iria Gonçalves que foi mãe do glorioso Condestável D. Nuno Álvares Pereira, fundador da Casa de Bragança.

Chegados ao posto fiscal dos Galegos, foram levantados entusiásticos vivas a El-Rei e à Família Real, até depois da refeição que

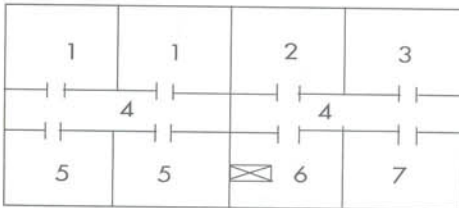
durou até cerca das 22 horas, durante a qual a filarmónica marvanense executou algumas peças do seu repertório.

CAÇADA REAL

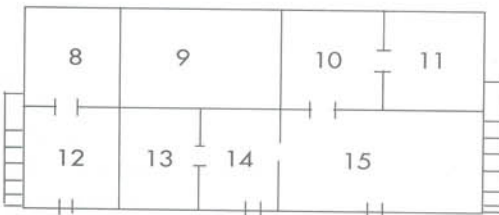
No dia 23 procedeu-se à primeira caçada no couto de Chaves (Espanha). Sairam os caçadores às 7 horas e 25 minutos e ao atravessarem a fronteira no sítio de Porto Roque (Espanha) foi o monarca português alvo de uma manifestação de simpatia pela



Fachada do Posto Fiscal dos Galegos, na fronteira de Marvão, onde El-Rei e a sua comitiva pernoitaram no regresso das caçadas



Planta do 1º andar: 1 e 5 aposentos da comitiva; 2 gabinete de jogos; 3 gabinete de leitura; 4 corredor; 6 quarto de El-Rei; 7 criado de quarto.



Planta do rés do chão: 8 quarto; 9 cavaleriça; 10 arrecadação; 11 dispensa; 12 telégrafo; 13 serviço de cozinha; 15 casa de jantar.

Esboço da fachada e planta do posto Fiscal dos Galegos, no tempo do Rei D. Carlos.

multidão de espanhóis, acompanhados do Governador Civil de Cáceres e Guarda Civil que aguardavam a passagem de El-Rei por aquele local.

Foram mortos 4 veados, sendo um por El-Rei, outro por D. Ventura Izquierdo, outro por D. Paco Brejas e outro pelo Conde de S. Lourenço. Além destes foram vistos mais 15 veados, 4 lobos e diversos javalis.

No dia seguinte a caçada foi realizada no couro de Medronhal. O resultado foi o seguinte: El-Rei matou um veado, os cães apanharam dois javalis pequenos, outro caçador matou um javali, sendo feridos dois. Foram vistos mais alguns veados e javalis dos quais três solitários.

No dia 25 foi batido o couro de Benfayan pertencente a D. Bazilio Cedrum, de Madrid. A saída dos caçadores foi às 7 horas e 25 minutos e a chegada às 19 horas e 50 minutos, tendo sido satisfatório o resultado. Foram mortos três javardos e um lince, sendo este e um javali mortos por El-Rei; um outro por D. Ventura Izquierdo e outro por D. António-Garay. Foram feridos mais dois javalis que não foi possível encontrarem-se.

Quando Sua Magestade se preparava para lanchar foi surpreendido por uma manada de veados.

Foram vistos muitos javardos durante a caçada.

Ao regressar ao Posto de Galegos, foi Sua Magestade recebido pela Filarmónica de Marvão que tocou o hino.

Na tarde deste dia e a fim de cumprimentar Sua Magestade, saiu de Castelo

de Vide em direcção ao posto fiscal de Galegos a fanfarras do Asilo dos Cegos de Nossa Senhora da Esperança, acompanhada dos directores e regente do dito estabelecimento, fundado pelos beneméritos filhos ilustres de Castelo de Vide, Dr. João Diogo Zuzarte de Sequeira Sameiro e sua esposa D. Helena de Sequeira Sameiro.

El-Rei, com requintada amabilidade e carinho, recebeu os simpáticos e inteligentes ceguinhos, em seus aposentos particulares, assim como os directores e demais empregados, depois do jantar como se dignara marcar no sentido de os ouvir e apreciar com a maior atenção.

Acabado o jantar e encontrando-se já Sua Magestade e comitiva em seus aposentos particulares, ingressaram neles ceguinhos com os seus directores e pessoal referido, começando logo a executar variados e mimosos trechos de ópera e outras músicas escolhidas do seu excelente repertório, execução que muito agradou a Sua Magestade que, bastante sensibilizado, muito os aplaudiu, dispensando aos directores palavras elogiosas.

Sua Magestade mandou servir-lhes abundante copo de água, mostrando-se muito agradavelmente impressionado, impressão que foi manifestada pessoalmente por toda a comitiva, no Conde S. Lourenço, Ministro da Bélgica em Lisboa, Charters de Azevedo, Capitão Alvim e convidados, sendo os ceguinhos gratificados no final com a importância de quinze mil réis, oferta do Visconde de Reguengo, D. Jorge. Já bastante tarde retiraram os simpáticos ceguinhos do posto fiscal de Galegos para a Vila de Castelo de Vide.

Durante a sua estadia nos Galegos foram as refeições preparadas pela acreditada pastelaria Marques do Chiado, que para ali mandou um cozinheiro.

EL-REI D. CARLOS EM PORTALEGRE

No seu regresso a Lisboa, vindo das caçadas dos Galegos, no dia 26 de Março, pelas 9 horas e 10 minutos da manhã, deu Sua Majestade entrada em Portalegre pela rua de Santo André, no seu automóvel, em que vinham também os Viscondes de Reguengo, D. Jorge e Barão de Falon, Ministro da Bélgica.

Num outro automóvel atrás vinham o Conde de S. Lourenço, Charters de Azevedo e Capitão Alvim; ainda em outros dois automóveis, mais atrás vinham George Robison, Miguel Carlos Caldeira e várias pessoas convidadas. À porta do Palácio de Visconde do Reguengo, Sua Majestade e comitiva desceram para se demorarem alguns momentos naquele palácio, que estava para isso luxuosamente ornamentado sendo recebido pela Viscondessa do Reguengo e seu filho Jorge.

El-Rei deteve-se a observar uns objectos de marfim e uns quadros a óleo.

A uma das janelas apareceu em seguida Sua Magestade. tanto nessa ocasião como à chegada a Portalegre, mais de 8 000 pessoas que enchem a vasta avenida D. Carlos I, aclamaram El-Rei com entusiasmo.

A Banda Euterpe tocou o hino da Carta e muitas girandolas de foguetes estralejaram nos ares. Pouco depois Sua Magestade e comitiva tomaram os seus lugares nos

automóveis dirigindo-se para o edifício do Governo Civil onde se deu a recepção para cumprimentos.

Seguiram pelas antigas ruas do Martyr, do Infante D. Manuel do Tenente Valadim, do Mercado e Largo do Príncipe Real. De todas as janelas pendiam vistosas colgaduras, alguns de grande preço e mostravam-se outros muitos motivos de ornamentação.

À passagem de Sua Majestade foram atiradas muitas flores. A população mostrou-se animadíssima, repetindo calorosamente vivas.

À porta do edifício do Governo Civil estava postada uma companhia de guerra, sob o comando do Capitão Viana, tendo como subalternos o tenente Louzada e os alferes Tavares e Soeiro, do Regimento de Infantaria 22. Da porta do edifício do Governo Civil até à entrada do salão nobre do mesmo edifício fazia a guarda de honra a Corporação dos Bombeiros Voluntários.

Cá fora, a multidão movia-se compacta e ruidosa, como uma grande onda. Era sobrebo o espectáculo.

Logo que o automóvel em que Sua Magestade foi visto, a multidão irrompeu em quentes saudações, a banda da Infantaria 22 tocou o hino da Carta, a força militar apresentou armas, subiram ao ar inúmeros foguetes e um vento de entusiasmo comoveu toda a gente, arrancando uma delirante manifestação, de que Sua Majestade guardou por muito tempo agradável impressão.

El-Rei entrou no edifício do Governo Civil visivelmente bem disposto, foi ali recebido pelo Dr. Albino de Figueredo, Governador Civil do

Distrito, depois do que começaram as apresentações e cumprimentos no salão nobre daquele edifício. Por diante de Sua Majestade passou então o que de mais distinto tinha Portalegre, representantes de todas as famílias ilustres daquela cidade, de todas as colectividades e de todas as repartições públicas, como por exemplo: D. Gaudêncio José Pereira, arcebispo-bispo de Portalegre, cónego José Cardoso, presidente da Câmara Municipal de Portalegre, Dr. José Lino Neto secretário da Câmara, Dr. Albino de Figueredo, Governador Civil, Visconde Cidrais, Governador Civil substituto, Dr. António Lino Neto, secretário geral do Governo Civil, sacerdotes, etc, etc.

Todos os convidados trajavam casaca ou farda.

O Cónego José Cardoso leu pausadamente a mensagem de boas vindas, tendo Sua Majestade agradecido com as seguintes palavras: *"Estou sumamente penhorado pela recepção que me fez o povo de Portalegre e muito lh' agradeço. Interessar-me-ei para que seja atendida a representação sobre a linha férrea de Euzem de Portalegre e Castelo de Vide"*.

Feitos os cumprimentos, Sua Majestade desceu para o seu automóvel e com ele a comitiva, seguindo-se no meio das mesmas entusiásticas manifestações que teve à vinda pelas ruas então denominadas de Azevedo Coutinho, do Comércio, da Rainha D. Amélia, de Pinna Callado e de Fortuna Rosado. Ao fundo da rua de Elvas, o povo acumulou-se extraordinariamente, fazendo a Sua Majestade, quando passava uma manifestação que atingiu o mais alto grau de delírio.

Era nove e meia da manhã.

Os Dr. Albino de Figueredo, Visconde do Reguengo, coronel Blanco, Conde do Almarjão e Tenente Costa, acompanharam El-Rei até à Estação. O comboio saiu dali às 10 horas e 17 minutos e Sua Majestade não ocultava a satisfação que lhe causou a recepção em Portalegre.

Esta cidade honrou as suas tradições de fidalga hospitalidade ciência do seu amor à Pátria que ele simbolizava. Na estação do caminho de ferro de Portalegre havia também muito povo das circunvizinhanças, aguardando El-Rei. A sala de espera estava ornamentada por uma forma que agradou bastante a Sua Majestade.

O REGRESSO A LISBOA

Sua Majestade desembarcou na estação do Rossio, pelas 5 horas da tarde, no dia 26 de Março, depois de ter partido de Portalegre num comboio que fez serviço entre Badajoz e o Entroncamento tomando nesta estação o comboio mixto do Porto.

Para acompanharem Sua Majestade no regresso, partiram na noite do dia 25 para Portalegre o General Cabral Couceiro, pela fiscalização do Governo, Carlos Bastos e Dr. António Paredes, pela Companhia Real.

Na gare do Rossio Sua Majestade aguardado pelo Marquês do Faial, Conde de Sabugosa, Conselheiro Malheiro Reymão, Ministro das Obras Públicas e Vasconcelos Porto, Ministro da Guerra, General Craveiro Lopes, Coroneis Malaquias de Lemos e António Costa, Capitão Sobral Leotte Tavares, Chatrauneuf, Tenente-coronel Garcia

Guerreiro, D. António de Norona Paraty, Major Novais, Jorge Rebelo da Silva, José Joaquim Cunha e Silva, João Sequeira, André Leproux, etc.

EL-Rei D. Carlos vinha acompanhado dos dignatários de serviço, conde S. Lourenço e Charters de Azevedo e pelo Ministro da Bélgica.

Sua Majestade vestia fato completo claro de casaco e chapéu mole.

No fourgon vieram para Lisboa 5 peças de caça abatidas naquela excursão venatória e que foram transportadas num carro alentejano, vindos do posto fiscal dos Galegos: três veados, uma corça e um javali.

Sua Majestade seguiu com o Conde de

S. Lourenço para o Palácio das Necessidades em carruagem fechada, depois de receber os cumprimentos das pessoas presentes.

Está em projecto a colocação de uma lápide no Posto dos Galegos comemorativa da permanência de Sua Majestade naquele local, tendo para o efeito a Fundação da Casa de Bragança oferecido o mármore necessário.

Ocorrendo no próximo ano, o 8º centenário da conquista de Marvão aos mouros, parece aconselhável que, integrada nas comemorações que possivelmente se irão realizar, se proceda à fixação da referida lápide, assinalando a permanência no Alto Alentejo, do Rei muito Alentejano e muito afável, que foi o Senhor Dom Carlos.

28/5/19650



Posto fronteiriço de Galegos-Marvão, no seu estado actual, em 1994. Foto de J.Oliveira



*Família Real Portuguesa (cerca de 1870).
D. Luis e Dona Maria Pia Com seus filhos, o Príncipe D. Carlos e o Infante D. Augusto.
O Príncipe D. Carlos empunha uma pequena espingarda de caça, evidenciando-se já o
gosto por este "Desporto".*

BREVE ROMANCEIRO DOS CONCELHOS DE MARVÃO E PORTALEGRE

Ruy Ventura

BREVE INTRODUÇÃO

O trabalho que agora se apresenta é fruto de uma breve recolha levada a efeito em algumas das freguesias dos concelhos de Portalegre e Marvão, no sentido de se organizar um pequeno *corpus* de romances da tradição oral, subsídio para um melhor conhecimento da poesia popular da região do Nordeste alentejano. Para tal efeito recorreremos tanto a informantes, junto dos quais se obtiveram algumas versões desconhecidas, quanto a espécimes já publicados em monografias locais e colectâneas.

Divulgam-se assim, ao todo, 25 produções, sendo a sua maior parte de teor completamente inédito (13).

1. ENQUADRAMENTO GERAL DOS ROMANCES TRADICIONAIS

João David Pinto-Correia (1984, p. 18) afirma o seguinte acerca das origens deste género literário:

“Desde épocas remotas, que podemos situar na Idade Média, até aos nossos dias, comunidades “populares”, principalmente rurais, apropriaram-se dos romances como privilegiada componente do seu vasto conjunto de manifestações linguístico-literárias (...). Com toda a propriedade tais composições podem ser consideradas parte importante da literatura popular, se aceitarmos, segundo propõe Bernard Mouralis (...), que esta poderá ser concebida como conjunto de práticas discursivas *aceites* pelo povo, a par das que são *provenientes* (isto é, produzidas) desse estrato social (...). (...) Ao ouvirem essas composições, declamadas ou recitadas pelos jograis, os representantes do povo tê-las-ão fixado, memorizado, como seus produtores, iniciando o circuito da transmissão de boca a ouvido e ouvido a boca que, ao longo dos séculos, desaguou na actualidade.”

É ainda este autor que, citando o maior estudioso do romanceiro tradicional, Ramón

Menendez-Pidal, avança com uma definição para o romance, enquadrando-o numa poesia épico-lírica, dotada de brevidade, cantado geralmente ao som de um instrumento, quer em danças corais, quer em reuniões efectuadas para simples recreio ou para trabalho comum (cf. PINTO CORREIA, 1984, p. 23).

Diego Catalán, por seu lado, numa definição pouco divergente da anterior, afirma: "O romance popular de Portugal e Espanha, breve poema épico destinado ao canto e transmitido e reelaborado por tradição oral, é a modalidade peninsular da balada europeia" (1978, p. 957).

Adoptando as características da versificação tradicional, numa métrica geralmente de redondilha maior, e numa linha de sentido sempre de carácter dramático-narrativo, o romance de transmissão oral é sempre uma produção sujeita à reelaboração popular, na qual se aplicam os impulsos criadores de um povo, numa progressiva reflexão dos ritmos, imaginários e identidades colectivas.

Avivados durante séculos por uma cultura de traçado predominantemente rural, a sua temática é uma constante que se renova de versão para versão: a impressão e a lenda frutificadas em consequência da escassez de informações sobre determinado acontecimento causador de consternação geral (veja-se o caso do romance referente ao assassinio do rei D. Carlos), ou então a linha de sentido decorrente dos mais diversos temas novelescos, desenrolados em torno de um carácter em grande medida amoroso. Para além destes, temos aqueles cujo conteúdo se mantém na área predominantemente religiosa, sejam eles narrativas em torno de Jesus Cristo, da Virgem

ou dos Santos, ou produções cuja linha narrativa ou dramática circula em volta de alguns elementos da crença religiosa.

Vestígios há, entretanto, do romance tradicional nas rimas popularizadas por um certo etário infantil, graças ao qual se preservaram alguns espécimes, entretanto convertidos nas chamadas *cantigas de roda*. Elementos importantes são também aqueles que, nos nossos dias, mantendo a lógica do romance (mas metamorfoseando a métrica e rima tradicionais), foram sendo produzidos em torno de acontecimentos proporcionadores de emoção, como são, a título de exemplo, todos os que, ainda não há muito tempo, eram cantados e dados a ler em folhas volantes impressas nos locais de grande reunião (vg. feiras), mais uma vez captados pela memória popular, posteriormente reelaborados e transmitidos oralmente.

2. APRESENTAÇÃO DO PRESENTE CORPUS

O *corpus* de romances tradicionais divulgado nesta breve colectânea está organizado, em grande medida, de acordo com princípios classificativos desenvolvidos por João David Pinto-Correia. Temos assim os seguintes núcleos:

1 *Romances de Contexto Histórico Peninsular*, secção em que se apresenta um romance tendo como temática o regicídio de 1908, elemento importante para a análise da criatividade narrativa desenvolvida em torno de um acontecimento real entretanto aproveitado para o campo da lenda;

2. *Romances Carolíngios*, onde se publica uma versão subordinada à temática geralmente conhecida por "D. Carlos vestido

de frade", texto que, pelo seu conteúdo, poderá ser também incluído na secção denominada "Mulheres Seduzidas";

3. *Romances Novelescos*, subdivididos nas seguintes categorias:

- "Regresso do Marido", onde se divulgam duas versões da tão conhecida *Bela Infanta*, sendo uma delas inédita;

- "Amor Fiel", espaço onde se inclui um texto de inspiração nitidamente rural alentejana, intitulado *José Pino e Maribela*;

- "Adúltera", secção onde se apresentam variantes dos romances *Conde da Alemanha* e *Lauralinda*;

- onde se republica uma versão de *D. Silvana*;

- "Mulheres Seduzidas", na qual se coloca a xácara dita de *Ana Roberta*;

- e Incesto, onde são incluídos os romances *Dona Pastora* e *Adelina*;

para além destes, dois outros são ainda colocados nesta secção, sem que, no entanto, lhes seja dada qualquer classificação específica - o chamado *Verso de Decelina* e um outro vagueando em torno da temática amorosa e da falsidade de um dos amantes;

4. *Romances Religiosos*, onde se apresentam várias produções subordinadas à figura de Jesus Cristo (*Martírios do Senhor*, *Santa Madalena* e *Lavrador d'Airada*) e à Virgem Maria, estes últimos todos eles resultantes do contexto natalício, e um diálogo romanceado, numa personificação do corpo e da alma;

5. *Romances de Assuntos Vários*, onde se incluem duas versões do texto intitulado *D. Marques* (variante alentejana da conhecida *Donzela Guerreira*) e aquele que julgamos ser o início de um romance marítimo, entretanto mutilado e, em grande medida, perdido.

Para além destas categorias, acrescentamos mais duas, pretendendo com elas dar lugar à inclusão de alguns vestígios do romanceiro nas rimas infantis, assim como alguns exemplares daquilo a que chamamos "romances modernos".

3. ALGUNS COMENTÁRIOS

Neste espaço pretendemos incluir alguns comentários aos romances constantes no presente *corpus*, comentários esses formulados por dois dos mais importantes investigadores do romanceiro: Teófilo Braga e João David Pinto-Correia.

Os comentários serão organizados de acordo com o tipo de romance estudado.

D. CARLOS DE DIVINAL:

"Escreve D. Carolina Michaelis, nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular: "O cyclo do *Conde Claros* - ou antes os cyclos concentricos e oscillantes de que se compõe a sua vasta área - não é, portanto, de origem hespanhola, nem exclusivamente peninsular, como affirmam Wolf, Duran e Pidal, - importa que os nossos folkloristas escolham outro ponto de vista mais elevado, que lhes permita abranger horizonte mais largo e lhes desvende os terrenos do Folklore da Provença, França, Itália, Escossia, Alemanha Inglaterra, Suecia, Noruega, Hungria, Russia, etc.(...)" (...) no século XVI já considerado romance velho(...)."

"Um resto dos primitivos costumes da sociedade germanica apparece ainda n'este romance; segundo o extemporaneo Codigo Wisigotico (...) - a mulher livra que se abandava a um servo tinha a pena de fogo. A amante de Dom Carlos de Alem-mar vae ser queimada, por que não sabem que o filho que traz no ventre é de sangue real. Depping

atribue este romance ao Cyclo de Carlos Magno" (BRAGA, 1909, pp. 426 - 428).

"*Conde Claros em hábito de frade*: (...) romances sempre considerados como carolíngios, fogem às características épicas dos primeiros (...) para se apresentarem como aproveitamentos lírico-novelescos" (PINTO-CORREIA, 1984, p. 139).

BELA INFANTA:

"Segundo J.J. Ampère (...) pertence este romance ao Cyclo das lendas odysseicas, de que existem ainda os Cantos populares meridionaes, que entraram nas rhapsodias agrupadas no poema de Homero. É assombrosa a concordancia do genio do critico com a intuição popular: "as cantadeiras de Tras-os-Montes tratam a *Bella Infanta* como se fosse uma parte segunda da *Náo*" (...) E observa: "a Esposa fiel de um Navegante, que no entender do povo, não podia deixar de ser o dono da *Náo Catherineta*". (BRAGA, 1909, p. 335).

"(...) tão conhecida composição exemplifica a contaminação do género romancístico peninsular pelos temas da balada" (PINTO-CORREIA, 1984, p. 191).

CONDE DA ALEMANHA:

"Escreve D. Carolina Michaelis nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular: "Ha na peninsula quatro grupos de romances, originalmente diversos (...) em que a mulher (dona ou donzella) padece tormentos sem os merecer. (...) São: (...) 4º *D. Bernarda*, a menos popular das quatro, cujo nome por isso não varia, e que sofre por não consentir na deshonra da própria mãe, a amante do *Conde de Allemanha*." (...) contém um sentido social ainda conservado no titulo com que é

conhecido na ilha da Madeira, *Conde de Aramanha* e *Conde de Germanha*. Falando das *Hermandades* escrevemos: "O nome de *Arimania* e *Ariman*, que na lingua hespanhola se conserva *germania*, *hermandad*... (...) As Irmandades tinham por norma o recusar abrigo aos malfeteiros, resolverem as suas questões pelo julgamento dos tribunaes; (...) o sino (*campana*) da sua igreja é que as convocava, e debaixo das carvalheiras do adro se davam as sentenças". (BRAGA, 1909, p. 473).

"(...) embora se apresente com um título que remete para a personagem masculina do enredo adulterino, este romance assenta na relação polémica de significado axiológico muito curioso, entre a mãe adúltera e a filha intolerante, do que resultará o castigo do intruso Conde (...)" (PINTO-CORREIA, 1984, p. 192).

D. SILVANA:

"(...) É um dos quadros mais completos dos costumes feudaes (...)" (BRAGA, 1909, p. 466).

ROMANCE DA ADELINA:

"(...) trata-se de uma composição que assenta sua beleza e força no contraste entre o pai lúbrico e a filha obediente à ordem moral (...), do que advém o castigo de um e a recompensa sobrenatural para a outra (...)" (PINTO-CORREIA, 1984, p. 193).

LAVRADOR D'AIRADA:

"A nossa lenda piedosa é (...) primitiva, não tem sêlo ecclesiastico da maldição: o marido e a mulher, como Philemon e Baucis da Antiguidade classica, gosam ambos a bem-aventurança". (BRAGA, 1909, p. 604).

"(...) edificante caso do lavrador que, com caridade, recolhe em sua casa, dando-lhe comer e pousada, um pobre, que não é mais do que o próprio Cristo", (PINTO-CORREIA, 1984, p. 314).

D. MARQUES:

"É grande a vulgarização d'este romance em todas as provincias de Portugal, na tradição popular europêa, apresentando tambem a forma de novela, e personalizações historicas modernas a par das mais remotas origens. (...) As reminiscencias classicas levam a determinar na lenda de Achilles a situação em que o jovem heroe se achava disfarçado (...). (...) Nas numerosas versões portuguesas, encontram-se estas mesmas situações, mas desenvolvidas com uma calorosa ampliação dithyrambica apontando todas as características mais admiraveis da graça feminina. N'essas variantes definem-se as preferencias das mais encantadoras feições". (BRAGA, 1909, pp. 367, 368 e 372).

1. Romances de Contexto Histórico Peninsular

REGICÍDIO

Feira de Vila Viçosa
Que era a mais bela e formosa
Dos seus termos e arredores
Vinha o povo e os malteses
Mais El-Rei dos portugueses
Fina flor dos lavradores.

Uma cigana morena
De dentes cor de açucena
E de pele cheirando a cravo
Viu na feira de Janeiro
El-Rei D. Carlos Primeiro
Montando um cavalo bravo.

Uma figura perfeita
De chapéu de aba direita
Montando um bonito alter
Fica a cigana sem fala
E o cavaleiro a levá-la
Por amar essa mulher.

Contou-me a estalajadeira
Que a cigana feiteceira
Regressando entristeceu
Numa noite de luar
Esperou e tornou a esperar
Mas El-Rei não apareceu.

Passado o mês de Janeiro
No dia um de Fevereiro
Vou contar-lhes o que sei
Dois tiros no Terreiro do Paço
Ferem o Infante no braço
Matam outro e mais El-Rei.

Meus senhores o que é a glória
De nada serve esta história
Mesmo sendo bela ainda
Desculpem ser mal contada
Por ter sido inventada
Mas é uma lenda tão linda!...

LOCALIDADE: Porto de Espada - Salvador da Aramenha (Marvão)

COLECTORA: Maria Tavares TRANSMONTANO, 1979, pp. 79-80.

2. Romances Carolíngios

D. CARLOS DE DIVINAL

Apostemos, apostemos,
Não se me dá apostar;
Que hei-de dormir com Mariana,
Mais linda de Portugal!...
Vestido de romeirinha
À porta lhe foi passar...
-Que romeirinha é esta
À minha porta a passar?...

-Sou tecedeira, menina,
Além das bandas do mar...
Tenho a teia urdida,
As faltas venho buscar.

-Assenta-te romeirinha,
À minha porta a esperar;
Que minha mãe foi à missa,
Pouco pode demorar...

-Mas a jornada é longa,
E de noite não posso andar!...

-Se for por falta de comida,
Na minha mesa comerás;
Se for por falta de dormida,
Na minha cama dormirás...

Romeirinha que isto ouviu-o
Sentou-se logo a esperar...

Assim que veio a mãe da missa,
Foram logo a jantar
E assim que veio a noite,
Foram-se logo deitar.

Lá por essa noite adiante
Mariana dava ais:

-Não te assustes Mariana,
Que eu sou moço e tu és nova,
Ambos podemos casar.
Aqui te deixo o meu nome:
D. Carlos de Divinal.

Um irmão que aquilo ouviu,
Logo ao pai fora contar.

-Anda cá ó Mariana,
Que te quero examinar:
Hoje se vai juntar lenha,
E amanhã te vais queimar...

-Não me importa que me queimem,
Nem que me levem a queimar,
Só me importa o meu ventre,
Que leva sangue real.

-Mas logo que isto ouviu-o
Prá janela foi chorar:

-Não haverá nesta corte
Quem dinheiro queira ganhar?...
Para me ir levar uma carta
A D. Carlos de Divinal?...

Desceu um anjo do céu
À Mariana a falar:
-Aqui me tens ó Mariana
Para aquilo me precisares...

-Vai-me levar esta carta
A D. Carlos de Divinal.

Se ele andar passeando,
Deixai-o vós assentar;
Se ele estiver assentado,
Ide-la vós entregar.

D. Carlos de Divinal,
Assim que a carta recebeu,
Ficou triste e a pensar;
Partiu para um Convento
Onde ela havia de passar...
E assim que veio o cortejo
Ele logo o mandou parar,
"Que essa menina que aí levam
Ainda vai por confessar".
Confessai-a vós Senhor,
Que dentro dum quarto de hora
Mariana se vai queimar.

-Confesse-se bem menina
Queira-se bem confessar
Que ao meio da confissão
Um abraço me há-de dar...

Eu jurei por Deus do Céu,
E mais à Virgem Maria,
Que onde D. Carlos pôs os braços
Mais ninguém os poria.

Confesse-se menina confesse-se,
Queira-se bem confessar,
Que ao meio da confissão
Um beijinho me há-de dar...

Eu jurei a Deus do Céu
E mais à Virgem Maria,
Que onde D. Carlos pôs os lábios
Mais ninguém os poria.

D. Carlos deixou-se rir
E ela disse-lhe afinal:
-Pelo riso me parece

D. Carlos de Divinal!

-Diga agora ao seu pai
Que a venha aqui queimar,
Diga agora ao seu pai
Que a venha aqui buscar,
Que pela porta onde sair
Nunca mais torna a entrar.

INFORMANTE: Joaquina Sequeira
LOCALIDADE: Porto de Espada - Salvador de Aramenha (Marvão)
COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1979, pp. 73 - 77

3. Romances Novelescos

3.1 "O regresso do marido"

BELA INFANTA

Estava a Bela Infanta - no seu jardim assentada,
Com um pente d'ouro fino - seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar, - viu vir uma grande armada.
Capitão que nela vinha, - muito bem a governava.
-Dizei-me vós, capitão - dessa tão nobre armada,
Se vistes o meu marido -na terra que Deus pisava.
Anda tanto cavaleiro - naquela terra sagrada,
Mas dizei-me vós, senhora, - os sinais que ele levava.
-Levava cavalo branco, - selim de prata dourada
E na ponta da sua lança - a cruz de Cristo levava.
-Com os sinais que dizeis, - tal cavaleiro não vi,
Mas quanto dareis, senhora, - a quem no trouxera aqui?
-Daria tanto dinheiro, - que não tem conto sem fim.
E as telhas do meu telhado, - que são de ouro e marfim.
-Guardai o vosso dinheiro - e as telhas de ouro e marfim,
Vosso marido aqui 'stá, - olhai lá bem para mim.
Este anel de sete pedras - que convosco reparti,
Qu' é dela, da outra metade, - pois que a minha ei-la aqui.
-Vinde cá, ó meus filhos, - que vosso pai é chegado.
Abra-se o nobre portão, - há tanto tempo fechado.
Devemos dar graças a Deus, - graças ao Deus consagrado.

INFORMANTE: Felicidade Pedro Biscainho Ventura, de 40 anos
NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário
LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre).
DATA DE RECOLHA: Agosto de 1993.
COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

BELA INFANTA

Stand' a Snhô Dona Infanta - no sê jardim assentada,
 Com pente d'ôr na mão - sê cabele penteava.
 Detô os olhos ò lade - vi um capitã d'armada.
 -Daonde vens, vós, senhor, - Daonde vendes vossa armada?
 -Venhe da guerra, snhora, - da guerra daonde andava.
 -Nã vistes lá o mê maride? - Nim novi nim no conhêce.
 Dêim-me os seneles que levava - p'ra ver si o ê lá vi.
 -Levava um cavale branque, - sua sela bêm ôrada,
 Na ponta da sua lança - un crucefice levava.
 -Pos senais que me dás, snhora, - lá o vi morrer na guerra;
 Debaxe dum lire roxe - mil estocadas le derim
 Ai de mim, triste viúva, - ai de mim, triste coitada,
 Há dezasset 'anes viúva, - veje-me tã infêtada.
 (...)
 (Er' ò maride que vinha e ela nã o conhêcê: o marid' é que le vinha fazend' aquessa sprementaçã).

INFORMANTE: Jacinta da Conceição, de 72 anos.

LOCALIDADE: Escusa - Salvador da Aramenha (Marvão)

ANO DE RECOLHA: 1967

COLECTORA: Cândida da Saudade Costa Baptista, in *O Falar da Escusa*, dissertação para Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras de Lisboa, 1967. Republicado por Maria Aliete Soares GALHOZ, 1987, pp. 96 - 97.

3.2 "Amor Fiel"

JOSÉ PINO E MARIBELA

A tapada das sobreiras - tem uma fita amarela,
 Onde terminou a vida - José Pino e Maribela.
 Seu Pino ao pé do pai - p'ra falar c'a Maribela.
 Seu pai lhe respondeu: - "Filho, nã' cases com ela!"
 -Mas se eu não casar com ela, - *casarei-me* com a terra.
 José Pino ateimando - falar com Maribela.
 Maribela pede à mãe, - com bem pouca alegria:
 -Ô minha mãe, deixe-me ir - a Nossa Senhora da Guia
 -A Nossa Senhora da Guia - tu não tens lá que fazer.

(...)

Maribela pega em dois lençinhos - e foi para o tanque lavar.

Bebeu duas gotas d'água - para penas disfarçar.

José Pino pede à mãe - a melhor roupa que tinha,

P'r'ir falar com Maribela, - Maribela coitadinha.

Chegou ao cimo da rua, - 'inda ia a assobiar.

Mal diria sua mãe -que ele se ia matar.

-Toma lá este *revólvo* - dá-me cá um tiro a mim.

E ela lhe respondeu: - (...)

Um tiro a ti não te dou - porque eu não sou capaz.

Dá-me tu a mim - e outro a ti logo atrás.

Torradas novas, torradas novas, - são todas amarelas.

Assim acabou a vida - de José Pino e Maribela.

INFORMANTE: Joaquina Rosa Cordas Lourinho, de 68 anos.

LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)

DATA DE RECOLHA: 06.12.1993.

COLECTORA: Joana Marmelo.

3.3 "Adúltera"

XÁCARA DE LAURALINDA

Lauralinda, Lauralinda

Cara mais linda que o sol

Deixa-me dormir contigo

Nas dobras do teu lençol.

-Hoje sim, cavalheiro sim

Hoje sim, amanhã não

Meu marido não 'stá cá

Foi p'ra feira da Ascençãol

Lá por essa noite adiante

marido à porta batia

Lauralinda está dormindo

Fingia que não ouvia.

Bateu uma, bateu duas

E à terceira pancada

Subiu a escada a correr

Sem querer saber mais nada.

-De quem é aquele chapéu

Forradinho de galão?...

-É para ti meu marido

Forrado por minha mão.

CONDE DA ALEMANHA

Já lá vem o claro sol,
 Já lá vem o claro dia,
 Vem o Conde da Alemanha.
 Que com a Rainha dormia!...

-Ó manguinhas da camisa,
 Já não vos torne a romper,
 Em meu pai vindo da missa,
 Eu tudo lhe podia dizer!

-Bem puderas Juliana,
 Minhas faltas encobrir,
 O conde é muito rico,
 De ouro te vai vestir!

-Eu não quero vestidos de ouro,
 Já os tenho de damasco,
 Inda tenho o meu pai vivo,
 Já me querem dar padraço.

-O que tens ó Juliana,
 O que tens, ó filha minha?
 Podes me tudo contar,
 Que eu nada digo à rainha.

-Estando eu no meu tear
 A bordar ouro na tela,
 Veio o conde da Alemanha,
 Três fios me quebrou dela.

-Deixa lá, ó Juliana,
 Isso seria a brincar...
 Tu és rainha e ele conde,
 Ambos podiam casar.

-Mal vai ao seu brincar,
 Mais à sua zombaria.
 Ele me puxou por um braço
 E à cama levar-me queria.

-Se ele é isso, ó Juliana,
 Se isso foi por zombaria,
 Eu o mando já matar
 Lá p'ro pino do meio-dia.

-De quem é aquele capote
 Que além está pendurado?...
 -É para ti meu marido
 Que muito bem o tens ganhado.

-De quem é aquele cavalo
 Que na minha quadra entrou?...
 -É para ti meu marido
 Foi meu pai que cá o mandou.

-De quem é aquele suspiro
 Que no meu quarto soou?...
 Lauralinda não ouviu
 Caiu no chão, desmaiou.

-Vai chamar as tuas manas
 Todas três no mesmo andor;
 Tu por seres a mais formosa
 Levas um ramo de flores?

Levas um ramo de flores
 Hoje sim, amanhã não
 Vai o triste dum lavrador
 A sofrer uma paixão.

INFORMANTE: Maria da Cruz Gandum
 LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)
 COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1989, pp. 91 - 92.

Quando for à uma hora,
Há-de estar amortalhado;
Quando for às duas horas
Já há-de estar enterrado.

-Desça abaixo, ó minha mãe,
Venha ver a bizzarria:
A cabeça numa salva,
O sangue numa bacia!

-Malvada Juliana,
Mais o leite que mamaste!
Que a morte de tão bom conde
Tu, Juliana, causaste!

-Cale-se aí minha mãe,
Não me esteja a arrenegar...
Que a morte que o conde leva
Não a faça a si levar.

Já lá tocam as campanas,
Quem irá a enterrar?
-É o conde da Alemanha,
Que o rei mandou matar.

INFORMANTE: Júlia Fernandes, falecida em 1967
LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1976, pp. 217 -
220.

3.4 "Esposa Desgraçada"

DONA SILVANA

Andand' a Dona Silvana - no sê jardim a passear,
Parece qu' andava na glória - pas melhores salas que tinha.
Ela disse p'rò sê pai:
(...) - Ó pai, ê casar me queria.
E o pai diz-le:
-Aqui nã há com quem tu cases - nim tã alta senhoria:
Stá o conde d'Aramenha, - é casade, tem família.
-Com esse, mê pai, com esse, - com esse casar me queria;
Mandi-o o mê pai chamar - da sua banda e da minha.
-Vossa Alteza o que me quer? - Vossa Alteza o que me queria?
-Quer me mates a tua condessa - pra casares ca mnha filha.
-Mnha condessa nã a mate - qu' ela a morte nã merecia.
-E qu'e-le ver a cabeça - nesta adorada bacia.
-Vai-me a levar ò mê pai, - qu'ele bem m'aceitaria.
-Isse nã, condessa, nã - porqu' ele log'o sabia,
Ele quer-te ver a cabeça - nesta malvada bacia.
-Vai-me a levar às ondas do mar, - cas ondas logue me levariam.
-Isse nã, condessa, nã - porqu' ele logue o sabia.
Quer-te ver a cabeça - nesta malvada bacia.
Mandou fechar as janelas - e os criêdes de lut' à môraria;
Mandou chamar o sê filhe más velhe.
-Anda cá, filhe más velhe, - que te quer insenèr:
Amanhã pel' esta hora - mãe nova l'hás-de chamar.
Anda-me cá, ó mê menine, - que te quer dar de mamar.
Mama, filhe, mama, filhe, - este lête d'amargura:
Hoje tendes a mãe viva - e amanhã na sepultura.

(...)

(Is' era dantes dos rêses: cand' havia condes, cande havia rêses...)

Toquim nos sinos im Braga, - ó mê Dês, quem morreria?

Morrê a Dona Silvana - pas smostrações que fazia;

Queria descasar os bem casados, - era côsa que Dês nã queria.

(Naquel' entrogalhe morrê ela, a Dona Silvana, a tal (que) queria rôber o home à ôtra.

E adeptôs foi assim...Morrê ela antã).

INFORMANTE: Jacinta da Conceição, de 72 anos.

LOCALIDADE: Escusa - Salvador da Aramenha (Marvão)

ANO DE RECOLHA: 1967

COLECTORA: Cândida da Saudade Costa Baptista, in *O Falar da Escusa*, dissertação para Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras de Lisboa, 1967. Republicado por Maria Aliete Dores GALHOZ, 1987, pp. 211 - 212.

3.5 "Mulheres Seduzidas"

XÁCARA DE ANA ROBERTA

Povo: - No largo de Santa Catarina

Está uma roseira aberta

Olha lá Joaquim Caixeiro

Enganaste a Ana Roberta

Ele: - Eu já tinha apostas feitas

Com centos de *cidadões*

Se não enganasse a Roberta

Perdia contos e milhões.

Ela: - Adeus ò Joaquim Caixeiro

Amor do meu coração

Levanta-te e vem comigo

-À igreja dar-me a mão.

Ele: - À igreja dar-te a mão.

Eu já te a não não posso dar

Já tenho mulher e filhos

Já te não posso lograr.

A Mãe:- Anda cá ò desgraçada

Anda lá caminha em frente

Levanta-te e vai pedir

O perdão àquela gente.

Ela: - Aqui têm os senhores

A paga que os homens dão

Enquanto não difamam a donzela

Não descansa o coração.

Ele: - Eu enganei a Roberta

Não sabia o que fazia

E agora vou degredado

Por dez anos, e um dia.

LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)
COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1989, p. 95 -
96.

3.6 "INCESTO"

ROMANCE DA ADELINA

-Adelina, queres ser minha? - Queres ser minha namorada?
 Eu de ouro te vestia - e de prata te calçava.
 Seu pai assim que soube, - não mandou fazer mais nada.
 Mandou fazer uma torre - p'rá Adelina ser fechada.
 Adelina subiu à janela, - primeira que a torre tinha.
 Avistou o seu irmão - da janela da cozinha.
 -Ó irmão da minha alma, - dá-m' uma pinguinha d' água,
 Porque a sede já m'aperta - neste corpo e nesta alma.
 -Corram todos, meus criados, - a dar água à Adelina,
 Que o primeiro que chegar - ganhará uma prenda minha.
 O primeiro que chegou, - copo d' água lhe ofereceu.
 Adelina não quer água, - que Adelina já morreu.

INFORMANTE: Rosária da Conceição Pedro, de 67 anos

NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário incompleto

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

CONTEXTO: Utilizada como cantiga de roda nos anos 30

DATA DE RECOLHA: Junho de 1993 COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

DONA PASTORA

Andava a Dona Pastora - o seu gadinho a guardar.
 Desde que nascia o sol - até a noite serrar.
 -Deus te salve, ó pastorinha, - que o vosso gado guardais.
 Vem com nós, cavalheiro, - para vós salvada sejais
 -Eu salvei e vós salvais, - cumpri o vosso dever.
 Foi criação que me deram - para a todos responder.
 -Quereis vós, linda pastora, - deixar ficar vosso gado?
 Vem comigo p'rá cidade, - qu' eu serei vosso amparo.
 -Eu ver pastar o meu gado, - é o meu *entretimento*.
 Como posso acreditar - palavras ditas ao vento.
 -Desfaizei minhas palavras, - não quereis acreditar nelas
 Vem comigo p'rá cidade, - tirai-vos de essas serras.
 -Em mim não há que estranhar, - sendo na terra nascida.
 Como hei-de ir para a cidade, - sem lá ter casa nem vida.
 -P'ra comer e beberes, - andares bem arregalada.
 Basta a tua formosura, - seres tão bem delicada.
 Eu prometo sem faltar, - de contigo ser casado;
 Quando for a passear, - levar-te sempre a meu lado.
 -Já que vós me prometeis, - meu casamento segura,

Desde hoje a vós me entrego, - desde hoje pró futuro.
 Adeus pai, adeus mãe, - adeus gado que eu guardei.
 Adeus manos e adeus manas, - serra aonde eu me criei.
 Adeus manos, adeus manas, - adeus ó minhas vizinhas.
 Quem me há-de estranhar muito - são as nossas ovelhinhas.
 A gente do povo - tem um grande engano.
 Foi a pastorinha - que abalou c' o mano.

INFORMANTE: Maria Josefa Garção Baptista, de 74 anos
 NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Analfabeta
 LOCALIDADE: Carvalhal - Salvador da Aramenha (Marvão)
 CONTEXTO: Era cantado nas mondas, há cerca de 50 /60 anos
 DATA DE RECOLHA: 11.11.1993
 COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

3.7 Outros romances novelescos

VERSO DA DECELINA

O que tens ó mulher minha
 Que tens olhos de chorar
 -O que tenho ò meu marido
 Eu já te o vou contar
 O brio da nossa filha
 P'ra ela 'stá-se a acabar.

-Já basta meu pai, já basta
 Já basta tanto ralhar
 Quero-lhe pedir licença
 P'ra me deitar a afogar.

Sua mãe assim que veio
 Pelas veredas da fazenda
 -Anda cá ò Decelina
 Já cá tens a encomenda.

Tirou os brincos das orelhas
 E o cordão do seu pescoço
 Atou tudo num lencinho
 Pô-los à beira do poço.

Já lá vai a Decelina
 Chegando ao cemitério
 A quem deixaria ela
 O ferrinho de engomar
 E o cestinho da costura
 Já lá vai a Decelina
 Já lá vai p'ra sepultura.

LOCALIDADE: Carreiras - Ribeira de Nisa (Portalegre)
 CONTEXTO: Utilizada como cantiga de roda nos anos 40
 COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1989, p. 94.

Era a moça mais bonita
 Que havia naquela aldeia!
 Tinha as faces cor de rosa,
 Tinha a voz duma sereia!

Cantava ao desafio
 Com aqueles que cantar queriam
 Quem a via logo a amava,
 Quem a amava entristecia.

Porque ela também amava
Com delírio, com paixão.
Namorava um lindo moço
E o seu nome era João.

Um dia chegou a rosa
ao pé do João, chorando.
la mais bela que nunca
Pérolas dos olhos deitando.

-Que tens, ó minha Rosinha?
Que te causa aflição?
Se a tua vida é a minha,
Se a minha é teu coração!...

-Diz que te foste gabar
De me teres enganado.
Pois se esse caso afirmas,
Só tu é que és culpado.

-De te ter enganado,
Eu nunca me fui gabar.
Bem sabes que as línguas do mundo
Ninguém as pode tapar.

-Se é verdade o que dizes,
Agora, neste momento,
Cuida já e muito breve
Neste nosso casamento.

-Casar contigo, não caso,
Eu não quero casar contigo...
Eu não sei quem são teus pais,
Só se queres viver comigo.

-Ingrato, falso, traidor,
Tens a alma depravada!
Era esse o teu amor
Que sempre a mim me juravas?

Mas um dia um cavaleiro
De veste branca e airosa,
Se apeou, e entrou
À pressa em casa de Rosa.

-Bons dias, Menina Rosa,
Que passais hora fatais!
Mas lá houve um final dia,
Em que apareceram seus pais.

-O seu pai era um barão,
Sua mãe uma duquesa.
Ambos defuntos já são...
Lhe deixaram a riqueza.

Logo a notícia correu
P'elos cantos da redondeza,
Logo a casa se lhe encheu
De riqueza e de pobreza.

Logo mesmo o tal João
Lhe falou em casamento.
Ela disse-lhe que não,
Aquilo ali num momento...

-Em pobre não pretendias,
Em rica já queres casar?
Não me sinto resolvida
Minha riqueza ir dar.

-Agora moços sabereis
Como qualquer moça é honrada;
Com ela casar podeis
Embora seja enjeitada.

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1976, pp. 157 - 160.

4. Romances Religiosos

4.1 "Jesus Cristo"

MARTÍRIOS DO SENHOR

Lá em cima ao Calvário - está uma cruz de oliveira.
Por ser o mais lindo cravo - que nasceu entre a roseira.
A vossa santa cabeça, - toda cravada de espinhos.
Para amor dos meus pecados - sofreu Deus tantos mártiros.
O vosso santo cabelo, - enleado com a cruz.
Para amor dos meus pecados, - ó meus Deus, tão bom Jesus.
Os vossos divinos olhos, - inclinados para o chão.
Para amor dos meus pecados, - sofreu Deus tanta paixão.
O vosso divino rosto, - cheio de escarros nojentos.
Para amor dos meus pecados - sofreu Deus tantos tormentos.
A vossa santa garganta, - enleada com uma corda.
Para amor dos meus pecados, - Senhor dai-me misericórdia.
O vosso divino peito - foi aberto com uma lança.
Para amor dos meus pecados, - Senhor dai-me confiança.
Os vossos divinos ombros, - 'tão pregados numa cruz.
Para amor dos meus pecados, - ó meu Deus, tão bom Jesus.
Os vossos divinos braços, - 'stão pregados com dois cravos.
Para amor dos meus pecados, - sofreu Deus tantos pecados.
Os vossos divinos pés, - 'stão pregados com dois cravos.
Para amor dos meus pecados, - Senhor perdoe-me os meus pecados.

INFORMANTE: Piedade Casado Fernandes, de 62 anos

NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário incompleto

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

CONTEXTO: cantado durante a Quaresma

DATA DE RECOLHA: 08.12.1993

COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

ORAÇÃO DE SANTA MADALENA

Oh quem fora tão ditosa - como Santa Madalena
 Que andava de horta em horta, - de rosário em rosário.
 Ao passar àquela horta, - o hortelão foi visitar.
 -Deus te salve ó hortelão, - Deus te salve hortelano³.
 Não vistes por aqui passar- o meu Senhor Jesus Cristo?
 -Eu aqui O vi passar - antes dos galos cantarem.
 Uma cruz levava aos ombros - que o fez ajoelhar.
 Ao passar àquele monte⁴ - Ele por terras caiu.
 Acudiram-lhe os judeus: - "(...)"
 Levanta-te ó glorião, - se te queres alevantar!
 'inda hoje te devemos dar - fel divino a querer provar.
 Quem a souber que a diga, - quem não souber que a aprenda
 Lá no Dia do Juízo - haverá quem dela pretenda.

INFORMANTE: Felicidade Pedro Biscainho Ventura, de 41 anos

NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

CONTEXTO: Cantado durante a Quaresma

DATA DE RECOLHA: 06.12.1993

COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

LAVRADOR D' AIRADA

Indo o lavrador d' Airada, amen Jesus, - encontrou um pobrezinho (bis).
 O pobrezinho lhe disse, amen Jesus: - Leve-me no seu carrinho (bis).
 Desceu-se o lavrador, amen Jesus, - deu a mão ao pobrezinho (bis).
 Levou-o p'ra sua casa, amen Jesus, - p'ra melhor sala que tinha (bis)
 Mandou-lhe fazer a ceia, amen Jesus, - do melhor manjar que havia (bis)
 Sentou-o à sua mesa, amen Jesus, - mas o pobre não comia (bis).
 As lágrimas eram tantas, amen Jesus, - que pela mesa corriam (bis).
 E os suspiros acompanhavam, amen Jesus, - que até a casa tremia (bis).
 Mandou-lhe fazer a cama, amen Jesus, - da melhor roupa que havia (bis).
 Por cima damasco roxo, amen Jesus, - por baixo cambraia fina (bis).
 Lá por essa noite adiante, amen Jesus, - o pobrezinho gemia (bis).
 Levantou-se o lavrador, amen Jesus, - a ver o que o pobre tinha (bis).
 Encontrou o Crucificado, amen Jesus, - numa cruz de prata fina (bis).
 -Ai Jesus, se tal soubesse, amen Jesus, - que em minha casa Deus tinha (bis).
 Mandava forrar as casas, amen Jesus, - de ouro e prata fina (bis).
 -Cala-te aí lavrador, amen Jesus. - Não estejas com fantasia (bis).
 No céu tenho guardada, amen Jesus, - cadeira de prata fina (bis).
 Tua mulher a teu lado, amen Jesus, - que ela isso não merecia (bis).
 Fazia de mim ladrão, amen Jesus, - filho da Virgem Maria (bis).

INFORMANTE: Maria Martins Bernardo de 53 anos

NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

CONTEXTO: Cantado ao serão

DATA DE RECOLHA: 27.11.1993

COLECTORA: Filomena Garção

4.2 "Virgem Maria"

Pela noite de Natal, - noite de tanta alegria,
 Caminhando vai José, - caminhando vai Maria.
 Ind' os dois para Belém, - mas de noite que de dia,
 Quando chegaram a Belém, - já toda a gente dormia.
 Bateram à porta, - à porta duma estrebaria.
 -Abre a porta, porteiro, - porteiro da portaria.
 O porteiro não abriu, - porque também já dormia.
 São José buscou lenha, - porqu' a noite estava fria.
 Quando de lá regressou, - já Deus Menino dormia.
 Venham os anjos do Céu - adorar a Deus Menino
 (...)

INFORMANTE: Felicidade Pedro Biscainho Ventura, de 40 anos
 NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário
 LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
 DATA DE RECOLHA: 16.10.1993
 COLECTORA: Rui Pedro Biscainho Ventura

A Virgem Maria Nossa Senhora
 Está na gruta de Belém
 O que tem ela nos braços?
 O seu Menino que está também!
 Cantou-lhe uma cantiguinha:
 -Filho meu que te farei?
 Não tenho leite nem berço
 Nos braços te embolarei!
 Co's lágrimas dos meus olhos
 Filho meu te lavarei!
 À manguinha da camisa
 Filho meu te limparei!
 Na mantilha do meu rosto,
 Filho meu te aquecerei.

LOCALIDADE: Porto da Espada - Salvador da Aramenha
 (Marvão)
 COLECTOR: Nunes Vidal, in *Boletim de Marvão*, de Outubro
 de 1962. Republicado por Maria Tavares TRANSMONTANO,
 1979, pp. 116 - 117.

4.3 Outros Romances Religiosos

DESPEDIDA DO CORPO DA ALMA

-Já te vais e já me deixas,
 Minha leal companheira!
 Toda a vida aqui comigo,
 E deixas-me desta maneira!

-Tu seguiste os teus apetites,
 Eu deles não te estorvei
 Os pecados que fizeste,
 Eu por ti os pagarei!...

-Vai-te, vai-te companheira,
 Que não te hás-de achar lá só!
 Cá fica o corpo no mundo;
 Resumido em terra e pó!

-"Anda cá, minha querida,
 Diz-me o que fizeste no mundo,
 Se fizeste boas obras,
 Eu te levantarei do fundo".

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
 COLECTORA: Maria Tavares TRANSMONTANO, 1976. p. 162

5. Romances de assuntos vários

D. MARQUES

-Ai de mim, que se arma guerra
Na cidade do Dragão!⁵
E sete filhas que eu tenho,
Sem nenhuma ser varão!

Respondeu-lhe a mais nova,
Por ter mais discricção:
-Dê-me armas e cavalos
Que quero ser capitão!

-Por esses olhos mais lindos,
Por eles te conhecerão
-Eu os baixarei à terra,
Dela não se levantarão.
Dê-me armas e cavalos,
Que eu quero ser capitão!

-Por esses peitos mais belos,
Por eles te conhecerão.
-inda há-de haver alfaiates
Que me façam um gibão,
Para eu trazer apertado
Até ao meu coração.
Dê-me armas e cavalos
Que eu quero ser capitão!

-Ó meu pai, ó minha mãe,
Ai que este amor me consome!
Ai que os olhos de D. Marques
São de mulher, não são de homem!

-Se queres saber se ela é mulher,
Leva-a contigo a jantar,
Põe cadeiras altas e baixas
E outras de fino espaldar.
E se ela mulher for,
Nas baixas se há-de sentar.
D. Marques, como discreto,
Não se deixou suspeitar:
Passou p'las cadeiras baixas
E nas altas se foi sentar!

-Ó meu pai, ó minha mãe,
Ai que este amor me consome!
Ai que este olhos de D. Marques,
São de mulher, não são de homem!
-Se queres saber se ela é mulher,
Leva-a contigo a merendar:
Põe-lhe vinho branco e tinto;
E se ela mulher for
Ao branco se há-de agarrar
D. Marques, como discreto,
Não se deixou suspeitar:
Bebeu só vinho tinto
E do branco não quis provar.

-O meu pai, minha mãe,
Ai que este amor me consome!
Ai que os olhos de D. Marques
São de mulher, não são de homem!

-Se queres saber se ela é mulher,
Leva-a à feira a passear,
E se ela mulher for,
Das fitas há-de gostar.
-Ó que bonitas fitas,
para as damas enfeitar.
-Ó que arreios e que espadas,
P'ra na guerra batalhar.

-Ó meu pai, minha mãe,
Ai que este amor me consome!
Ai que os olhos de D. Marques
São de mulher não são de homem!

-Se queres saber se ela é mulher,
Leva-a contigo dormir:
E se ela mulher for
Não se há-de querer despir.
D. Marques, como discreto,
Não se deixou suspeitar:
Deu nó cego às ceroulas,
Toda a noite levou a desatar.

-Ó meu pai, minha mãe,
Ai que este amor me consome!
Ai os olhos de D. Marques
São de mulher, não são de homem!

-Se queres saber se ela é mulher,
Leva-a contigo a nadar:
E se ela mulher for,
De ti se há-de envergonhar!

D. Marques, como discreto,
Não se deixou suspeitar:
Quando chegou à beira da água,
Disse-lhe neste falar:
-Caiu uma carta do Céu
Que me veio anunciar
Que o meu pai já morreu
E a minha mãe 'stá a acabar!
Eu vou já de abalada
Minhas manas amparar
Destes golpes tão fatais.
E tu, se me quiseres ver,
Vai a casa de meus pais

-Aqui, Senhor D. Marques?...
-Aqui, e porque não?
Aqui se tomam amores,
Lá na guerra é que não

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
CONTEXTO: Recitado ao serão
COLECTORA: Maria Tavares Transmontano, 1976. pp. 122
- 126.

-Mulher minha, mulher minha, - mulher do meu coração,
De sete filhas que tiveste, - nenhuma saiu varão.
Depois respondeu a mais nova - com tão pouca discrição:
(...)
(...) , - não, filha, não.
Por esses teus lindos cabelos - logo a conhecer-te vão.
-Então dê-me uma tesoura, - se os quer já ver no chão.
Dê-me armas e cavalo, - que eu vou ser capitão.
-Não quero, filha, não quero; - não quero, filha, não, não.
Por esses teus lindos olhos, - logo conhecer-te vão.
-Quando eu vir a D. Marques, - eu os poisarei no chão.
Dê-me armas e cavalos, - que eu vou ser capitão.
-Não quero, filha, não quero, - não quero, filha, não, não.
Por esses teus lindos peitos - logo a conhecer-te vão.
-Costureiras há na terra - que um colete me farão;
De apertado que me fica, - já não me conhecerão.
Dê-me armas e cavalos, - que eu vou ser capitão
(...)
-Sete anos andei na guerra - sem ninguém me conhecer.
Só o ladrão do D. Marques - me foi reconhecer.

INFORMANTE: Joaquina Rosa Cordas Laurinho, de 68 anos
LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)
CONTEXTO: Afirma tê-lo ouvido aos 12 anos recitado por sua avó, há altura com oitenta anos
DATA DE RECOLHA: 25. 10.1993
COLECTORA: Joana Marmelo

Quem quer ver a barca bela, - que se vai deitar ao mar?
 Nossa Senhora vai nela - e os anjos vão a remar
 São Vicente é o piloto, - Jesus Cristo, o general
 Que linda bandeira leva, - bandeira de Portugal.
 (...)

INFORMANTE: Felicidade Pedro Biscainho Ventura, de 40 anos
 NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário
 LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
 DATA DE RECOLHA: 06. 10.1993
 COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

6. Vestígios do romance nas rimas infantis

Indo eu p' r aqui abaixo, - encontrei uma laranjeira (bis).
 Abaixei-me debaixo dela, - para o sol não me dar (bis).
 Era meio-dia em ponto, - *roussinol* a cantar (bis).
 - *Roussinol* que tã' bem cantas, - onde aprendeste a cantar? (bis)
 - No palácio da rainha, - onde o rei vai passear (bis).
 (...)

INFORMANTE: Felicidade Pedro Biscainho Ventura de 40 anos
 NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Ensino Primário
 LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
 CONTEXTO: Utilizado como cantiga de roda nos anos 50
 DATA DE RECOLHA: 16. 10.1993
 COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

7. Romances Modernos

Andava um rapazinho com dez anos
 Cavando numa vinha de seus pais.
 Se há gente no mundo tão humana,
 Há-os ainda piores qu' animais.

O pobre garotinho amargurado,
 Vergando a enxada a trabalhar,
 Em ver que o seu trabalho não rendia
 Teve qu' a casa de seus pais abandonar.

Num deserto, numa aldeia bem distante,
 A uma porta rica foi bater
 Soluçando e lamentando a sua vida,
 Que lhe dessem de comer e de beber

Respondeu o homem honrado seriamente:

-Porque andas assim abandonado?

-É o meu pai, senhor, eu trabalho

E vou p'ra casa, sou vergado.

Respondeu honradamente o professor;

-Olha lá, ó bom garoto, escuta cá,

Se não quiseres lá voltar, ficas cá

E eu faço de ti um homem de valor.

O garoto aceitou, mas sem saber

Que ele era um honrado professor.

Ensinou-o a ler e escrever

E por fim estudou até doutor.

Depois já curava muita gente.

Ela era um médico ilustre e forte.

Soube que seu pai estava doente

E à pressa lá o foi salvar da morte.

Foi correndo e suspirando assim sozinh.

Seridamente deu um ai.

-Já o curei. Já está salvo da morte

Em paga de ser mau pai.

-Perdoa-me, filho, o mal que te fiz

E a vida que te dej amargurada.

Quanto te devo? Ó filho, diz...

-Cumpri o meu dever, não me deve nada!

INFORMANTE: Emília Mendes, de 75 anos

NÍVEL DE INSTRUÇÃO: Analfabeta

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

DATA DE RECOLHA: 1988

COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

NOTAS

¹ variantes: recolhida nas Carreiras - "Marvão"

² idem. - "Vai buscar as tuas manas,

todas três no mesmo andar.

Que a mais bela de todas

Há-de ser meu novo amor".

³ Variante- "hortelanito"

⁴ Variante- "rio"

⁵ Variante - Recitada nas Carreiras por Ana Fernandes Martins, de 80 anos:

"Ai de mim que se arma guerra

Lá pr'a vila de Marvão..."

4. BIBLIOGRAFIA

Textos teóricos

BRAGA, Teófilo (1909) - **Romanceiro Geral Português**, vol. III. Lisboa, edição fac-similada da Vega.

CATALÁN, Diego (1978) - "Romanceiro". **Dicionário de Literatura**, (Direcção de Jacinto do Prado Coelho), Porto, Figueirinhas, vol. 3º, pp. 957 - 961.

PINTO-CORREIA, J. David (1984) - **Romanceiro Tradicional Português**, Lisboa, Editorial Comunicação.

Monografias e Colectâneas

GALHOZ, Maria Aliete Dores (1987) - **Romanceiro Popular Português**, vol. I. Lisboa, INIC.

TRANSMONTANO, Maria Tavares (1976) - **Subsídios para a Monografia da Freguesia de Carreiras (Concelho de Portalegre)**. Viseu. Junta Distrital de Portalegre.

TRANSMONTANO, Maria Tavares (1979) - **Subsídios para a Monografia do Porto Espada (...)**. Viseu. Assembleia Distrital de Portalegre.

TRANSMONTANO, Maria Tavares (1989) - **Subsídios para a Monografia da Ribeira de Nisa (Concelho de Portalegre)**. Portalegre. Edição da Autora.

MARVÃO E A FILATELIA

José Garraio Afonso

COLECCIONISMO

Alguns psicólogos definem o coleccionismo como sendo a arte de reunir coisas, por vezes inúteis, mas que devidamente ordenadas, catalogadas e incluídas no conjunto a que pertencem adquirem um alto valor cultural e material.

É quase sempre devido ao interesse dos colecionadores e ao trabalho de historiadores, arqueólogos e outros estudiosos, que muitas peças do nosso património cultural e artístico, são descobertas, classificadas e salvas do quase certo desaparecimento, indo posteriormente fazer parte de colecções particulares e integrar a existência dos nossos museus, espalhados por todo o país, constituindo preciosos elementos de cultura e contribuindo para o melhor conhecimento das regiões onde se inserem.

FILATELIA

A palavra filatelia deriva do grego "philos" = amigo, e "telos" = imposto, sendo usual definir-se como a arte ou o princípio de coleccionar selos e outra peças de correio.

Hoje colecciona-se tudo, ou quase tudo, - selos, moedas, obras de arte, fósseis, automóveis, bilhetes postais, etc., contudo, é universalmente reconhecido que nenhuma outra forma de coleccionismo tem tantos seguidores e está tão bem organizada como a filatelia, que é justamente considerada a rainha das colecções. De facto, se nos detivermos com atenção sobre uma colecção filatélica, facilmente reconhecemos a inexistência de fronteiras ou de qualquer tipo de barreiras sociais, culturais, ideológicas ou outras de qualquer espécie. Difundida e com praticantes por todos os países, sendo muito vulgar um filatelista português manter troca de correspondência com filatelistas do Japão, da Indonésia, da Rússia ou da Argentina, em que para além da permuta de peças existe também um intercâmbio de conhecimentos sobre os motivos que ilustram os selos.

Costumamos dizer que só se pode amar ou gostar aquilo que conhecemos bem. Este princípio aplica-se também à filatelia. Portanto, depois de no número 2 da revista IBN MARUÁN ter referido a criação do selo postal e a sua utilização na correspondência,

proponho-me hoje abordar ainda que de uma forma sucinta, as modalidades de filatelia mais praticadas pelos colecionadores de selos postais da nossa região, mencionando também algumas das virtudes da filatelia, referidas por filatelistas distintos em publicações editadas por associações filatélicas nacionais e estrangeiras, procurando contribuir não apenas para o conhecimento deste interessante e útil hobby cultural e de ocupação dos tempos livres, mas mostrar também, como através da utilização das peças filatélicas, sobretudo os selos, bilhetes postais, carimbos comemorativos ilustrados e postais máximos, se pode promover o país no estrangeiro e desenvolver uma eficiente acção pedagógica, junto dos nossos jovens, já que a filatelia pode ser considerada como ciência auxiliar da história, da religião, literatura, fauna e flora, bem como de outras actividades.

A correspondência ao circular por todo o mundo, desde que taxada com selos postais, em vez de encaracterística franquia mecânica, e quando os motivos da ilustração dos selos sejam sugestivos, transformam-se em embaixadores itinerantes das nossas paisagens, dos nossos monumentos e da nossa história e cultura. Acresce dizer, que os selos postais, depois de cumprirem o serviço para que foram criados - pagamento do porte da correspondência - vão ter uma segunda vida, fazendo parte de autênticas obras de arte, de estudo e de cultura, que são as colecções filatélicas, sobretudo as temáticas, que continuarão depois a ser exibidas em certames filatélicos a realizar por todo o mundo.

Na juventude todos nós fomos ou tentamos ser colecionadores de qualquer coisa, o prazer de coleccionar é próprio da natureza humana, adquirindo maior ou menor importância consoante as circunstâncias da vida e o desenvolvimento cultural de cada

indivíduo. Que bom seria para os nossos jovens, na idade de evolução e de construção da sua personalidade, com a sua generosidade, o seu dinamismo e entusiasmo, se pudessem e quizessem dedicar parte dos seus tempos livres a coleccionar qualquer coisa, de preferência selos de correio, porque ao procurar organizar e estruturar uma colecção filatélica, quase sem dar por isso, estão a aumentar os seus conhecimentos a vários níveis, não apenas filatélicos, pois o selo postal, como documento de veracidade histórica, transmite sempre uma mensagem de beleza e de cultura, que conduz ao desenvolvimento do gosto pela arte e pelo belo, aumentando o espírito de observação, o sentido de organização, aperfeiçoando-se na forma como monta as peças e faz a legendagem nas folhas, evoluindo na destreza manual. Desenvolve ainda uma boa capacidade de se exprimir e de comunicar quer nas relações que necessariamente estabelece com outros filatelistas, na procura de obtenção de peças para a sua colecção, tendo muitas vezes de utilizar uma lingua estrangeira, quer mesmo como dispõe nas folhas da colecção os selos e as outras peças, por forma a transmitir uma mensagem de cultura, arte e bom gosto.

As tarefas inerentes ao colecionismo filatélico levam a que o jovem seja criativo, troque opiniões e conheça experiências de filatelistas mais velhos ou mais evoluídos, sobretudo na visita a exposições, mostras e salões filatélicos. Procura estar actualizado, estuda e investiga as peças que consegue adquirir, desenvolvendo-se culturalmente de uma forma harmoniosa e equilibrada, tornando-se num homem culto e com personalidade.

Os responsáveis pelas emissões de selos postais, vêem o país como um todo, sem a preocupação de incluir no plano de emissões

filatélicas, selos ou outras peças, que possam privilegiar a preferência por uma determinada região, no entanto, as Associações Filatélicas têm desenvolvido um bom trabalho de divulgação de elementos significativos das localidades onde estão inseridas, promovendo actividades com vista à criação de Carimbos Comemorativos, peças filatélicas únicas, produzidas pelos Serviços de Filatelia dos Correios, ilustrados com a figura que se pretende divulgar ou homenagear, já providos da data em que serão aplicados na correspondência entregue no Posto de Correios em funcionamento junto da actividade que motivou a criação do carimbo e que ao circular depois por todo o país, está a contribuir para a divulgação e promoção da região e da figura que consta do carimbo comemorativo.

Estes carimbos comemorativos quase sempre reproduzem figuras históricas ilustres, escritores, monumentos, elementos de fauna e flora próprios da região, e quando aplicados sobre um selo postal, sobretudo quando tenha poder de franquia, a figura que neles está representada, tem para as colecções filatélicas temáticas o mesmo valor e interesse que tem o selo postal ou qualquer outra peça produzida pelos correios, sendo por isso, desejada e muito procurada pelos filatelistas que se dedicam a este tipo de coleccionismo, uma vez que com estas peças podem preencher um espaço na sua colecção para a qual não fora ainda criada outra qualquer peça, e até mesmo quando já tenham sido emitidos selos sobre a figura que o carimbo reproduz, este continua a ter interesse para a colecção, porque dá prova de procura e de pesquisa, tornando-a mais original e erudita.

As Associações Filatélicas, estão quase sempre na origem da criação dos Carimbos Comemorativos. Estas associações são organizações culturais sem fins lucrativos,

regidas pelas disposições da Lei que regula as actividades filatélicas, sendo superiormente coordenadas pela Federação Portuguesa de Filatelia. Regra geral, estas organizações vivem na dependência de autarquias, escolas secundárias, ou outros organismos locais e destinam-se essencialmente a promover e estimular o gosto pelo coleccionismo das diferentes modalidades da filatelia, com a realização de mostras, salões e exposições filatélicas, e quando solicitado, promovem actividades culturais filatélicas, como conferências, estudos ou palestras. Em colaboração com as entidades locais, intervêm junto da Federação Portuguesa de Filatelia para a criação de carimbos comemorativos dos eventos filatélicos levados a cabo, tendo em vista a promoção e divulgação das realidades culturais, ou outras das respectivas regiões.

Depois de nestes apontamentos me ter referido sobre o coleccionismo em geral e a filatelia em particular, vou tentar mostrar como este tipo de coleccionismo, tem ao longo dos anos evoluído para as diferentes modalidades filatélicas, aprovadas e regulamentadas pela Federação Internacional de Filatelia.

1. FILATELIA TRADICIONAL

Colecções por países

De uma colecção de selos por países fazem parte os selos postais emitidos por esse país, por ordem cronológica das emissões, sendo desejável inciar a colecção pelos selos mais antigos, e sempre que possível deve-se incluir material destinado à confecção dos selos como provas, ensaios, e ainda erros, falsificações, selos fiscais usados como selos de correio, isenções de selos e também algumas peças circuladas, com os respectivo selos.

De um modo geral, os primeiros filatelistas começaram por coleccionar selos de todos os países, ou seja uma colecção universal tanto quando possível. Em Portugal coleccionava-se sobretudo Portugal e ex-Províncias Ultramarinas; Portugal e Brasil; Espanha; França; Inglaterra e Alemanha.

Este tipo de colecções não era difícil de fazer dado que os selos estavam em circulação durante muitos anos. Por exemplo, em Portugal que emitiu o primeiro selo postal em 1 de Julho de 1853, até à implantação da República em 1910, num período de mais de 57 anos, foram postas em circulação 15 emissões de selos. Actualmente num só ano, são emitidas cerca de vinte emissões diferentes.

As colecções por países, tornaram-se quase inviáveis, entre outras razões pelo aumento anual do número de emissões praticado por todos os países, pelo aparecimento de novos países independentes, pela dificuldade de obtenção dos selos mais antigos, que pela raridade que apresentam, constituem nalguns casos autênticas fortunas quase sempre inacessíveis aos jovens iniciados na filatelia e ainda porque os motivos escolhidos para ilustração dos selos, em vez da efígie dos governantes ou soberanos reinantes, passaram a incluir, figuras históricas, monumentos, religião, literatura, elementos de fauna e flora, entre outros.

Perante os factos apontados e apesar da oposição dos filatelistas tradicionais mais antigos, por volta dos finais da 2ª Grande Guerra, surge uma nova forma de coleccionar selos, tendo como base o motivo escolhido para ilustração dos selos, admitindo igualmente outras peças como inteiros postais, Carimbos Comemorativos, flâmulas, etc. desde que

relacionadas com o tema ou assunto que se pretenda coleccionar.

Os filatelistas clássicos, defendiam o emprego de selos usados, como peças genuínas. Esse conceito está ultrapassado, estando via de regra o selo novo bastante mais valorizado que o selo usado. Aconselha-se no entanto o filatelista a escolher fazer uma colecção à base de selos novos ou usados.

Duma colecção de Filatelia Tradicional, a primeira folha deve conter um texto introdutório sobre o material escolhido, bem como mencionar a data do seu início.

Filatelistas com palmarés em diferentes modalidades como História de Portugal, Filatelia Temática, Inteiros Postais e Maximafília, são simultaneamente filatelistas tradicionais e defendem que todo o filatelista iniciado, ainda que se venha a dedicar à filatelia temática, deve igualmente coleccionar os selos do seu país.

Exemplos: - Filatelia Tradicional

PORTUGAL CLÁSSICO

1853 - D. Maria II



1855-56 - D. Pedro V Cabelos lisos



1892 - D. Carlos I



1910 - D. Manuel II



2. FILATELIA TEMÁTICA

Coleções Por Temas ou Assuntos

Uma colecção temática de selos é uma colecção que tendo por base o motivo ou o assunto oferecido pela ilustração do selo postal ou de qualquer outro documento filatélico, reunidos segundo um plano determinado, pode ilustrar uma ideia, apresentar uma tese, ou desenvolver um tema.

Nas colecções de selos por temas ou assuntos, o elemento preponderante é sempre o selo postal, contudo, outras peças filatélicas como inteiros postais, carimbos comemorativos, flâmulas, carnets, etc., são sempre desejáveis e bem aceites, desde que tenham relação com o assunto do tema, tornando a colecção mais arejada e com outro interesse, no entanto é preciso ter um certo equilíbrio e bom senso na utilização destas peças, por forma a que não se ultrapasse 20 % dos selos em cada folha.

À filatelia temática está reservado um importante futuro não só porque reúne em si todas as virtudes da filatelia, merecer a preferência dos estudiosos, investigadores e da grande maioria dos jovens ou iniciados na filatelia, mas também pelos inconvenientes apontados para a filatelia tradicional, sobretudo no que toca à obtenção das peças clássicas mais antigas, que levam a que os filatelistas mais jovens sintam alguma frustração, quando em certames de competição, por mais bem organizada que tenham a sua colecção tradicional, constatarem que os melhores prémios são sempre atribuídos às colecções que incluem as peças mais antigas, desde que satisfaçam aos restantes quesitos.

FIGURAS HISTÓRICAS - MARVÃO

D. AFONSO HENRIQUES



D. SANCHO



D. DINIS



D. JOÃO I



D. MANUEL I



D. FILIPE III



D. JOÃO IV



GARCIA D'ORTA - COLÓQUIO DOS SIMPLES E DROGAS



sobrescrito, cola e um selo para franquear. O Bilhete Postal, limita-se a uma pequena folha de cartolina já com o selo impresso e com a vantagem de então custar uma importância inferior, ao que se pagava só pelo selo para franquear uma carta.

O primeiro inteiro postal do mundo foi posto a circular na Austria em 1869 e ficou conhecido com o nome de Correspondenz-Karte.

Em Portugal os primeiros bilhetes postais foram criados e postos a circular em 1878, no reinado de D. Luis I, tinham as taxas de 15 e 25 réis (selo impresso, D. Luis - fita direita). Os de 15 réis destinavam-se a circular em Portugal e Espanha e os de 25 réis tinham como destino as províncias ultramarinas portuguesas e os países estrangeiros que faziam parte da União Postal Universal) organismo que regula a circulação da correspondência em todo o mundo, permitindo que uma carta possa circular de Portugal para qualquer país do mundo, sem necessidade de novas franquias, uma carta enviada para Espanha, para a China ou para o Brasil, taxada com os selos portugueses, será entregue naqueles países sem pagamento de novos portes, o mesmo acontecendo no caso inverso.

3. - INTEIROS POSTAIS

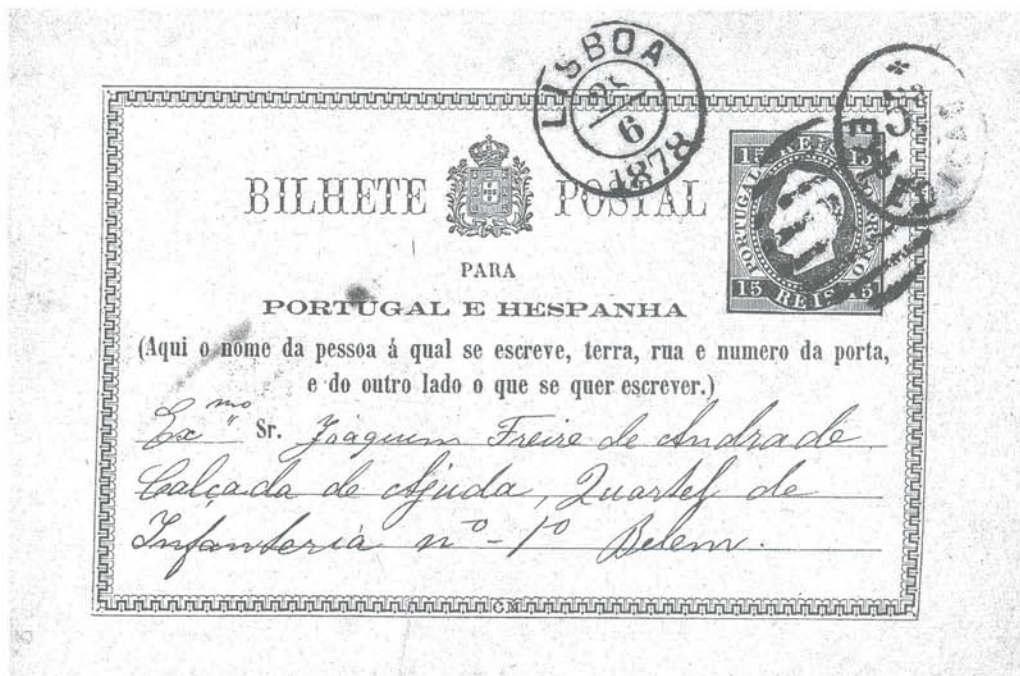
Colecção de Bilhetes Postais

Designamos por Inteiro Postal, o documento postal emitido pelos Correios. com o selo pré-impresso e com a indicação da importância a pagar.

Vulgarmente designados por Bilhete Postal, foi criado em 1865 pelo prussiano Von Stephan, bastante prático em comparação com a carta que exige uma folha de papel, um

Dada a enorme simplicidade, facilidade de manuseamento e menor preço de custo, em breve o inteiro postal adquire uma enorme popularidade, tornando-se numa peça de correspondência com grande circulação também em Portugal.

Tal como sucedeu com a ilustração dos selos postais os motivos escolhidos para ilustrar os bilhetes postais em breve se diversificaram, o que lhes veio conferir um grande interesse por parte dos coleccionadores, não apenas daqueles que cultivavam a modalidade de



Inteiro Postal - 1878

Inteiros Postais, mas sobretudo se interessavam pelas colecções filatélicas de assuntos ou temáticas.

A partir do dia 4 de Março de 1894, para comemorar o V centenário do nascimento do Infante D. Henrique, os Correios de Portugal, dão início à criação de emissões de Bilhetes Postais Ilustrados, que por terem o selo pré-impresso ou a indicação da importância a pagar, são incluídos na categoria de Inteiros Postais.

A partir de 1895, por alturas das comemorações do VII centenário do nascimento de Santo António de Lisboa começaram a surgir no mercado edições de Bilhetes Postais Ilustrados, de fabrico particular, que por não terem o selo impresso nem serem emitidos pelos Correios, não podem ser consideradas peças de filatelia. Estes Postais são incluídos noutra tipo de colecção, a "Cartofilia".



Inteiro Postal - 1895

Os Postais Ilustrados são importantes documentos com valor documental, etnográfico, artístico e histórico cultural de um país e, em minha opinião, é uma pena que se tenha perdido o costume de enviar um Postal Ilustrado para os amigos e familiares, tal qual é impresso, escrevendo apenas o endereço e a pequena mensagem, colocando-lhe a taxa correspondente, fazendo-o circular assim mesmo. Muitas pessoas ao enviar o Postal Ilustrado utilizam um sobrescrito, como se de uma carta se tratasse.

4. - MAXIMAFILIA

Colecção de Bilhetes Postais Máximos

Os serviços de filatelia dos CTT, incluíram no seu plano de emissões dos anos de 1986 a 1988, uma série de selos sobre CASTELOS E BRASÕES DE PORTUGAL, que abrangeu todos os distritos de Portugal.

Em 15 de Setembro de 1987 foi posto a circular o selo com a taxa de 25\$00, reproduzindo o Castelo de Marvão, peça bonita, que de imediato foi procurada pelos



Postal - 1918

filatelistas nacionais e estrangeiros, que se dedicam aos temas sobre fortalezas, história, etc.

A existência de um selo sobre o castelo de Marvão possibilitou a criação de um Postal Máximo, tendo como suporte o bilhete postal ilustrado do castelo e vila de Marvão, a que a criação do carimbo comemorativo reproduzindo o castelo, com a data de 15/9/87, permitiu a criação da única peça de Maximafília de Marvão.

A Maximafília é uma interessante modalidade filatélica que engloba em *Inteiro* simultâneo três colecções distintas, constituídas pelo selo postal, (filatelia) Carimbo ou marca postal, (marcofilia) e Bilhete Postal Ilustrado (cartofilía).

O Postal Máximo sobre Marvão; o Selo Postal da taxa de 25\$00 reproduzindo o Castelo de Marvão e o Carimbo dos CTT de 15/9/87 do castelo de Marvão, são peças genuínas da vila de Marvão.

CONHEÇA A SUA
POESIA

11

DA ÉCLOGA «CRISFAL»

Quem pudera suspeitar
que no amor e na fé
me havieis de faltar!
Mas, pôsto isto assim é,
Tudo é para cuidar.

Pois, por mais mal que se guarde,
sempre será meu amor
como a sombra, enquanto eu fôr:
quanto vai sendo mais tarde
tanto vai sendo maior.

CRISTÓVÃO FALCÃO
(Séc. XVI)

REMETENTE

BILHETE
POSTAL
PORTUGAL-CORREIO

\$30

CAMÕES

Inteiro Postal - 1878

5. - DIVERSOS

Marcas Postais

MARCAS POSTAIS DE MARVÃO



Santo António das Areias



Ambulância - LESTE II



*Postal Máximo de Marvão
- selo de correio - carimbo - Postal ilustrado*

Os carimbos ou marcas postais, são usados sobretudo para obliterar os selos postais. Até ao aparecimento da automatização no tratamento da correspondência, aplicava-se uma marca postal na estação onde a correspondência dava entrada para ser expedida e outra marca na estação de chegada ou de destino. Portanto

toda a correspondência apresentava pelo menos dois carimbos ou marcas postais.

Por volta dos anos 60, funcionaram temporariamente postos de correio, providos de marca postal, em aldeias ou freguesias do concelho de Marvão, que podem vir a ter interesse para estudo da modalidade de História Postal.

A GRAVAÇÃO DAS CARREIRAS - PORTALEGRE - E TRADIÇÕES LÚDICAS NO ALTO ALENTEJO*

Luis Miguel N. Carolino



Figura 1. Jogo do Moinho, Veloso-Carreiras. Foto J.Oliveira

Em consequência de um revolvimento de terras, originado pelo lavrar dos campos, surgiu, no Monte Veloso, na Freguesia das Carreiras, Concelho de Portalegre (coordenadas hectométricas UTM: X - 3470, Y - 5790 obtidas sobre a CMP nº 347 de 1971), uma curiosa e problemática gravura quadrangular incisa num bloco de granito.

Hoje esta gravação encontra-se perto de um palheiro - a construção mais a poente do dito monte -, junto a um aglomerado de estruturas em ruínas, que parecem ter correspondido a meia dúzia de casas. Estas foram construídas em pedra solta, possivelmente nos finais da Idade Média. Pelo formato do bloco de granito, em que esta gravura foi gravada, é de presumir que se tratasse de um pequeno banco que, eventualmente, existiria junto a uma das referidas estruturas¹.

A gravação de Monte Veloso é constituída por três quadrados concêntricos -

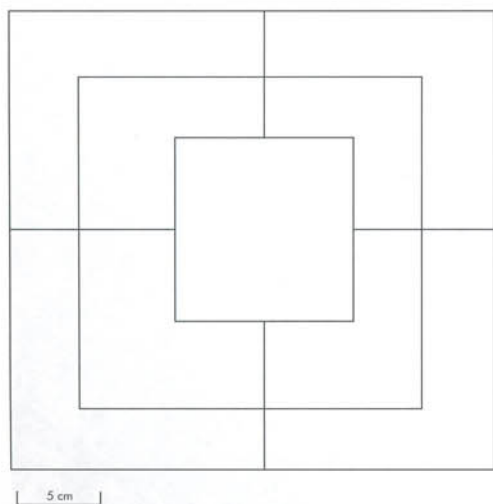
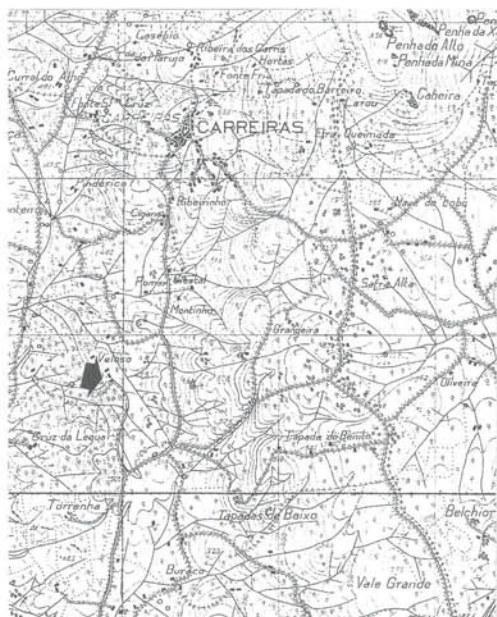


Figura 2. Gravação das Carreiras.



Localização do jogo do Veloso - Carreiras C.M.P.nº 347

dos quais, o exterior mede 24 cm X 25 cm - inscritos sobre dois segmentos perpendiculares entre si. Não obstante o estado de erosão em que se encontra a gravura, é possível perceber que os referidos segmentos não atravessam o quadrado do centro, o que nem sempre acontece em gravações deste tipo (fig. 1 e 2).

Este petróglifo apresenta uma forma de impressionante simetria o que, relacionado com o seu traçado rigorosamente rectilíneo, permite concluir que se trata de uma gravura que teve outrora uma função lúdica: teria servido de base material ao conhecido e antiquíssimo jogo do moinho.

Sucintamente, este era um jogo para dois jogadores, cada um dos quais dispunha, à partida, de nove pedras. Começava o primeiro jogo aquele que tivesse ficado com as pedras

brancas. As pedras deveriam ser movidas exclusivamente para os pontos mais próximos, tendo cada jogador como objectivo colocar três pedras em três pontos de intercessão consecutivos, formando assim um "moinho".

Ao jogador que conseguisse atingir este objectivo era-lhe permitido tirar uma pedra ao adversário. Quando um jogador tivesse apenas três pedras podia saltar para qualquer ponto livre; aquele a quem apenas restassem duas pedras, perdia o jogo.

Trata-se, portanto, de um jogo de estratégia, propiciador do desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, facto que era aliás, reconhecido pelo P. Pedro Aloy, no final do século passado, ao incluí-lo nos seus "Recreios Collegiaes"².

O jogo do moinho insere-se num tipo mais vasto de jogos, construídos com base num quadrado, e de que também se conhecem mais gravações no Alentejo. Referimo-nos concretamente ao jogo do homem, também conhecido no Alto Alentejo como "jogo dos cinco sentidos" e a um jogo intermédio entre

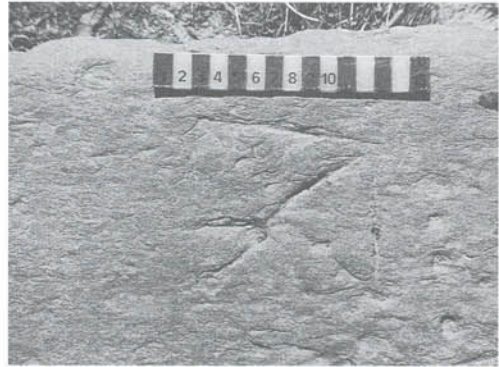


Figura 4. Jogo do Homem. Monte da Lomba da Barca, Montalvão-Nisa.
Foto de J. Oliveira

este e o jogo do moinho que apresenta a particularidade de ser constituído, na sua base material, por dois quadrados (fig. 3).

É de sublinhar que estes jogos, tal como o jogo do moinho são construídos com base numa forma quadrangular e pressupõem o mesmo objectivo: conseguir formar uma linha de três pedras, como já vimos atrás.

As gravações encontradas no Monte da Lomba da Barca (Nisa) - na soleira da porta das traseiras - e no Moinho do Pinheiro (Ribeira de Valverde) - numa ampla lage nas proximidades da casa de habitação anexa a este moinho³ - atestam a proliferação destes jogos (figs. 4, 5 e 6).



Figura 3. Jogo da Ribeira de Valverde.
Foto Luis Carolino

Esta proliferação relaciona-se com uma forte tradição, existente no Alentejo, de gravar nas áreas de lazer e sociabilidades, as bases dos jogos com que os homens das aldeias gozavam o seu tempo livre.



Figura 5 - 6 Jogo do Homem - Moinho do Pineiro Valverde-Évora. Foto Luis Carolino

É neste contexto que é possível ainda encontrar, para além de gravações como esta de Carreiras, arcaicos tabuleiros do jogo das damas, jogo tão difundido quer em espaço urbano quer em espaço rural. Com a particularidade de neste último - e restringida a análise ao espaço do Alentejo - os tabuleiros e consequentemente o jogo, apresentarem pequenas especificidades.

Analisemo-las.

Existem dois tipos de gravações de tabuleiros de damas sendo muito difícil, se não impossível, determinar qual o mais antigo.

Um deles é constituído simplesmente por vinte e cinco "covas" gravadas em linhas de cinco paralelas, formando no seu todo um rectângulo na pedra com cinco "casas" de largura e outras cinco de comprimento, sendo a "cova" do meio ligeiramente maior que as restantes (fig.7) - tipo de que os cinco tabuleiros gravados nos bancos da fonte do Largo da República, no Alandroal, são um bom exemplo (fig. 8)⁴.

No outro tipo de tabuleiro de damas, as "casas" de jogo não surgem marcadas da mesma maneira. O tabuleiro é de facto, um rectângulo de linhas insculpidas: cinco linhas no sentido do comprimento e outras cinco, no da largura. Neste caso as "casas" do jogo são formadas pelas intercessões das linhas, obtendo-se as vinte e cinco "casas" características deste jogo de damas.

Nas extremidades de cada lado menor do rectângulo pode existir - como sejam os casos das gravações existentes no adro da igreja Matriz de Monsaraz, na antiga prisão do castelo de Vila Viçosa, no vão da porta de entrada de um antiquário, em Borba na rua de São Bartolomeu nº 19⁵ (fig. 9) - ou não -

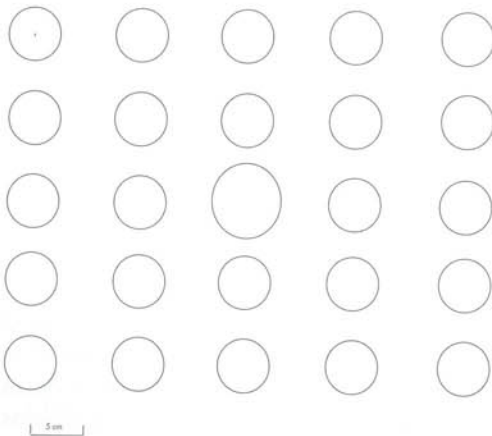


Figura 7

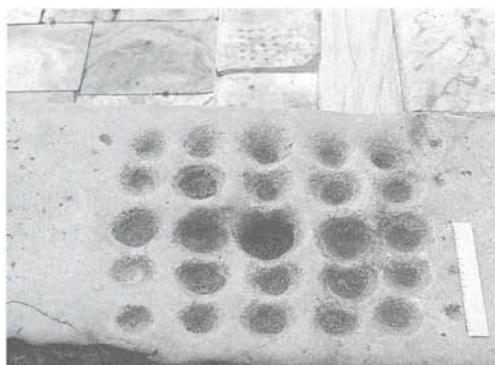


Figura 8. Jogo de Damas - Praça da República - Alandroal. Foto Luis Carolino.

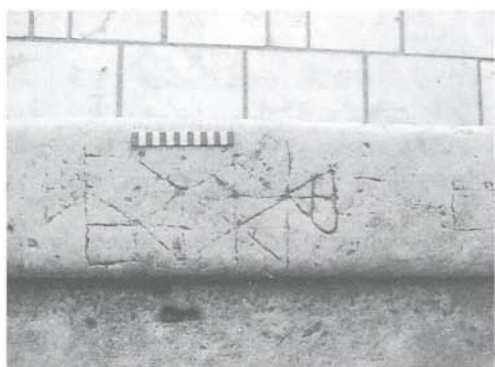


Figura 9. Jogo de Damas - Rua de S. Bartolomeu, nº 19 - Borba. Foto de J. Oliveira

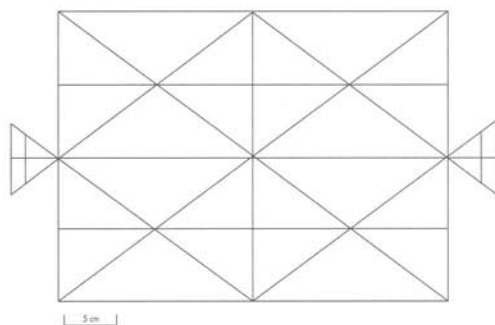


Figura 10

como parece ser o caso da já muito sumida gravatura existente no vão de uma porta interior do Museu Municipal de Estremoz⁶ - um pequeno triângulo que aumentava para trinta e sete as "casas" do jogo (fig. 10)⁷.

Contudo não nos devem restar dúvidas quanto ao facto de que, não obstante terem formas diferentes, se trata do mesmo jogo - um arcaico jogo de damas. De facto, numa das duas gravaturas existentes no Largo da Cruz Nova em Serpa, coexistem as linhas incisas e as "covas" nas intercepções destas, o que nos comprova a analogia destes dois tipos de gravaturas (figs. 11 e 12)⁸.

Neste jogo das damas, como no jogo das damas clássico, cada jogador dispõe de doze "pegas", as quais coloca de um lado do tabuleiro, ficando assim apenas livre a "cova" do meio. É neste aspecto que consiste a particularidade deste jogo de damas arcaico, pois não há uma linha de casa livre como acontece naquele. É para a primeira casa que se joga a primeira peça do jogo e talvez esta importância específica explique que a referida "casa" seja frequentemente maior que as restantes.

Estas gravaturas com função lúdica, como gravatura do Monte Veloso, nas Carreiras, ocorrem em lugares de encontro:

- quer públicos, como sejam os bancos da fonte pública (Alandroal), os degraus de uma igreja (Monsaraz), um banco adossado à parede de uma casa (Rua José Fernandes Caeiro / antiga Rua do Castelo, nº 4 em Monsaraz (fig. 13) entre outros. A gravatura de Carreiras parece como vimos, inserir-se neste grupo;

- quer privados. Nestes últimos destacam-se as frequentes gravaturas nos vãos das portas (Monte da Lomba da Barca, Estremoz, Borba).

Eram, portanto, um importante elemento no desenvolvimento das sociabilidades locais. Em torno destas gravações se reuniam tradicionalmente os homens da localidade e a elas "dedicavam" certamente muitas das suas horas de lazer.

Esta terá sido uma realidade cultural até há poucas décadas atrás, quando novas condições económicas levaram à lenta substituição destes tabuleiros de pedra pelos "modernos" tabuleiros de madeira, jogados no café. Este fenómeno explica que frequentemente estes jogos só sejam conhecidos pelos mais idosos, que agora, curiosamente, também já os abandonaram.



Figura 11. Jogo - Largo da Cruz Nova - Serpa. Foto de J. Oliveira

Mas regressemos às Carreiras.

Não obstante a forma desta gravação se encontrar relacionada com uma tradição lúdica, ela esconde ainda uma outra dimensão - a dimensão simbólica, havendo mesmo autores que atribuem a gravações deste tipo função exclusivamente simbólica⁹. Entre vários simbolismos mágico-religiosos, Elias Diéguez Luengo analisa perspicazmente a reutilização cristã desta forma antiga, fazendo-a simbolizar o valor da Redenção sobre o Plano Universal: "el cuadrado representa, tanto en 1^ª Hermética general del Occidente, como en la Simbología Cristiana de figuras geométricas, al MUNDO. Los cuadrados, los tres recintos, representan los tres mundos de la Edad Media: El Mundo Terrenal, el Mundo Astral y el Mundo Celestial o Divino donde residan los Espiritus Puros con Dios"¹⁰. Outros autores, ainda, relacionam esta forma com práticas heréticas dos templários¹¹.

A discussão sobre a análise desta forma petroglífica tem-se assim polarizado nas interpretações lúdica e simbólica¹².

Procuremos perscrutar as origens deste jogo.

O jogo do moinho é um jogo antiquíssimo, que se prolongou por várias culturas e civilizações. Conhecido e muito jogado pelos romanos, que nos deixaram vários tabuleiros de jogo¹³; este jogo terá tido, igualmente uma prática muito difundida durante o período islâmico nesta região - conservando o Museu de Arte Islâmica de Mértola um exemplar dessa época¹⁴ - perpetuando-se ainda hoje em gravações como esta de Carreiras.

Contudo é difícil encontrar uma origem precisa para este jogo - um manuscrito da

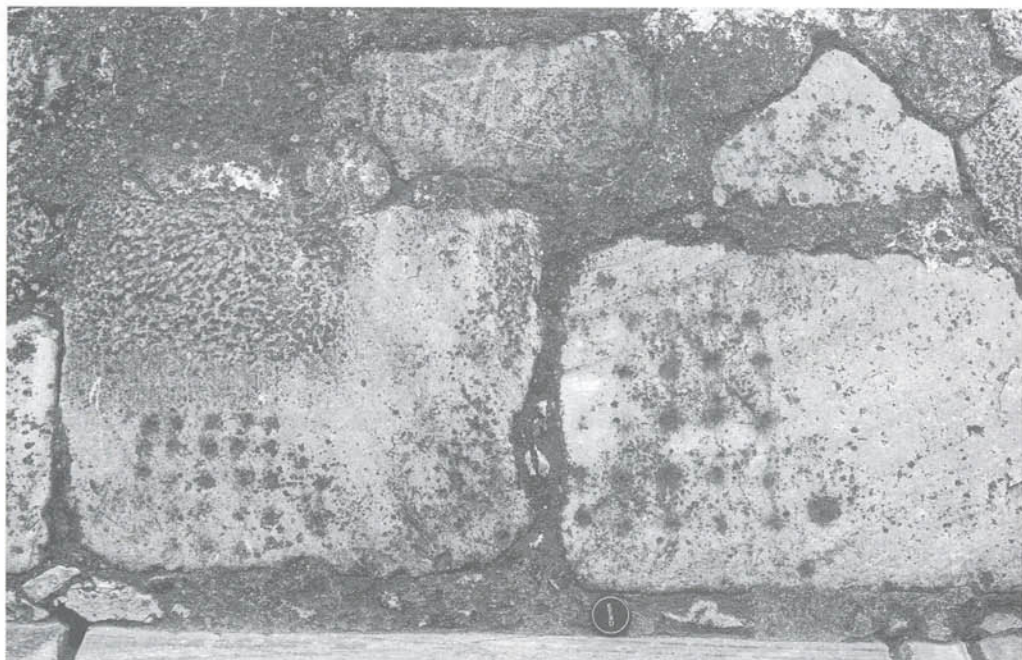


Figura 11. Jogo - Largo da Cruz Nova - Serpa. Foto de J. Oliveira

primeira metade do século XIV consagrado ao jogo do xadrez e ao jogo do moinho atribui - informa-nos Jean-Marie Lihôte¹⁵ - este último a uma criação de Nebro, que teria sido justamente o construtor desse labirinto linguístico que é a torre de Babel. Estamos, portanto, face a uma explicação mítica da origem desta forma lúdica, o que não deixa de ser significativo.

De facto, o jogo do moinho, como os restantes deste tipo, tem na sua base a figura do quadrado - que simboliza a terra, a realidade criada e estável¹⁶.

Ora, o quadrado é uma figura arcaica na história da humanidade - Mircea Eliade considera o quadrado uma *imago mundi*¹⁷ - e pode ter correspondido, na origem, a uma

representação - e logo a uma consciencialização - do território habitado pelo homem. Não deixa de ser significativo que surjam, na transição do epi-paleolítico para o Neolítico, inculturas quadrangulares ligadas ao processo gradual de sedentarização e também possivelmente a cultos de fertilidade¹⁸.

Assim, num contexto muito antigo, o jogo do moinho poderá ter surgido como um jogo que tinha como base material a representação simbólica do universo ou do território. Neste contexto, o desenrolar do jogo teria correspondido a uma conquista simbólica de espaço. Desta forma, jogo e simbolismo não se encontram, na origem, dissociados.

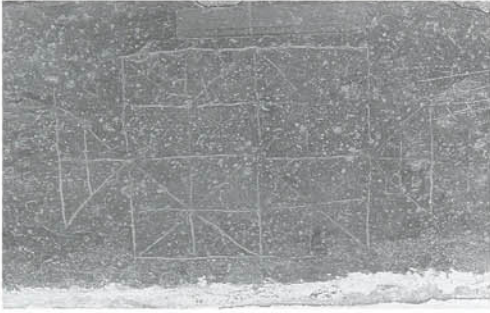


Figura 13. Jogo de Damas - Monsaraz.
Foto de Luis Carolino

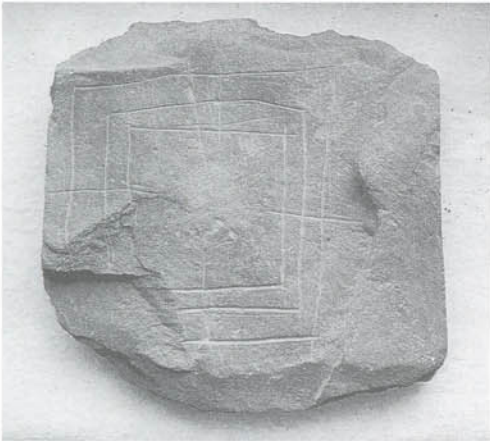


Figura 14 - 15. Jogo do Moinho -
Mértola. Foto de Miguel Rego

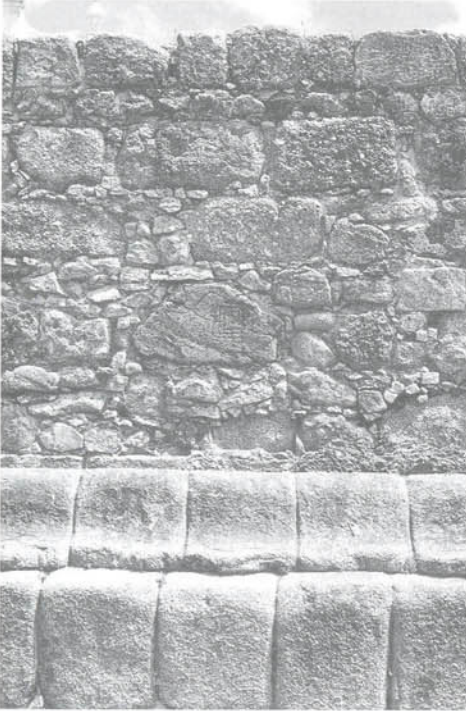
Posteriormente, e relacionado com o carácter essencial do simbolismo do quadrado - a *imago mundi* de que falava Eliade - esta forma constituída pelos três quadrados concêntricos, cortados por dois segmentos perpendiculares entre si, foi utilizada e reutilizada com simbolismo vários como constata Elias Diéguez Luengo¹⁹, nomeadamente o simbolismo da Redenção atrás referido.

Ao longo destas reutilizações, o sentido lúdico e o significado simbólico foram-se desligando, correspondendo à progressiva dessacralização do quotidiano humano analisada por Mircea Eliade, encontrando-se hoje gravações que:

— têm ou tiveram exclusivamente uma função lúdica — como seja o caso da gravação existente no Museu de Arte Islâmica em Mértola; aí se encontra, num dos lados da pequena lage de xisto, uma gravação do jogo do moinho e do outro, uma gravação do jogo do homem (figs. 14 e 15); — ou têm um significado apenas simbólico — será esse o caso da gravação existente no templo romano de Évora, no lado esquerdo da frontaria? (figs. 16 e 17).

Quanto a esta gravação existente no Monte Veloso, na freguesia de Carreiras, parece tratar-se de uma base do jogo do moinho. De facto, a impressionante regularidade do traçado que a compõe e a possibilidade de esta gravura ter sido incisa num antigo banco, leva-nos a tirar essa conclusão.

Em nossa opinião, estamos em presença de um curiosíssimo elemento da cultura popular, que tem subjacente uma riqueza de simbolismos e significados que o ultrapassam. Sob esta perspectiva é notável a gravação existente em Carreiras.



*Figura 16 - 17. Jogo - Largo do Moinho? Templo Romano de Évora.
Foto de J. Oliveira*



NOTAS

¹ Agradecemos a gentileza do Dr. Jorge Oliveira em nos ter comunicado a existência desta gravação de Carreiras.

² Aloy, P. Pedro, **Recreios Collegiaes. Por meio de toda a espécie de jogos excepto os de cartas e os de armas**. Lisboa, Tipografia Universaal, 1882, pp. 368 - 369.

³ Agradecemos ao Dr. Manuel Castro Nunes a preciosa informação sobre a existência destas gravações do Moinho do Pinheiro, situado à beira da Ribeira de Valverde.

⁴ Informação que nos foi dada pelo Dr. Manuel Calado, a quem estamos gratos.

⁵ agradecemos a informação destas gravações ao Dr. Jorge Oliveira.

⁶ Mais uma vez agradecemos a preciosa informação ao Dr. Jorge Oliveira.

⁷ Não deixa ser curioso que se conheça um jogo africano muito semelhante a este, conhecido pelo "mughal pathan" - que apenas difere por deixar livres as casas da linha do meio e não a casa central somente. Cf. Martine BASSET-CLIDIÈRE, **Jogos de Salão**, Lisboa, Pub. Europa-América, s/d, pp. 232 - 233.

⁸ Trata-se de gravações em placas de mármore que foram reaproveitadas para o soco de um cruzeiro atribuível ao século XVII. Agradecemos a informação destas gravações ao Dr. Jorge Oliveira.

⁹ René Guénon assinala o aparecimento de um símbolo, formado por três quadrados concêntricos interligados por quatro segmentos de recta perpendiculares,

inciso numa pedra druídica descoberta em Suèvres (Loir-et-Cher) e, outro da época galo-romana em Ville-Franche-sur-Cher (Loie-et-Cher). O autor vê nesta forma uma representação dos três graus de iniciação druídica, leitura que considera compatível com a de Le Cour que relaciona os três quadrados com os três ciclos da existência reconhecidos pela tradição céltica. Com efeito, Guénon sublinha que "en vertu de l'analogie constitutive du Macrocosme et du Microcosme, le processus initiatique reproduit rigoureusement le processus cosmogonique". Sublinha-se também o facto de este símbolo do triplo quadrado aparecer ainda em contextos tão diferentes e épocas tão distantes como na acrópole ateniense e no claustro de S. Paulo em Roma do século XIII.

(René GUÉNON, **Symboles fondamentaux de la Science sacrée**, s/l, éditions Gallimard, 1962, pp. 99 - 104. Citação da p. 102).

¹⁰ LUENGO, Elias Diéguez, "Algunas interpretaciones de los gradados del tipo triple recinto", separata de **Alcantara**, nº 175, Abril-Maio-Junho, 1974, p. 16.

¹¹ HENRIQUES, Francisco; CANINAS, Carlos; HENRIQUES, António, "Levantamento de algumas gravações antigas sobre rocha do sul da Beira Interior", **Beira Alta**, vol. XLI, fasc. 3, 1982, pp. 703 - 715.

¹² Elias Luego, em forma de conclusão, afirma que "los gradados de triple recinto son dibujos de tipo mágico religioso, con variadas interpretaciones (...) sin que hasta el momento hayamos encontrado ninguna que explique su uso como juego de cualquier clase" Ob.Cit., p. 19.

¹³ Cf. Salete da Ponte, "Jogos Romanos de Conimbriga", **Conimbriga**, XXV, 1986, pp.131 - 141.

¹⁴ Agradecemos ao Dr. Miguel Rego que gentilmente nos deu informações sobre esta gravação.

¹⁵ Cf. Jean-Marie Liôte, **Le symbolisme des jeux**, Paris, Berg-Bélibaste, 1976, pp.108 - 109.

¹⁶ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, **Dictionnaire des symboles**, Paris, Éditions Robert Laffont, 1982, pp. 165 - 169.

¹⁷ "Em contextos culturais extremamente variados, reencontramos sempre o mesmo esquema cosmológico e a mesma encenação ritual: a instalação num território equivale, à fundação de um mundo" ELIADE, Mircea, **O sagrado e o**

profano. A essência das religiões, Lisboa, Edições "Livros do Brasil", s./d., p. 60 Cf. pp. 68 - 60.

¹⁸ Cf. Celso Tavares da Silva, "Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta", in **Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977) da Associação dos Arqueólogos Portugueses**, vol. 1, Lisboa, 1978, pp. 167 - 184.

Segundo André Leori-Gourhan a apropriação do espaço (e do tempo) pelo homem, feita através do desenvolvimento das representações simbólicas ter-se-à iniciado no Paleolítico Superior. Cf. **O gesto e a palavra. Técnica e linguagem**, 1, Lisboa, Ed. 70, pp. 187 - 197 e **O gesto e a palavra. Memória e ritmos**, 2, pp. 121 - 145 e 179 - 214.

¹⁹ LUENGO, E.D., **Ob. Cit.**

* Queremos agradecer ao Dr. Jorge Oliveira o apoio e o incentivo que nos deu, desde o início, no estudo destes temas e, conseqüentemente, na redacção do texto agora presente.

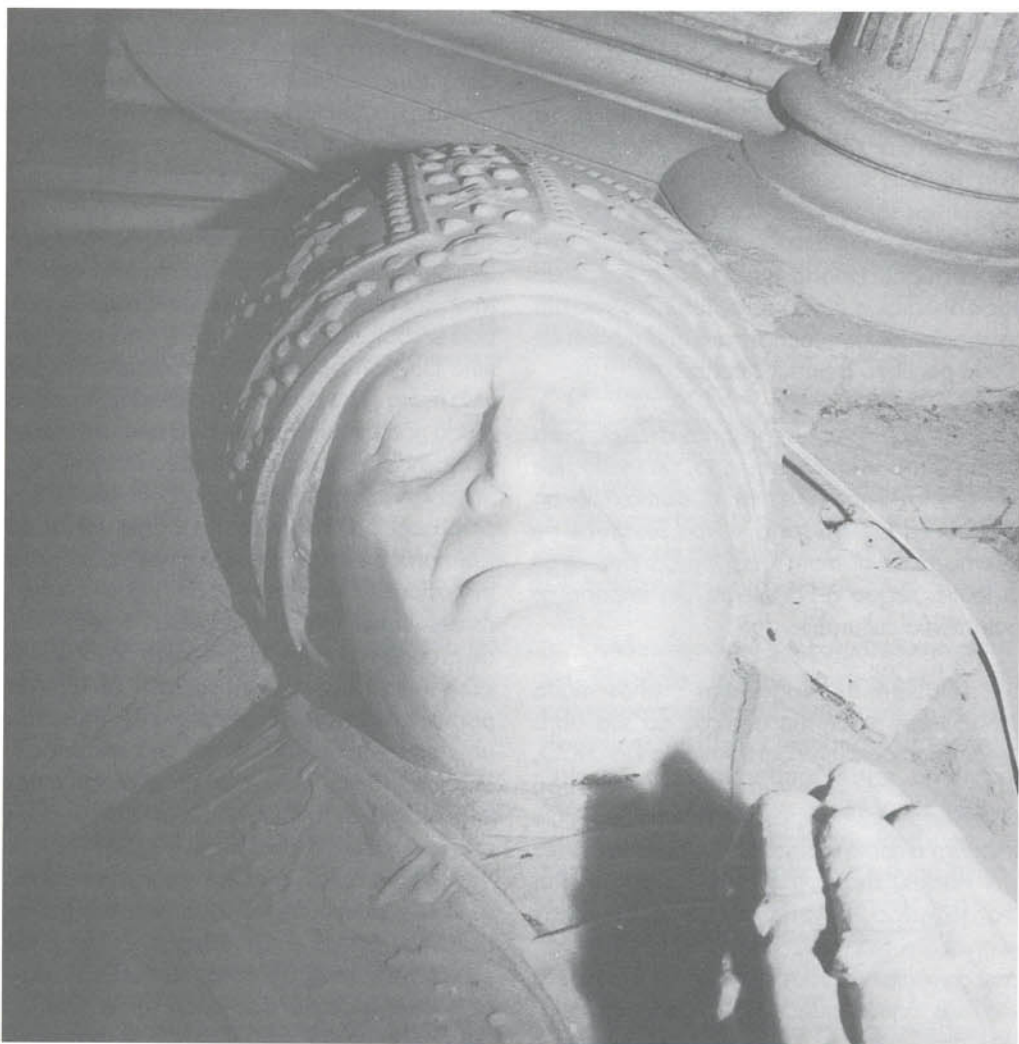
BIBLIOGRAFIA

- ALOY, P. Pedro, **Recreios Collegiaes. Por meio de toda a espécie de jogo excepto os de cartas e os de armas**, Lisboa, Tipografia Universal, 1982.
- BASSET-CLIDIÈRE, Martine, **Jogos de Salão**, Lisboa, Pub. Europa-América, s./d..
- CHEVALIER, Jean; GHERBRANT, Alain, **Dictionnaire des symboles**, Paris, Éditions Robert Laffont, 1982.
- ELIADE, Mircea, **O sagrado e profano. A essência das religiões**, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s./d..
- GUÉNON, René, **Symboles fondamentaux de la Science sacrée**, s./l., Éditions Gallimard, 1962.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, Carlos; HENRIQUES, António "Levantamento de algumas gravações antigas sobre rocha do sul da Beira Interior", **Beira Alta**, vol. XLI, fasc. 3, 1982, pp. 703 - 715.
- LERDI-GOURHAN, André, **O gesto e a palavra. Técnica e linguagem**, 1, Lisboa, Edições 70, s./d..
- LERDI-GOURHAN, André, **O gesto e a palavra. Memória e ritmos**, 2, Lisboa, Edições 70 s./d..
- LLHSTE, Jean-Marie, **Le symbolisme des jeux**, Paris, Berg-Bélibaste, 1976.
- LUENGO, Elías Diéguez, "Algunas interpretaciones de los grabados del tipo *triple recinto*", separata de **Alcantara**, nº 175, Abril-Maio-Junho, 1974.
- PONTE, Salete da "Jogos Romanos de Conimbriga", **Conimbriga**, XXV, 1986, pp. 131 - 141.
- SILVA, Celso Tavares da, "Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta", in **Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977) da Associação dos Arqueólogos Portugueses**, vol. 1, Lisboa, 1978, pp. 167 - 184.
- SILVA, Celso Tavares da, "Gravuras rupestres de Ferronche (Viseu)", in **Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu**, 1989, pp. 281 - 288.

D. JORGE DE MELO EM PORTALEGRE

O bispo, a história e a arte*

Manuel Inácio Pestana



Pormenor da cabeça do Bispo de Portalegre, no Convento de S. Bernardo.

Quem tiver alguma notícia a respeito do conhecido e sempre nomeado Convento de S. Bernardo, de Portalegre, saberá ao certo quem foi D. Jorge de Melo.

Relembremos, no entanto, a sua figura, a sua obra, a sua personalidade, a sua presença em Portalegre e as consequências que desta circunstância derivaram para a cidade, sua história, fama e glória.

Pouco se sabe, tanto quanto seria desejável, a respeito de D. Jorge de Melo. Não está feita a biografia completa. Dados disponíveis são apenas notas, algumas notas, e registos dos estudiosos da história da Igreja em Portugal, donde os coordenadores de enciclopédias e dicionários históricos retiram os apontamentos mínimos para informarem de modo genérico o público curioso.

Carece-nos a nós próprios o tempo para atenta e dilatada investigação, de modo que esta proposta não será mais que uma reflexão sem outras pretensões que não sejam as de lembrar o homem que, vindo de terras distantes, legou a Portalegre um importante património cultural.

Das linhas biográficas - aliás muito elementares - que lhe dedicou na sua obra "Évora Ilustrada"¹ o Padre António FRANCO, que para a sua cidade se esforçou denodadamente - e, às vezes, com evidente exagero e correndo riscos - por atrair glórias e virtudes, declara-o natural da capital transtagana, notícias que apenas reencontramos em Gama e CASTRO², praticamente redigidas nos mesmos termos. Na verdade, àquela cidade estão ligados os Melos da Casa Cadaval - e são estes os da linha de D. Jorge. Uma sua parente, D. Joana de Melo,

monja e abadessa bernarda do Convento de Portalegre, é tida por vários autores como igualmente natural de Évora. Não se estranhará, pois, aceitar-se para D. Jorge a mesma pátria alentejana.

É das crónicas, designadamente das páginas da "Alcobaça Ilustrada"³ que D. Jorge de Melo, feito bispo da Guarda em 1519, se recusou a tomar assento nesta cidade, atribuindo-se-lhe a desculpa de que não queria viver na terra onde matavam os bispos, alusão clara à morte violenta do bispo D. Álvaro de Chaves, apunhalado no ano de 1496 por um seu criado que pretendia - e conseguiu - arrebatá-lhe as chaves do cofre episcopal.

Sabe-se comprovadamente que D. Jorge fora forçado a aceitar o bispado em troca da famosa e proveitosa Abadia de Alcobaça, pois esta a cobiçara a Rainha D. Maria para seu filho D. Afonso, com cuja "acomodação" na vida muito se preocupou e para o qual, quando ainda não atingira sequer os 8 anos de idade, já alcançara os bispados de Évora e de Viseu, um cardinalato, o arcebispado de Lisboa e o priorado do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. De facto, embora titular também do bispado da Guarda, a abadia de Alcobaça representava honrarias especiais e benefícios de grande vulto. Abade perpétuo do mais rico convento do país seria, além de particularíssimo privilégio, segura garantia de um futuro tranquilo. Eram, na realidade, extraordinárias, no sentido mais exacto desta expressão, as benemerências dos abades daquele mosteiro cisterciense:

acumulavam os títulos, e correspondentes rendas e prerrogativas, de **fronteiros-mores** das suas terras e alfândegas do mar, de **esmoleres-mores**, o **direito**, com seus criados, a **aposentadoria** por onde quer que se deslocassem, em tudo segundo se praticava com as pessoas reais; **isenção de sisas** e

portagens; propriedade e rendimentos dos riquíssimos coutos anexos, etc., etc.

Por tudo isto e pela ilustração, prestígio e respeitabilidade eclesiástica e social do cargo, muito bem instalado se sentiria nele D. Jorge de Melo desde o momento em que o seu protector D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha e bispo de Frassati, assim o houvera por bem e o determinara em Roma no ano de 1505 ao renunciar, ofendido que estava pela desfeita de el-rei D. João II que aceitara a eleição de Frei João Claro na sucessão alcobacense de Frei Isidoro de Portalegre.

Manifestara o Cardeal particular estima por D. Jorge de Melo, que entretanto em Roma se passeava sem alarde, "fidalgo nobilíssimo dos deste apelido", o qual assistia na cidade pontificia "como filho segundo para se acomodar pelo eclesiástico", provavelmente à espera de uma oportunidade.

Seu nome secular era Simão, filho de Garcia de Melo, alcaide-mor de Serpa, e de D. Filipa Pereira da Silva e teve como irmãos Jorge de Melo, monteiro-mor que foi de D. João III, Henrique de Melo, o primogénito, alcaide-mor na sucessão do título paterno - o pai, sobrinho do alcaide-mor de Olivença Martim Afonso de Melo, senhor de Ferreira, origem da Casa dos Duques de Cadaval.

Do seu protector de Roma, teria provavelmente Simão de Melo retirado e aproveitado o primeiro antropónimo, talvez - quem sabe? - como demonstração de admiração e reconhecimento.

Retomemos, porém, a sequência biográfica para afirmarmos a convicção - aliás subscrita por diversos autores - de que D. Jorge se recusara a entrar na cidade da Guarda,

"espírito atrabiliário que era e sempre mal disposto" - relata Fortunato de Almeida ⁴ -, certamente mais violento que melancólico, para demonstrar a sua contrariedade pela imposta nomeação prelatícia, e nessa "sua disposição" se fundamentará a intencional ausência para lugares distantes, os mais distantes, da diocese, primeiro, segundo se crê, para Abrantes e pouco depois para Portalegre, em definitivo.

"Coagido a largar o rico priorado de Alcobaça amuou-se -lê-se em José Osório da GAMA E CASTRO, e entrou em verdadeira fúria, prometendo a si próprio desempenhar-se o pior possível do novo cargo, e prejudicar quanto coubesse em sua alçada a pobre diocese egitanense que, apesar de servir de prémio de consolação ao voluptuoso prelado, ele ficara aborrecido por lhe lembrar o seu desaire" (...) ⁵.

Prossegue ainda este autor - juiz impediço contra o bispo - que D. Jorge a Portalegre dedicou "toda a sua solicitude por meio de promoções importantíssimas, que prepararam a sua elevação a cidade e produziram mais cedo do que se esperava, e logo à morte do bispo, a desmembração da velha diocese.

A resistência à sua colocação na cidade da Guarda e atitudes rebeldes daí consequentes provocam um processo disciplinar na Cúria Romana, acusando de "abuso e contumácia", que conduz à excomunhão maior, suspensão "a divinis" com multas, proibição de entrar na igreja, etc., de tal modo se comportando que o Papa Paulo III em 1545 ordenou ao Núncio de Lisboa se encarregasse da administração da diocese. ⁶

É discutível se o novo bispo fez alguma coisa pela sua catedral no sentido de prosseguir e acabar as obras em curso desde

o séc. XIV, para as quais teria sido constringido a conceder subsídios, tese aliás, pouco provável porque havia verbas para o efeito. No entanto, refere Gama e Castro (*ob. cit.*) que consta terem sido de uma iniciativa e de seu compromisso o lajeamento geral e a abóbada artesoadada do coro de cima em cujos fechos se ostentam as armas heráldicas dos Melos, assim como numa das primitivas portas manuelinas. Ao tempo do seu "governo" diocesano - que durou quase 29 anos - corresponde, de facto, o andamento das obras, cujo acabamento se previa para o ano de 1540, mas que só aconteceu 10 anos mais tarde (1550). De qualquer modo, não seria rigorosamente necessário para o efeito, a presença do bispo da diocese. Bem ocupado andou ele todo esse tempo com as obras que empreendeu em Portalegre, essas sim custeadas pela sua farta bolsa.

Fortunato de Almeida, que bebeu a principal biografia de D. Jorge de Melo em Frei Manuel dos Santos ("Alcobaça Ilustrada", *cit.*), e outros mais biógrafos de enciclopédias, nada mais, acrescentam de interesse a partir da fixação do bispo em Portalegre, ou melhor, desde a intervenção papal no polémico processo que o envolveu.

Vale-nos então o Padre Diogo Pereira de Soto Mayor, conhecido autor do "Tratado da Cidade de Portalegre", redigido no ano de 1619 (e só impresso em 1919 - 1ª ed. - e 1984 - 2ª ed.), autor que viveu entre 1550-60 e 1632 (f. 6. Agosto)⁷.

Não tendo, embora, conhecido já D. Jorge, dele terá tido indubitavelmente certificadas notícias pela memória que deixou na nossa cidade o bispo exilado - auto-exilado - Diz este "indigno capelão em a Santa Sé de Portalegre", como ele próprio se intitula, que deu entrada D. Jorge na então ainda vila de

Portalegre no dia 23 de Abril de 1526, rotulando-o como "um senhor dos principais fidalgos deste reino" e conta a seguir, a conhecida história do encontro dele com D. Jorge da Costa em Roma e da sua passagem daí para Alcobaça, onde se fez clérigo cisterciense e abade, e finalmente o "negócio" (= negociação) da Rainha que forçou a sua saída para a Guarda.

Bem curiosa é, não só a notícia apresentada pelo Padre Soto Mayor, como também a linguagem e a argumentação usada nessa negociação:

"Outros dizem que a Rainha desejava aquela abadia para seu filho, o Cardeal D. Afonso, e que, estando um dia de Reis em Alcobaça, se foi falar com o abade e lhe permitiu **Reis** como se costuma em Portugal (que em Castela, para **pedirem Reis**, dizem **Aguinaldo**)⁸. Assi que o Abade respondeu à Rainha que visse Sua Alteza o que queria e ela dixi: que aquela abadia pera seu filho Dom Afonso, Dom George, ou por fás ou por nefas, houve de lha dar" ..., que é, como quem diz que "forçadamente, sem considerar das razões e da justiça ou considerar de tal concessão".

"Mas - adianta o narrador - o mais certo de tudo é que **a rainha estava desgostosa do abade por certo respeito** e, juntamente pelo interesse de agasalhar ali o filho (porque tinha muitos), pediu a el-rei que o tirasse dali, com lhe dar de comer em outra parte, o que el-rei fez, com lhe dar em satisfação o bispado da Guarda, que ele aceitou muito contra sua vontade. Mas como à (vontade) dos reis não há resistência, foi-lhe necessário dissimular sua mágoa, que foi tanta que **dizem que nunca entrou na Guarda**, e para consagrar os santos óleos e fazer ordens, tinha um **bispo de anel**, frade de S. Francisco, que se chamava Frei Baltasar, muito grande letrado e seu pregador".

E logo vem uma proveitosa notícia, autêntica, subscrita desta forma pelo Padre Diogo: "E ainda hoje estão na cerca de S. Francisco desta cidade umas casas que agora servem dos azeméis dos religiosos e de palheiros, onde pousava este, **Frei Baltasar**, bispo de anel", que era pois como se sabe, um coadjutor expressamente destinado às consagrações e ordenações.

São muito importantes, em nosso entender, as informações do Padre Soto Mayor, importantes para a história de Portalegre, sem dúvida, mas ainda mais para o conhecimento da vida e práticas do bispo aqui instalado. Pormenores inéditos apresentam-se de tal modo sugestivos, como o **caso da "negociação" da Rainha** e do respectivo **diálogo** e da **referência a desgosto** que dele tinha a Rainha, assim como da **presença deste Frei Baltasar** como coadjutor, e outros mais sinais que se revelam no texto do "Tratado da Cidade", merecem e justificam uma cuidadosa e aprofundada investigação histórica.

Construiu, como já se percebeu, à sua custa o **Convento de S. Bernardo**. "com muita soma de dinheiro de Alcobaça", preferindo o sítio da Fontedeira em Portalegre⁹ ao assento das proximidades de Marvão,¹⁰ primeira sugestão para concretizar a sua deliberada vontade de fundar uma casa religiosa para fidalgos arruinados que se destinassem à vida contemplativa. Pensara fazê-lo depois no termo de Portalegre "onde está uma quinta sua que chamam a província de S. Braz onde estive um mosteiro antigamente de biguinos (= beguinos, eremitas), que naquele tempo, eram ermitões de S. Paulo". E porque esse sítio se encontrava em ruínas, "o bispo lançou mão dele e pagou a quem possuía e fez nele muito grandes edifícios e uma igreja de novo", tudo

no tempo em que o Padre Soto Mayor escreveu (1616 -1619) estava de novo destruído¹¹.

Acomodado, portanto, ao dito lugar da Fontedeira "porque ficava à vista da cidade, e havia nele muito boas águas e aquele Rossio,¹¹ e campo, e vista para as religiosas estenderem os olhos", aí se construiu, como já ficou referido, o notável imóvel (igreja e convento), obra de 20 anos, terminada ainda em vida do bispo e onde "agasalhou" grande número de religiosas, vindas algumas de outras casas cistercienses, sustentando algumas à sua custa. Sobrevivendo ainda dez anos à abertura do mosteiro, teve tempo e inspiração para nele edificar um **soberbo túmulo** para sua eterna morada, notabilíssima obra de arte.

Acompanhando a saborosa descrição do Padre Soto Mayor ficamos sabendo que D. Jorge ali se "**mandou retratar morto**, vestido de pontifical da mesma maneira que costumam sepultar os bispos" e que "debaixo daquele retrato estão os seus ossos metidos naquela arca de mármore (e) tem duas missas quotidianas".

De muita riqueza dotou este mosteiro com rendas e ornamentos, incluindo "toda a tapeçaria de panos muito bem estoreados. "E me lembro - assinala Soto Mayor - que ainda em meu tempo havia só na Capela maior diante do Santíssimo Sacramento, cinco alâmpadas todas de prata, afora outras muitas que havia, pelas capelas do claustro para dentro".

D. Jorge viveu, pelo menos nos últimos anos da sua vida, em casas anexas ao Convento, que em tempo do historiador Padre Diogo serviam de tulha; nelas falecendo desta vida terrena no dia 5 de Agosto de 1548, óbito que não lográmos encontrar registado nos arquivos locais consultados.



Este o perfil do homem e do bispo que veio instalar-se nesta cidade, tornando-a “episcopal”, e “episcopável” pela sua presença histórica.

“Episcopal” porque, efectivamente Portalegre, inesperadamente residência de um bispo - o da diocese a que pertencia - se tornou por tal razão sede dela, mesmo sem igreja - catedral; assento prelatício desde 1516, desta forma; e, de algum modo, tornou-se “episcopável”, ou seja, capacitada e potencial sede de um bispado, antecipando de 33 anos a realidade consumada em 1549, precisamente um ano depois do falecimento do titular egitanense.

Demonstrou decerto esta feliz circunstância a notoriedade de Portalegre, comparada com outras localidades, mais ou menos importantes da área meridional da diocese, enobrecida desde 1533 (Jan. 03) como sede de comarca, com sua correição e provedoria.

“Por sua morte se partiu o bispado - lembra o Padre Soto Mayor -, e ficou do Tejo para cá ao de Portalegre(...)” E como nesta conjuração - diz ainda noutro passo o mesmo cronista - falecesse nesta cidade, que ainda era vila, o bispo Dom Jorge de Melo, bispo da Guarda. D. Julião - refere-se a D. Julião de Alva então prior na diocese de Lamego, que pedira à Rainha, de quem era confessor, o fizesse bispo - vendo esta ocasião, não lhe passou por alto. Tratou com a Rainha (D. Catarina) e esta com el-rei (D. João III), que dividissem o bispado e fizessem de um, dois (...).” A verdade é que assim se procedeu até à erecção da nova diocese (bula papal de

Paulo III) e D. Julião de Alva veio a tomar posse pela mão do notário apostólico Sebastião de Andrade, que fora **servidor de D. Jorge de Melo**, já no ano de 1550¹².

Acaso, quando a outra rainha (D. Maria de Castela) forçou D. Jorge ao escambo de Alcobaca pela Guarda, se se procedesse à divisão territorial desta extensíssima diocese não poderia ter sido D. Jorge o primeiro titular do novo bispado? Teria porventura D. Jorge pensado nesta hipótese quando decidiu escolher para o exílio voluntário uma das povoações mais distantes da igreja da Guarda, situada para além do Tejo, invocação geográfica importante da bula papal?

Ao confrontarmos em termos cronológicos, os diversos factos históricos que se ligam a Portalegre e nesta cidade se interceptam, parece-nos ser de oportuna reflexão, interrogarmo-nos sobre as possíveis e prováveis relações pessoais de bom entendimento entre D. Jorge de Melo e o próprio rei D. João III¹³.

Terá o monarca intervindo de algum modo no projecto de reforma das dioceses do Sul, entretanto iniciada? Recordemos, p. ex., que nas décadas imediatamente anteriores se criaram, por desmembramento de Évora, as de Elvas e Beja. Recordemos também que D. João III estanciava com frequência em Évora; e entre 1533 e 1536 assim aconteceu sem interrupção, ali estabelecendo por 3 anos sucessivos a capital do reino, por via da peste que assolara Lisboa e pelo gosto e afecto que o atraíram à nobre capital alentejana, aí mesmo onde reunira cortes em 1535 (Jan. 13) nas quais então - sublinhe-se - estivera presente o bispo Jorge de Melo.

Apesar de, e para além dos dislates e irreverências do reverendíssimo bispo, coexistindo num tempo comum e num espaço próximo, poder-se-iam ter encontrado o bispo e o rei, discutindo questões de interesse mútuo, ambos admiradores da arte e da cultura, como se comprova pelas obras que ambos legaram à história. Desses contactos acreditamos que derivassem naturais benefícios para Portalegre, cidade que teve em D. João III o seu "verdadeiro" rei, a quem tanto ficou a dever, e em D. Jorge um indubitável e dedicado amigo e servidor.

Trinta e dois anos aqui viveu o bispo, tempo demasiado longo para uma vida estéril, pacata, imóvel, perfeitamente inconcebível no homem de fibra e de ânimo forte e decidido que nele se adivinha. Para além de ter cuidado da publicação das "Constituições do bispo D. Pedro Gavião" e da elaboração dos Estatutos de S. Bernardo de Portalegre, vinte anos lhe sobejaram para acompanhar as obras do convento e do seu precioso monumento funerário. Escasseia documentação que permita conjecturar o que teria sido, efectivamente, **a vida deste homem em Portalegre**. Mas bastará atentar na qualidade da obra que nos deixou no domínio das artes para compreendermos que se trata de um espírito culto e iluminado, sentindo e pressentindo a força e a filosofia da época - a **Renascença** em plena pujança, com o exemplo do rei mecenas a tentar naturalmente também as suas inclinações, ele, a quem a bolsa farta não preocupava. Com os mestres, artistas e peritos ocupados na obra total de S. Bernardo, desde os arquitectos aos decoradores, decerto se entreteria; e quantos não terá ajudado?

Se entendeu por bem fazer em Portalegre tão boa aplicação dos lucros de Alcobaça e se os seus estudos de Paris e de Roma não foram de facto em vão, ele, que já na abadia

deixara sinal vivo do gosto e respeito que tinha pelas artes maiores e pelos artistas - deve-se-lhe, p. ex., o enriquecimento em manuelino e reforma do gótico remoto do Mosteiro -, também dessa forma serviu a Igreja e serviu os seus próprios gostos. Não foi, porém, com o gótico ou o gótico-manuelino que marcou o seu sentimento manuelino em Portalegre. Foi sim, o Renascimento, ainda que, conforme as palavras de Jorge Rodrigues e Paulo Pereira,¹⁴ nessa construção "a teoria da luz revele o escopo do programa arquitectural manuelino" e "as coberturas são nervadas (...) fazendo uso da ogiva", assim como noutros pormenores que correspondem à primeira campanha das obras se manifeste a influência anterior do gótico final. Quando analisam as expressões da arte em Portalegre, estes especialistas referem e destacam "o gosto aqui generalizado na década de 30 do século, era ainda assim, conservador de carácter manuelino (...) perdendo às vezes no pormenor decorativo para a nova gramática ornamental do renascimento (...)"

D. Jorge de Melo era, porém, "**um homem de gosto vanguardista**" (*Ib.*, p.32), de modo que a sua escolha foi "para as formas modernas e actualizadas, que é como quem diz, para o classicismo e humanismo renascentistas (...) mas tendo evoluído curiosamente, como se disse já, a partir de referências ainda góticas nas duas primeiras décadas do século, facto sensível no Convento de S. Bernardo construído entre 1518 e 1530.

Referiremos agora, em particular, **o excepcional exemplar de escultura tumular** que deixou à posteridade como um grande monumento que perpetua a sua memória e a sua sensibilidade humanística.

Trata-se de um extraordinário conjunto em que sobressai o elegantíssimo painel

marmóreo, autêntico retábulo pictural em pedra, rico de volumes, de decoração e de luz - "magistral composição (...) uma das melhores obras do Renascimento português"¹⁵.

Dentro da moldura dos seus 12,35 m. de altura por 7,10 m. de largura, o elemento mais evidenciado do painel é o pórtico central, onde se esculpiu a cena do encontro de Santa Ana e S. Joaquim junto à Porta Áurea de Jerusalém, tema que nos conduz ao pensamento de que D. Jorge de Melo agiu com plena consciência de que iria legar aos vindouros um autêntico monumento, exemplo claramente marcante de uma época e de um estilo e até de uma personalidade, a sua.

D. Jorge, na paz tranquila do pétrio túmulo, contempla aquele sagrado encontro, intencionalmente encomendado, por razões pessoais de fé, de sentimento e de significado, neste caso por se tratar de tema muito do gosto humanístico dos séculos XV e XVI, pela imagem de "esposa ideal" em oposição à mulher "feiticeira, tentadora e pecadora".

Santa Ana era o exemplo representado e ensinado da esposa que "assegura a prosperidade material e que respeitava o marido na ausência, enquanto ocupado com os seus negócios", ideal que prosseguiu aceite até ao séc. XVII. Depois impôr-se-á o dogma da Imaculada na figura sagrada da Virgem Maria, sua filha, concebida sem pecado.

Este culto de Santa Ana, fortalecido desde os finais da Idade Média, tinha suas raízes nos Evangelhos Apócrifos (ou "secretos", significado mais correcto o correntemente atribuído de "errados" ou "não canónicos"), dos quais o Protoevangelho de S. Tiago, o Menor, mais ou menos dos anos 150 da era cristã, é o mais antigo dos evangelhos ditos

de ficção e o que mais terá influenciado a imaginação dos artistas renascentistas¹⁶.

A Porta Dourada, ainda hoje existente, só será aberta no fim do Mundo; é um símbolo forte, por isso mesmo escolhida para o encontro dos pais de Maria, reconciliados no desgosto de não terem descendentes, e que ali se juntaram depois do anúncio que a cada um fizera um anjo. Soube assim, Ana que iria tornar-se, apesar da sua idade adiantada, a mãe da Mãe de Jesus Salvador, o que, na verdade, aconteceu nove meses depois, história, mais tarde e sucessivamente, acrescentada em outros e mui variados pormenores, tendo servido de inspiração aos artistas.

Estas são razões suficientemente justificadas da utilização de um tema tão complexo e tão carregado de simbolismo, assim como, do mesmo modo, se justifica a presença esculpida de outras figuras do agiologia cristão (S. Simão, Santa Helena, S. Miguel, S. Jorge e os fundadores da Ordem de Cister S. Bento e S. Bernardo) e a exaltação de Nossa Senhora representada em glória na edícula superior do majestoso painel.

E daqui, em consequência, face à responsabilidade dos temas, se justifica, em nosso entender, a entrega do trabalho a artista de qualidade e de experiência feita, suspeitando-se desde logo, com forte argumentação, que tenha sido **Nicolau de Chanterenne** o famoso escultor francês e um dos responsáveis pela introdução do Renascimento em Portugal, o escolhido para dar forma e expressão ao projecto de D. Jorge de Melo, obra esta que terá sido, segundo alguns, muito provavelmente, a última deste notável estatuário¹⁷.

Razões para assim o crer:

- Ter andado Chanterenne pelo Alentejo, nomeadamente por Évora, onde trabalhou entre 1530 e 1540, período coincidente com a execução do túmulo do bispo D. Jorge, como também noutras localidades alentejanas deixou sinal do seu talento e do seu estilo, como Arronches e Olivença, por exemplo;

- Em Évora, precisamente, construiu túmulos e a famosa fachada da igreja do Convento da Graça, onde um dos ornamentos temáticos do seu estilo é o conjunto de atlantes, aqui monumentais., que se repetem no túmulo de Portalegre ("dois vultos de homens com umas grandes bolas na cabeça, como guardas da sepultura" - lê-se no "Tratado da Cidade de Portalegre"¹⁸, são aliás, 4 atlantes, ao lado da Virgem Gloriosa, como também acontece no pórtico da igreja matriz de Arronches, dizendo Jorge Rodrigues e Paulo Pereira, que são estes "os dois únicos monumentos renascentistas onde nos surgem grupos de quatro atlantes" - referência a Évora e Arronches, a que se acrescentará então S. Bernardo e, não referido por estes autores, ainda em Olivença no pórtico da igreja da Madalena, onde "nos vértices do frontão se colocam atlantes ao gosto de Chanterenne"¹⁹.

- Presença das características do traço do escultor francês: a sobriedade do conjunto, os elementos fundamentais como a cornija, o entablamento, os capitéis, simples, os arcos de volta redonda, medalhões e mascarões, volutas em floreados, além dos já citados atlantes.

- Nós não só cremos ter sido de facto Chanterenne a realizar tão importante trabalho como igualmente o portal principal e talvez o púlpito. E isto por vários motivos" - são palavras dos historiadores Jorge Rodrigues e Paulo Pereira, que aduzem de seguida argumentos muito convincentes em defesa desta tese, como

as que referimos, de natureza geográfica e cronológica e ainda outra que não é de facto de desprezar, que é a de D. Jorge de Melo, como encomendador, dispor de poder e de meios, "dele fazendo um dos mais esclarecidos mecenas do nosso humanismo renascentista"²⁰.

Lembremos ainda que D. Jorge teria conhecimento do Mestre Nicolau em Alcobaça, porque quando, foi "despachado" para a Guarda trabalhava ele lá nas obras do Claustro do Silêncio.

Há quem argumente contra, considerando o facto de se apresentarem aparentemente separados os dois blocos do monumento funerário, o sarcófago (arca tumular) e o retábulo mural.

Isto, a comprovar-se, entendemos não invalidar aquelas propostas, mantendo a atribuição da factura do painel ao mestre francês.

- Nós assim o cremos, a bem da valorização do património artístico portalegrense e em abono da personalidade do bispo egitarianense.

Do que não restam dúvidas é de que a obra persiste na qualidade e no simbolismo e só poderia ser produzida por um grande Mestre dessa época esplendorosa que foi a Renascença.

CONCLUINDO:

1) Foi D. Jorge de Melo uma figura destacada do seu tempo, ainda que polémica e controversa, que enobreceu e projectou Portalegre com a sua presença e a sua obra notável;

2) Comprova-se que o mesmo D. Jorge, verdadeiramente um "pré-bispo" de

portalegre, foi um dos inspiradores e, quiçá, motivador, da criação da nova diocese;

3) Com este bispo muito se terá relacionado o próprio rei D. João III, um e outro, cada a um a seu modo, autêntico mecenas de Portalegre, duas figuras maiores do seu tempo;

E pergunta-se:

4) D. Jorge, preparado com suas passagens por Paris e Roma, não terá produzido outras obras sem rosto visível, na protecção, que o seu dinheiro e a sua cultura comodamente permitiam, a religiosos, sim, mas também a artistas e literatos, inclusivamente promovendo em Portalegre - terra de gente nobre e ilustrada - cenáculos culturais tão ao gosto da época?

Esse século XVI, e logo os princípios do XVII, correspondem a um verdadeiro período de ouro da história portalegrense. É o tempo da erecção do bispado, das consequentes obras da catedral, da presença dos grandes artistas decoradores das igrejas; é a chegada dos Jesuítas com o seu colégio de S. Sebastião, da fundação de novos Conventos - tudo, afinal, surgindo na sequência desse grande impulso que foi a presença e as obras inspiradas do precursor D. Jorge de Melo.

Não o duvidamos e por isso nos propusemos tomar este tema "D. Jorge de Melo, o bispo e a arte ao serviço de Portalegre", questão que merece e justifica prosseguimento, análise e discussão e à volta da qual não receámos tecer algumas conjecturas, porventura ousadas, como reflexão pública e em voz alta neste solene momento, que me atrevo a chamar a "minha última celebração pedagógica".

* Última lição do professor DR. MANUEL INÁCIO PESTANA

26. Junho, 1993

1994- Instituto Politécnico de Portalegre

QUADRO GENEALÓGICO DE D. JORGE DE MELO, Bispo da Guarda*.

JOÃO DE MELO

Alcaide-mor de Serpa
c. c. (l.º casam.) D. Isabel
filha de Nuno Martins da Silva o Velho,
escrivão da Puridade de D. Duarte

Martim Afonso de Melo Alc.-mor de Serpa Comendador de Longrova C.C. (l.º) D. Filipa Pereira, f.ª de D. Henrique Pereira, comendador-mor da Ordem de São Tiago	Henrique de Melo	D. Briolanja mulher de Diogo de Sampaio de Serpa e Viarinho	D. Filipa mulher de Pedro de Moura, alcaide-mor de Marvão	D. Isabel mulher do Dr. João Afonso de Aguiar, provedor de Évora	D. Catarina que não casou
Garcia de Melo Alc.-mor de Serpa Comendador de Longrova C.C. (l.º) D. Filipa Pereira, f.ª de D. Henrique Pereira, comendador-mor da Ordem de São Tiago	D. Leonor mulher de Nuno Eureto, alcaide-mor de Faro	D. Branca mulher de Rui Dias Pereira de Serpa			

Henrique de Melo Alc.-mor de Serpa Mestre de São Tiago D. João III C.C. D. Maria, f.ª de Pedro Barreto, comendador de Castro Verde	Rui de Melo Comendador de Longrova C.C. D. Maria Henriques, f.ª de Afonso de Mascarenhas, Com. de Aljustrel	Simão de Melo (D. Jorge de Melo) Abade de Pombeiro Abade de Alcobaca Bispo da Guarda "de hua mulher onrada"	Jorge de Melo Porteiro-mor de D. Manuel I de Monteiro-mor de D. João III C.C. D. Maria Margarida de Mendonça, f.ª de Diogo de Mendonça, alcaide-mor de Mourão	Diogo de Melo da Silva C.C. D. Catarina de Castro, f.ª de Miguel Corte Real, porteiro-mor de D. Manuel I	OUTROS que morreram moços	D. Isabel Pereira mulher de Henrique da Silveira	D. Joana Mulher de Vasco Antes Corte Real, alc.-mor de Tavira e cap. de Ilha Terceira da Ilha da Madeira, f.ª de Vasco de Moura, Manuel I	Abadessa de S. Bento, de Évora
---	--	--	--	--	-------------------------------------	--	---	---------------------------------------

D. António de Melo C.C. D. Joana, f.ª de seu tio Rui de Melo	D. Bernardo de Melo C.C. D. Guiomar, f.ª do 2.º casamento de Vasco Martins de Albuquerque, senhor de Castelo de Vide, e D. Isabel Zuzarte, f.ª de Pedro Zuzarte, senhor de Arraiolos	D. Francisca C.C. António de Moura, f.ª de Alvaro Gonçalves de Moura, alc.-mor de Marvão	Outros (que foram freiras)
--	--	--	--------------------------------------

* Quadro Genealógico sumário de D. Jorge de Melo, Bispo da Guarda, segundo a *Monarquia e Flor das Linhagens de Portugal*, Ms. anónimo do AHCBC (Arquivo Histórico da Casa de Bragança), de 1632-1665.

* Vasco Martins de Melo (1.º casamento) C.C. D. Maria de Meneses, f.ª de Lopo Vaz de Sequeira e irmã de Diogo Lopes de Sequeira, alcaide-mor do Alandroal e 4.º governador da Índia.

Notas

¹ - P.º António FRANCO, *Évora Ilustrada*. Évora, Ed. Nazareth, 1945.

² - José Osório da Gama e CASTRO, *Diocece e distrito da Guarda*. Porto, 1902. Págs. 341 e segts.

³ - Frei Manuel dos SANTOS, *Alcobaça Ilustrada*. Lisboa, 1710. Pág. 317.

⁴ - Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*. Coimbra, 1910-1922.

⁵ - Gama e CASTRO, *ob. cit.*, p. 341 e segts.

⁶ - No ADPTG. (Conv. S. Bernardo. CX. XXI, nº 1980) encontra-se uma quitação passada pelo Núcleo Apostólico João Riccio por ter recebido de Jorge de Melo, Monteiro-mor (irmão do bispo) e de Sebastião de Andrade, este recebedor do prelado D. Jorge de Melo, a quantia de 1686 cruzados, por conta da condenação em sentença dada contra ele em Roma (1546. Set. 24. Santarém).

⁷ - P.º Diogo Pereira de SOTO MAYOR, *Tratado da Cidade de Portalegre*. Elvas, 1919 (1ª ed.). Lisboa, IN.CM. 1984.

Ms. de 1616-1619.

⁸ - M. Inácio PESTANA, *Emlogia do Natal Alentejano*. Portalegre, 1983. 2ª ed. *Natal Alentejano, cultura e alma de um povo*. Conferência pronunciada no Museu de Évora em 9. Jan. 1986:

"Na povoação fronteiriça de Galegos (conc. de Marvão), quando saíam da Missa do Galo homens e rapazes de ferrinhos, pandeiretas, zambombas, castanholas e outros desencantados instrumentos adequados à função, iam de porta em porta cantando **Guinaldo**, isto é, pediam comida e bebida, num português-espanhol místico, aliás, falado em ambos os lados da fronteira, uma dessas

bem visíveis expressões de difusão culturalista-

De-me uested **Guinaldo**
Senhores, por Diós
De quatro que venimos
Entraremos solo dos

De-me uested **Guinaldo**
Senhora, bonita
Nozes ou castanhas
Ou outra qualquer cosita

Uma vez servidos despediam-se nestes termos:

O **Guinaldo** já está dado
À vontade do patrão
Deus lhe dê muita sorte
Deus lhe dê a salvação

Guinaldo é uma palavra rara neste vocabulário de relação.

Na língua portuguesa e como provincialismo significa paródia e vadiagem. Aqui, porém, o seu significado sai mais purificado.

Esta é, pois, uma referência curiosa, actual e persistente, da tradição secular espanhola evocada pelo P.º Diogo Soto Mayor.

⁹ - Um alvará régio confirma a doação que a Câmara fizera ao bispo da Guarda, "esmoler moor", do sítio da Fontedeira e do "chão que está abaixo da dita fonte" para construção do "mosteiro novo" que ora lhe quer (fazer)" (ADPTG. Conv. S. Bernardo, Cx. XXI, nº 1790/1526. Jun. 14. Santarém).

Com data de 1549. Nov. 27. Lisboa, o mesmo monarca (D. João 3º) concede ao referido Convento a mercê de poderem cercar de parede aquele lugar e o chão anexo para "que lhe não ponhõ (...) embargo algum".

¹⁰ - ... E buscando sítio e lugar acomodado pera isso por estas partes, quis começar esta obra tam santa em um sítio que está ao pé da vila de **Marvão**, que dista desta cidade quasi duas légoas, onde foi a cidade de Medóbriga. (...) Mas tomado parecer com alguns físicos e matemáticos, e tomado o clima do sítio e o planeta que sobre ele reina, acharam que era lugar muito doentio e que passariam ali as religiosas muito trabalho; e que ua das rezões por que aquela cidade se não tornou a povoar, depois de destruída, foi por ser o lugar pouco sadio”.

(D.P.Soto Mayor, **ob. cit.**, p. 111).

¹¹ - Além deste rossio da Fontedeira, depois conhecido como de S. Bernardo, localizavam-se na cidade e nestes arrabaldes os rossios de S. Mateus e de S. Sebastião, correspondendo ao actual sítio ajardinado da Corredoura (de Cima/S. Mateus, de Baixo /S. Sebastião), ficando-lhe ainda próximo o Rossio do Espirito Santo, que é o que manteve a sobrevivência da designação até aos nossos dias.

¹² - “Encontrando-se actualmente a igreja da Guarda privada de pastor pelo óbito do seu anterior bispo, o bem conceituado Jorge, falecido fora da cúria romana (...)” (Da Bula de S. Paulo III, de 1549. Ago.21).

¹³ - São vários os alvarás de D. João III concedendo mercês ao Convento do bispo D. Jorge de Melo existentes no ADPTG., nomeadamente os seguintes:

1526. Jun. 14: confirmação da doação dos terrenos da Fontedeira (já referido);

1538. Jan. 15: concede à abadessa e demais religiosas o direito de serem servidas primeiro que quaisquer outras pessoas de carne e peixe necessário à sua sustentação (ADPTG. S. Bernardo, Cx. XXI, nº 1782);

1547. Mar. 26: mercê para poderem as mesmas religiosas aproveitar como entendessem a sua herdade da ribeira de S. Vicente, contra uma postura municipal que determinava que as herdades do termo de Portalegre só podiam ser cultivadas de 4 em 4 anos (Ib., Cx. XXI, nº 1797).

1549. Nov. 27: Apostila que concede àquelas religiosas mercê para poderem cercar de muros a Fontedeira e os terrenos anexos (já referido /ADPTG./ S. Bernardo Cx. XXI, nº 1790).

1550. Mar. 18: Aprovação e ordem para que se cumpram as disposições de doação de bens e de instituição de uma capela feita ao Convento por Helena de Mesquita (Ib. Cx. XXI, nº 1858).

1550. Dez. 02: Provisão para o Corregedor de Elvas julgar a petição do Convento e queixa de ofensas a direitos que lhe assistiam na herdade dos Mateus, em Monforte e em herdades de Oguela (Ib. Cx. XXI, nº 1806).

¹⁴ - Jorge RODRIGUES e Paulo PEREIRA, **Portalegre**. Ed. Presença. Lisboa, 1588.

¹⁵ - Jorge RODRIGUES e Paulo PEREIRA, **ob. cit.**

¹⁶ - Adriano Vasco RODRIGUES, **O retábulo flamengo da parentela de Santa Ana na igreja matriz de Torre de Moncorvo**, in “Revista de Ciências Históricas”, Universidade Portucalense. Porto, 1990. vol. V, pp.143-168.

¹⁷ - J. A. Ferreira de ALMEIDA, coord. **Tesouros Artísticos de Portugal**. Lisboa, 1976. Pág. 448.

¹⁸ - Diogo Pereira Soto Mayor, **ob. cit.**

¹⁹ - Miguel Angel VALLECILLO TEODORO, **Arte religioso en Olivenza**. Badajoz, 1991. Pág. 39.

²⁰ - Jorge RODRIGUES e Paulo PEREIRA, **ob. cit.** Pág. 43.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

António Alberto Banha de ANDRADE, dir. - **Dicionário da História da Igreja em Portugal**. Lisboa, 1980.

ARGALIZ, - **La Soledad Laureada**. Madrid, 1975.

Geoge CARDOSO - **Agiológico Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres (...)**. Tomo I. Lisboa, 1652.

F. A. Rodrigues de GUSMÃO - **Memória histórica do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição**, in "O Instituto" VI. 1878. Págs.148, 149, 219; X, pág. 20.

Luis KEIL - **Inventário Artístico de Portugal. I. Distrito de Portalegre**. Lisboa, 1943.

P.^o Agostinho de SANTA MARIA - **Santuário Mariano**. Lisboa, 1707 - 1723.

Reynaldo dos SANTOS - **A escultura em Portugal. II**. Lisboa, 1950.

DOCUMENTOS

N.º 1980.

Brito.

Nos João Riccio Esclto Cipontino Nuncio Aplico desua santi
 Dade em este Regno de Portugal. Dizemos q hee
 Verdade Que Reccebemos Do snor Jorge de melo Men L^o
 Moer desua A. E de bastião dandrad Recbedor do Reino
 snor bpo ha guarda e nome do dito snor bpo mil
 e seis Centos e oytenta e seis Cruzados, os Quai
 nos Pagaraõa Neste d^{ta} em d^{ta} em d^{ta} em d^{ta} em d^{ta} em d^{ta}
 soluciao feita a sua s.ª sobre a condenaçao e multa
 que seden em koma Pellos Juizes deputados per sua
 santidadade. E assi q entras d^{ta} d^{ta} d^{ta} d^{ta} d^{ta} d^{ta} d^{ta} d^{ta}
 pellos Quai sedenia a dita Contia dos snor e seis
 Centos e oytenta e seis Cruzados Pellos Quai
 estaua obrigado o dito snor Jorge de melo e fco
 degouvea m^o m^o do dito snor bpo como procurado
 res Queraõ do dito snor bpo. Per asy ser vndade
 Enos dar mo per Pagues do dito Neste de d^{ta} maõ
 damo q hee fosse feita esta prim^a Quitaçao feita
 do novo velho do snor bpo e de se criam danoss a
 e selada com osello de nessas Armas e Santa
 e av^o vinte e quatro dias domes de set^o de
 era de mil e quinhentos e quarenta e seis Annos
 Jo. El. sup. Nunt. ap. manu y. /

Garcia de Melo f.º de J.º de Melo irmão de N.º arcebispo de Melo foi alcaide mor
de Fernão Comendador de Langroiva da orde de xpõ capon e de Felipa Praya de S.º
que f.º Comendador mor da Orde de S.ºiago, de q.º ouve de S.ºnriç de Melo, Rui de Melo
fi.º de Melo, Jorge de Melo, D.º de Melo capitão e outros q.º morrerão moço, D.º Joa-
cbe de S.º moço de S.ºnriç, de S.ºnriç, D.º Joana moço de S.º arcebispo de Realalcaide
mor de Tauris capitão de S.ºnriç. E da de S.º Jorge Veador da casa de S.ºnriç de S.ºnriç
traç, foi abbe de S.º de S.ºnriç. E por morte desta moço capon e de Garcia de Melo de S.º
Joana f.º do mordomo mor de S.ºnriç de S.ºnriç 02.º de q.º ouve a f.º de Melo q.º morreu na
Índia f.º de S.º e hua f.º q.º foi f.º e a m.º ouve hui f.º de S.ºnriç.

fi.º de Melo f.º de Garcia de Melo irmão de S.ºnriç de Melo f.º de Rui
de Melo se chamou de S.ºnriç e Jorge de Melo foi abbe de S.ºnriç. E de S.ºnriç abbe de
Calcobaca, abbe de S.º. E de hua moço de S.ºnriç ouve a de S.ºnriç de Melo de S.ºnriç
de Melo, e f.º de moço de S.ºnriç de S.ºnriç de S.ºnriç de S.ºnriç de S.ºnriç de S.ºnriç
Maruão, S.ºnriç q.º f.º de S.ºnriç.

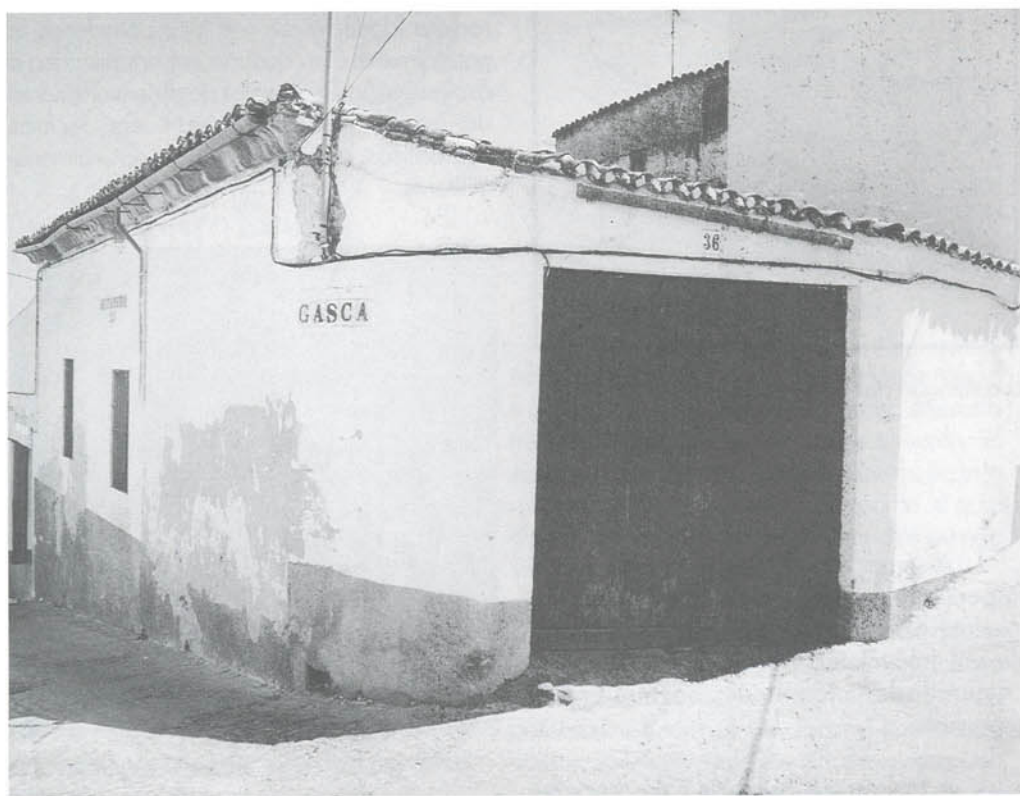
de S.ºnriç de Melo f.º de S.ºnriç f.º de S.ºnriç f.º de S.ºnriç f.º de S.ºnriç f.º de S.ºnriç
ouve de S.ºnriç e Jorge de Melo, S.ºnriç de Melo.

4. Extractos da "Monarquia & Flor das linhageãs de Portugal" respeitantes a Garcia de Melo e Simão de Melo (D. Jorge de Melo, bispo da Guarda) (AHCB. Docs. Av.) Fls 125 e 125 v.º.

A SINAGOGA DE VALÊNCIA DE ALCÂNTARA - CÁCERES *

(elementos para o seu estudo)

CARMEN BALESTEROS
JORGE de OLIVEIRA



Sinagoga de Valência de Alcântara na Calle Gasca.

1.

Depois do artigo que recentemente publicámos sobre a Sinagoga e a Judiaria de Castelo de Vide, (Revista Ibn Máruan nº3, 1993), julgámos importante alargar o estudo à Sinagoga de Valência de Alcântara, porque sendo objectivo de um dos signatários (C. B.), o estudo dos testemunhos materiais da presença judaica no sudoeste peninsular, não poderíamos ficar indiferentes à realidade da vizinha vila espanhola que dista apenas alguns quilómetros de Castelo de Vide.



Localização das Sinagogas referidas no texto.

1 - Valência de Alcântara

2 - Castelo de Vide

3 - Tomar

A somar a esta questão, e quiçá mais importante junta-se ainda o julgarmos imperativo divulgar mais amplamente, o estudo de um imóvel tão pouco conhecido das comunidades científicas, portuguesa e espanhola

Actualmente, Castelo de Vide, Marvão, e Valência de Alcântara formam um triângulo

no qual podemos reconhecer um conjunto multifacetado de relacionamentos inter-regionais que remontam seguramente ao Neolítico, característica comum a outras regiões apenas separadas por fronteiras políticas. No entanto, se hoje as regiões fronteiriças olham para as barreiras administrativas mais como uma divisão psicológica do que como uma separação física, o mesmo não aconteceu no período pós-reconquista, em que as fronteiras o eram de facto e mantinham teimosamente apartadas gentes com modos de estar na vida por vezes semelhantes.

A localização de uma fronteira administrativa em Marvão, e mais especificamente na Portagem de Marvão durante a Idade Média e a Idade Moderna, é naturalmente uma questão importante para a compreensão de aspectos do desenvolvimento da zona, nomeadamente em termos económicos, sociais, religiosos e naturalmente militares.



SINAGOGA DE VALÊNCIA DE ALCÂNTARA
Identificação de base de coluna no topo
do telhado.



*Núcleo urbano intramuros
de Valência de Alcântara*

- 1 - Sinagoga
- 2 - Castelo
- 3 - Igreja de N^{ra} Sr^a de Rocamador
- 4 - Igreja de N^{ra} Sr^a da Encarnação
- 5 - Rua Gasca
- 6 - Rua do Pocito
- 7 - Rua da Cortizada
- 8 - Convento de S^{ta} Clara

Marvão, Castelo de Vide e Valência de Alcântara, separados os dois primeiros desta última, pela fronteira que se estabelecia na Portagem de Marvão, assumem para nós particular interesse num momento único e estremecido das relações entre os países peninsulares, e destes com a minoria judaica aí estabelecida. Referimo-nos naturalmente à segunda metade da centúria de quatrocentos, onde, nos reinos cristãos da Península Ibérica, a minoria judaica, depois de uma experiência de relativa tolerância, se vê passar ao estatuto de minoria mal tolerada, perseguida e finalmente inexistente por força da lei.

A presença de judeus e cristãos novos, nos países peninsulares, durante a Idade Média e a Idade Moderna, está por demais atestada num significativo conjunto de documentação escrita. Porém o mesmo não podemos dizer a respeito da documentação não escrita, a qual chegou até nós em menor quantidade ou não suficientemente trabalhada.

Apesar da inegável importância sócio-económica da minoria religiosa judaica no Portugal medievo, os testemunhos da sua presença em termos de documentação não escrita, imediatamente identificáveis como tal, não vão muito além da permanência na memória popular da existência de bairros

judeus, de uma ou outra sinagoga, ou de uma "rua onde moravam os judeus", cuja delimitação ou localização a toponímia local por vezes ainda guarda. Também a língua portuguesa guardou palavras e expressões de origem hebraica, que chegam até nós principalmente, pela via bíblica (1). É o caso dos nomes utilizados para designar Deus - Javé ou Jeová, este último nome resultante da vocalização do tetratgrama Javé com as vogais de Edonai, para que o leitor hebreu se desse imediatamente conta de que se encontrava perante o nome de Deus, o qual não deveria pronunciar; Javé Sebaot -, querubim, serafim, Gabriel, Rafael, Belzebu, ou então palavras como careca, fulano, fatia, abade (2) etc.,

A herança, ao nível dos costumes e sobretudo das práticas alimentares e higiénicas mostra também um inesquecível contacto com a cultura judaica. É o caso, principalmente no Alentejo, dos hábitos de higiene doméstica, onde tradicionalmente a limpeza da casa, se fazia à sexta-feira, ou se caiavam as casas por dentro e por fora por altura da Páscoa (3), ou onde também pela altura da Páscoa se preparam os tradicionais e apetecidos "bolos de festa" em cuja confecção tomam lugar de relevo as ervas aromáticas. E é ver a mesma tradição dos "bolos de fiesta", também do lado de lá da fronteira!

Na memória popular ficaram muitos usos e costumes bebidos no contacto com a "gente de Nação", como acontece em Castelo de Vide, onde essa herança teimou em permanecer apesar do medo da prática denunciante, e do passar do tempo que tudo faz esquecer.

De facto, o investigador que se debruçar sobre a questão judaica e cristã-nova no Portugal da Idade Média e Moderna não deve

esperar encontrar um património construído "tipicamente judaico", ao contrário daquilo que acontece com o estudo da presença muçulmana no Portugal medieval, onde a juntar ao vasto conjunto de documentação escrita e permanências na tradição oral, pode ainda ser identificada uma arquitectura específica bem como uma técnica e produção artefactual exclusivas. Ao contrário dos muçulmanos, os judeus portugueses parecem não ter produzido uma arquitectura particular (4), formas artísticas, ou mesmo só, técnicas específicas, o que a nosso ver pode ser explicável pelo hábito de uma longa vivência em diáspora, que terá levado a alguma integração, pelo menos do ponto de vista da ergologia, ao passo que a produção intelectual, enquanto que expressão do seu mundo religioso, terá permanecido perfeitamente separada, afirmando-se na diferença, e como tal passível de ser identificada.

Sendo escassos os testemunhos materiais, da presença judaica em Portugal subsiste, ainda assim, um importante conjunto de epígrafes cujo estudo e divulgação teve início no princípio deste século (5). Posteriormente este conjunto de lápides foi objecto de novo estudo por S. Schwarz (6), ao qual juntou mais alguns exemplares até à altura inéditos. No início dos anos trinta Samuel Schwarz publicou um conjunto de nove lápides, de entre as quais algumas mereceram a atenção de autores como Leite de Vasconcelos (7). Desse conjunto de nove lápides, algumas parecem actualmente, de acordo com Díaz Esteban (8), necessitar de ser reexaminadas.

Recentemente, quando visitávamos o Museu Luso-Hebraico Abraão Zacuto, em Tomar, ficámos agradavelmente surpreendidos pelo esforço que foi levado a cabo para aí

CARMEN BALESTEROS
JORGE de OLIVEIRA



reunir o maior número possível das lápides hebraicas portuguesas, publicadas por S. Schwarz. Nesta cidade podem ser apreciadas algumas como a da Sinagoga de Belmonte, a cópia das lápides de Espiche, o cipo reutilizado de Beja, uma das lápides da Sinagoga de Lisboa, ou o epitáfio do rabino Yosef de Tomar, proveniente do cemitério de Faro.

Depois do importante trabalho de Schwarz, só já no final dos anos sessenta, e depois de identificada em 1967 pelo Professor A. A. Tavares, seria publicada em 1968 a inscrição de Gouveia (9).



SINAGOGA DE TOMAR

Em cima vista geral do interior da Sinagoga e em baixo, a Rua da Judiaria e vista exterior do edifício

hexagramme apparait de temps en temps, conformément à la tradition de l' Orient, sur des manuscrits hébreux rédigés en Italie et en Allemagne au XIV^{ème} siècle. " (14).

Um outro conjunto de cabeceiras de sepultura decoradas com simbologia judaica é também aquele que se encontra em Moura, e cujo estudo oportunamente divulgaremos.

Para além das lápides epigrafadas ou anepígrafes, testemunhando uma presença judaica ou cristã-nova, julgamos também serem passíveis de se remeterem à mesma realidade cultural e religiosa as marcações em ombreiras de porta, quase todas elas de evidente significado religioso, que temos encontrado em algumas localidades do Sul (15) e Centro do País e mesmo do outro lado da fronteira (16).

A documentação escrita sobre os judeus no Portugal da Idade Média e Moderna atesta de facto uma presença significativa, bastando para isso ter apenas em conta os mais recentes e importantes trabalhos de síntese realizados (17). Pelo estudo da documentação (constituindo os arquivos da Inquisição uma fonte importantíssima para o estudo da questão cripto-judaica/cristã-nova no período pós-expulsão de Portugal), foi possível reconstruir laços de parentesco, rituais de carácter religioso, actividades e formas de organização económica e judicial, perceber como a minoria religiosa se relacionava com a cristandade, e principalmente identificar comunas e judiarias. Se a documentação sobre a minoria judaica no período pré-Inquisição moderna em Portugal é significativa, não deixa de ser interessante,



Edifício onde funcionou a Sinagoga de Castelo de Vide

que são esses mesmos arquivos da Inquisição portuguesa que fornecem aos historiadores um vastíssimo campo de informação, para um período em que a intolerância religiosa em relação ao judeu era total.

O estabelecimento da Inquisição moderna em Portugal verificou-se com a bula de 23 de Maio de 1536, mas é só com a *Meditatio Cordis*, de 16 de Julho de 1547, que se iniciou uma forte perseguição aos crentes na Lei Velha (18). A partir desta data introduziu-se a prática das « testemunhas caladas », e retirou-se ao tribunal a ingerência do nuncio. Aquela prática foi assim denominada porque o acusado não sabia quem o havia denunciado nem em que circunstâncias tinha cometido o crime de que era acusado, prática muito comum na Europa desde 1199. A novidade do Tribunal do Santo Ofício em Portugal e nos reinos da Espanha reside mais no seu carácter de instituição de existência permanente, e de ter sido um forte instrumento político, fugindo frequentemente ao domínio pontifício, do que propriamente no facto de se pretender inquirir da fé. Pautou também a actuação desta Inquisição moderna a rudeza e perseverante perseguição às heresias religiosas, com especial relevo para o judaísmo, ainda que a perseguição aos mouriscos e aos protestantes tivesse também sido uma realidade.

Na Europa, já em 1184, no Concílio de Verona, fora tornada pública a decretal *ad abolendam*, dada pelo Papa Lúcio III que visava a perseguição das heresias religiosas. A partir desta data perseguir-se-ão heresias como a dos patarinos no Norte de Itália, o valdeísmo, o catarismo e o maniqueísmo. Em 1184 começa a aplicar-se a pena de fogo para os hereges e em 1199 juntam-se a esta outras penas como a tortura em matéria de fé e a confiscação dos bens (19). Em 1230, em

França, o procedimento inquisitorial, dá origem a uma nova instituição, inicialmente controlada pelo Papa Gregório IX, e destinada a reprimir o catarismo ou heresia albigense, sendo o primeiro inquisidor Robert de Brougre. O apogeu da actuação destes procedimentos inquisitoriais situou-se na segunda metade do século XIII. A penetração da heresia cátara em Itália levou também à introdução de inquisidores na Lombardia, e no século XIV existiam já tribunais inquisitoriais na Boémia, na Polónia, na Bósnia e na Alemanha. No século XIII (1233), o tribunal inquisitorial foi também estabelecido no Reino de Aragão como consequência da difusão da heresia cátara. Uma das características desta Inquisição medieval é o facto dela, ao contrário do que virá posteriormente a acontecer, estar menos na dependência da monarquia do que a Inquisição moderna.

Também em Portugal, durante a Idade Média, existiram inquiridores da fé, pertencendo a D. Afonso II a mais antiga referência (1211) ao crime de heresia e ao seu julgamento (20). Posteriormente a esta data várias são as referências aos crimes de blasfémia e heresia bem como às respectivas penas. Podemos encontrá-las tanto com D. Dinis, como com D. Afonso V, D. João I, D. Afonso II, D. Fernando, D. João I e D. João II. Porém, " Nos finais do século XV agravar-se-ia o problema religioso com a entrada dos conversos castelhanos, fugidos à Inquisição e acusados de criptojudaísmo. D. João II ver-se-ia obrigado, devido ao aumento da instabilidade social, a ser duro para com estes. Por carta de 12 de Agosto de 1484 dirigida ao concelho de Lisboa, o monarca afirmaria claramente o seu intuito: «... E asy vos encomendamos que se per alguu modo poderdes com verdade saber que estes confessos ou alguu delles nam vivem como fiees christãos e na realidade ou cirimonya

vão contra a fé do nosso senhor Jesu Christo dee hordem com as justiças desa cidade a que pertemçe de nam lhe seer consentido e se proceder contra elles segumdo se per direito se deve fazer, porque nossa tençom he sse herrarem contra a fe fazer sse delles compridamente justa. » " (21).

Muitos dos conversos castelhanos entraram em Portugal fugidos da Inquisição que os Reis Católicos conseguiram para os seus reinos. Em 1 de Novembro de 1478 o Papa Sisto IV, pela sua bula *Exigit sinceræ devotionis affectus* concedera-lhes o poder de nomear dois ou três bispos, sacerdotes seculares ou regulares para desempenhar o ofício de inquisidores nas cidades ou dioceses dos seus reinos. Até 1483 desenrolou-se uma intensa luta entre os Reis Católicos e o Papado face à intenção dos reis de fazer predominar o poder e os interesses da monarquia na nova Inquisição. Em Outubro de 1483, com a nomeação de um dos mais famosos Inquisidores Gerais, Frei Tomás de Torquemada, a monarquia castelhana e aragonesa veria finalmente consolidados os seus interesses (22). Em 1492 verificou-se a expulsão definitiva dos judeus de Espanha a que obrigou o Édito datado de Março. A consequência natural desta expulsão para milhares de judeus sefarditas foi o atravessar da fronteira em busca de refúgio temporário em Portugal cuja política em relação à minoria *religiosa parecia mais tolerante, atendendo*, principalmente, ao seu elevado potencial económico. Contudo, no ambiente de progressiva intolerância religiosa vivido nos reinos de Espanha, nos séculos XIII e XIV e daí por diante, tomou um lugar à parte o reinado de Afonso X de Castela como um interregno de coexistência religiosa entre a maioria cristã, e as minorias religiosas moura e judia.

Apesar da longa história de

perseguições, resultantes de uma fidelidade religiosa que se tornava perigosa dada uma vivência em diáspora iniciada logo em 722 a.C. com a conquista da Samaria por Senaqueribe, e depois em 587 a.C., com a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, os judeus souberam sobreviver às adversidades e prosperar em termos demográficos e sobretudo económicos.

A destruição do Templo de Salomão em 587 a.C., e a deportação para a Babilónia levaram certamente à necessidade do levantamento de pequenos santuários onde o culto continuou a desenvolver-se, o que parece poder deduzir-se das palavras do profeta Ezequiel aos exilados: " Portanto diz: Eis o que diz o Senhor Iahweh: É verdade, afastei-os para longe entre as nações, espalhei-os por terras diversas, mas, por esse pouco de tempo, tenho sido para eles um santuário, nas terras para as quais eles se mudaram. " Ez 11,16 (Bíblia de Jerusalém).

Se bem que este " santuário " fosse provavelmente um santuário espiritual, ainda que relacionado com um espaço físico de reunião e reflexão dos exilados, é natural que, após o Édito de Ciro que permitiu o retorno a Jerusalém no final do séc. VI a.C., os antigos exilados tivessem continuado a manter locais de reunião e reflexão comunitária. No entanto, a mais antiga memória de sinagogas data do *séc. III a.C., no Egipto, sendo feita referência*, em inscrições e papiros, a " lugares de oração ". Também Flávio Josefo refere a existência de uma sinagoga em Antioquia, sob os sucessores de Antíoco Epifânio, datando a sinagoga descoberta em Delos do século I a.C. (23). Apesar de ser difícil determinar com precisão o aparecimento das primeiras sinagogas, parece natural que estas se tivessem desenvolvido com o judaísmo pós-exílico. A lei de unidade do santuário que reconhecia o

Templo de Jerusalém como Templo único, terá contribuído para que legitimamente fossem estabelecidos, entre os judeus da diáspora outros locais de oração, as sinagogas, ainda que estas sem culto sacrificial. Por outro lado a importância dada ao cumprimento dos preceitos da Lei, tornou certamente pertinente que fossem construídos locais onde esta fosse ensinada e discutida e que fossem ao mesmo tempo locais de oração.

Apesar de se afirmarem pela diferença, os judeus conseguiram manter e fazer prosperar as suas comunidades, quer no Império de Alexandre, quer no próprio Império Romano, onde eram considerados praticantes de uma religião tolerada ainda que não oficial.

As riquezas acumuladas no segundo Templo levaram Flávio Josefo (c. 37 a.C.-100 d.C.) a afirmar que estas provinham das ofertas feitas por judeus e prosélitos espalhados pela Europa e pela Ásia o que mostra uma larga disseminação da nação judaica. É ainda o próprio Josefo que cita uma passagem de Estrabão, que deverá reportar-se a cerca de 85 a.C., em que este afirma que, "... a raça judaica invadiu todas as cidades e seria difícil encontrar um local que não tivesse acolhido ou que não tivesse sido ocupado por eles." (24). Praticantes de uma religião tolerada durante o império romano, as suas sinagogas gozaram mesmo de estatuto especial que as protegia de roubo, ocupação ilegal e do pagamento de alguns impostos. Porém, como seria de esperar, as dificuldades para o culto judaico começaram a manifestar-se logo após 385, quando o cristianismo passou a ser a religião oficial do Estado romano (25).

A presença dos judeus na Península Ibérica, quer em Portugal, quer em Espanha, remonta a um período bastante anterior à Idade Média se bem que seja difícil precisar

com algum rigor a data da sua chegada aqui. Se para Portugal os dados epigráficos mais antigos nos permitem estabelecer com segurança, uma presença datável dos finais do século V, para o território de Espanha os dados epigráficos remetem essa presença para época anterior tendo em conta a epígrafe identificada em Abdera, datável do século II ou princípios do século III da era de César e que servia de epitáfio a Junia Salonula de nação judaica (26).

Se a documentação permite estabelecer com segurança a presença judaica durante o período de dominação romana na Península Ibérica, torna-se mais difícil compreender de que forma existiram e se relacionaram as comunidades judaicas, durante o período de dominação visigoda e árabe na Península, já porque a documentação existente seja insuficiente, ou não esteja suficientemente divulgada. Porém, a documentação torna-se bastante mais abundante à medida que avançamos no tempo e os reinos cristãos se consolidam na Ibéria. As perseguições pontuais mas continuadas que o povo judeu sofreu ao longo da Antiguidade tornaram-se uma realidade continuada ao longo da Idade Média (27), manifestando-se muito mais frequentes sempre que móveis de carácter económico as acicataram. Se estas perseguições foram significativas nas comunidades de judeus *askhenazim* (judeus de ascendência alemã) não deixaram também de ser significativamente brutais nos reinos da Espanha, contra os judeus *sefarditas* (judeus de origem espanhola e portuguesa) (28), ainda que em Portugal sejam escassas as referências a movimentos de massa contra os judeus, tendo por base motivos religiosos (29).

Se os dados epigráficos até agora identificados permitem estabelecer para a Espanha, uma presença judaica mais remota

do que para para o território português, natural é que os judeus se tenham fixado em ambos os territórios em data bastante próxima. A lenda refere mesmo que estes terão chegado à Península pela mão do rei Hispano e do príncipe Pirro, seu genro, os quais, tendo tomado parte na conquista de Jerusalém em 587 a.C., terão trazido para o seu reino, como despojos de guerra, dados por Nabucodonosor, todos os habitantes de um dos recintos da cidade de Jerusalém. Mais nos diz Selomoh Ibn Verga, autor de *La Vara de Yehudah*, cuja primeira edição data de 1550, no relato de uma pretensa discussão entre um sábio chamado Tomás e o Rei Afonso X, *O Sábio*, pretendendo justificar a pureza da linhagem dos judeus sefarditas que: "Cuando succedió la destrucción del Segundo Templo había em Roma un César que imperaba sobre todo el mundo. Tomó de Jerusalén cuarente mil familias del linaje de Judah - de Jerusalém e de outras ciudades - e diez mil de Benjamín y los sacerdotes, enviándolas a Sefarad, que formaba parte de su império por aquellos días (...) de suerte que los judíos que estan hoy en tu reino son de estirpe real e una gran parte de ellos del linaje de Judah. Portanto como se maravilla nuestro señor de hallar una familia que descienda de David?" (30).

Se a presença judaica em Portugal e Espanha datará de época bastante recuada mas semelhante, poucos anos mediarão também entre a expulsão dos judeus, primeiro de Espanha, e apenas quatro anos depois de Portugal. Às questões de carácter religioso, juntaram-se sem dúvida as de carácter económico. Em Portugal o contraditório e interessante conjunto de medidas publicadas a partir de Dezembro de 1496 até ao definitivo estabelecimento da Inquisição, deixa adivinhar que a vontade de Manuel I, e já antes de D. João II, era a de manter os judeus em Portugal ao mesmo tempo que tentar não ir abertamente

contra as pressões exercidas pelos Reis Católicos Fernando e Isabel, que visavam claramente a expulsão dos judeus de toda a Península. Ao ordenar D. Manuel a expulsão dos judeus de Portugal, ao mesmo tempo que criava condições para a sua permanência aqui, ainda que pela força chegando mesmo a obrigá-los ao baptismo, mostra-se claramente a existência de muitos e inconciliáveis interesses em presença.

O interesse de D. Manuel no casamento com a infanta D. Isabel, filha dos Reis Católicos e que se tornou herdeira presuntiva dos tronos de Leão, Castela e Aragão por morte de seu irmão D. João, e viúva do príncipe D. Afonso, é facilmente compreensível dado que um possível herdeiro deste casamento viria a reunir as quatro coroas (Leão, Castela, Aragão e Portugal). Este herdeiro, D. Miguel, que apenas sobreviveu até cerca dos dois anos de idade, teria dado oportunidade ao aparecimento de um imenso império com base na economia colonial e que certamente alteraria a posição da Península Ibérica no xadrez político dos países da Europa Ocidental de então. A provar a inabalável vontade do rei português parece estar o seu segundo casamento, após a morte de D. Isabel, de novo com outra das filhas dos Reis Católicos, a infanta D. Maria (31).

Em Março de 1492 os Reis Católicos haviam publicado o Édito que expulsava os judeus dos seus reinos, e nos primeiros cinco dias de Dezembro de 1496, o rei D. Manuel ordenaria também a sua expulsão de Portugal, sendo datado de 5 de Dezembro o alvará que difundiria pelo reino essa expulsão. Este alvará parece estar claramente ligado à intenção de D. Manuel casar com a infanta espanhola, atendendo a que a assinatura do contrato de casamento entre ambos data de 30 de Novembro de 1496, impondo a princesa como condição, que D. Manuel

expulsasse de seus reinos e senhorios todos os hereges, antes que ela entrasse no reino (32). Os desposórios ter-se-ão realizado a 8 de Dezembro datando desse dia uma carta dos Reis Católicos prometendo entregar a infanta até Março de 1497. Apesar de se ter prometido para Março a entrada da futura rainha em Portugal, em 21 de Junho de 1497 ela ainda não tinha entrado no reino. Este facto compreende-se tendo em consideração que D.Manuel tinha dado um prazo de dez meses para que saíssem do reino os judeus e mouros que não se quisessem converter. Na Páscoa deste mesmo ano foram obrigados à conversão forçada vários judeus em Lisboa. Em 15 de Agosto desse ano a princesa ainda se encontrava com seus pais em Medina del Campo onde assinava o termo do seu compromisso matrimonial e reafirmava mais uma vez o seu propósito de não entrar em Portugal antes que os hereges dele saíssem (33). Dona Isabel só viria a entrar no reino em Outubro de 1497, findo o prazo dado para a saída dos judeus de Portugal, e depois de ter casado em Valência de Alcântara, provavelmente na Igreja de Rocamador, em 9 de Outubro de 1497 (34).

Valência de Alcântara, cenário de uma tão importante e real união que teve por detrás e promoveu uma clara intolerância e feroz perseguição aos crentes da Lei Velha, transborda no entanto de inequívocos testemunhos de uma antiga presença mourisca e judaica, num claro ambiente de tradicional coexistência pacífica entre as três religiões. À data do casamento, já seguramente a vila fora cuidadosamente expurgada da presença e dos testemunhos dos hereges. Esta limpeza ter-se-á reflectido na cristianização das suas casas bem como dos seus locais de culto. Poderão remontar a esta época as inúmeras e interessantes marcas de simbologia religiosa

católica que ainda hoje se observam na grande maioria das duzentas e sessenta e seis "portadas góticas" que se localizam no centro histórico de Valência de Alcântara (35).

2.

No limite Noroeste da *Extremadura* espanhola, junto à fronteira portuguesa, a vila de Valência de Alcântara localiza-se num irregular planalto envolvido a poente pela *Riviera d' Avid*.

Pela sua implantação geográfica mas sobretudo pelo contexto cultural onde se insere, a ocupação humana neste planalto deverá remontar pelo menos aos finais do Neolítico. Os testemunhos romanos e sobretudo os medievais evidenciam a continuada e ininterrupta ocupação de Valência de Alcântara. No interior do espaço fortificado mais antigo, poucos vestígios subsistem hoje do núcleo urbano primitivo. As constantes guerras com Portugal obrigaram, sobretudo no século XVII, a importantes obras de adaptação do casco medieval sacrificando-se, então, parte da malha urbana mais antiga.

Conservou-se, contudo, e especialmente a Noroeste do castelo, e ainda protegido pela cerca, um significativo conjunto urbano, de tradição medieval, conhecido localmente por *Barrio Gótico* ou *Barrio Judío*. Neste emaranhado de vielas e recantos parecem isolar-se dois núcleos urbanos separados pela *Calle Fernando Frago*, antiga *Corredera* e *Marco* (36). A nascente deste fundamental eixo, que se estende no sentido Norte-Sul, estabelece-se uma malha urbana que parece ter como polo organizador o cruzamento da *Calle Gasca*, com a *Calle Pocito*.

O outro núcleo, delimitado a poente pela *Calle de las Huertas*, parece organizar-se em função da *Calle de la Mesquita*. Definem-se, assim, dois espaços urbanos, provavelmente ocupados por comunidades de confissões religiosas distintas e nitidamente empurradas para a zona marginal da cerca. Recorde-se que outros núcleos muito mais centrais e com malhas urbanas distintas das anteriores desenvolvem-se, em função de outros polos como sejam a Igreja de Nossa Senhora de Rocamador, Igreja de Nossa Senhora da Encarnação / Ayuntamiento, ou, embora menos central, do Convento de Santa Clara.

Parecem isolar-se, assim, no interior do espaço muralhado de Valência de Alcântara cinco polos de convergência urbana. Três, claramente católicos, ocupam o espaço mais

elevado enquanto que na encosta virada a norte e naturalmente mais insalubre organizavam-se os bairros judeu e mouro.

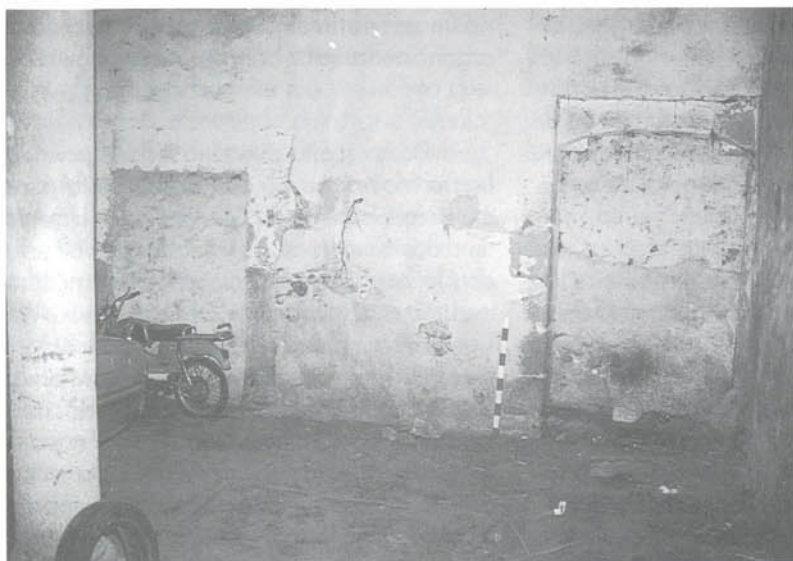
Da mesquita que teria sido o polo do bairro mouro, pouco ou já nada resta para além do topónimo. Nesse local, actualmente uma das zonas mais degradadas de Valência de Alcântara, obras efectuadas ainda não há muitos anos, para além de alterarem significativamente a rede urbana, poderão ter feito perder irremediavelmente o que ainda subsistiria da velha mesquita. Francisco Bejarano, no seu *Inventário de las Portadas* (37), mostra em fotografia alguns elementos arquitectónicos que poderão ter feito parte do destruído templo.

Nas várias visitas que efectuámos ao local e especialmente na que nos serviu de guia Don Francisco Bejarano, pudemos ainda observar outros blocos de granito finamente trabalhados reutilizados em construções pobres ou por entre os escombros de casas parcialmente arruinadas. De entre essas pedras destacam-se, incorporadas em paredes de casas modestas, dois fragmentos de colonelos pertencentes, naturalmente, a uma construção mais rica, provavelmente a mesquita. Pelas ruínas do que foi a mouraria de Valência de Alcântara, poderá inferir-se que terá sido sempre um bairro pobre contrastando claramente com o poder económico que transparece das fachadas e volumetria das casas do bairro judeu.

No centro da Judiaria de Valência, no cruzamento da *Calle Gasca* com a *Calle Pocito* um invulgar edifício destaca-se dos restantes, quer pelos elementos decorativos, quer pela massa arquitectónica. Um telhado de quatro águas, estrutura pouco frequente nesta região, cobre um edifício de um só piso invulgarmente



Vista geral do interior da Sinagoga de Valência de Alcântara



*Portas
emparedadas na face
Norte da Sinagoga de
Valência de Alcântara*



*Aspecto do interior da
Sinagoga de Valência
de Alcântara . Porta
antiga da Sinagoga e
actuais acessos à
garagem.*

alteado e originalmente quadrangular. Suporta o beiral, pelo menos na fachada da *Calle Gasca* e provavel e originalmente em todo o perímetro, uma interessante cornija, em ducina

directa, talhada em granito que confere, por si só, um singular aspecto de solenidade a todo o edificio.

Na fachada da *Calle Gasca* abrem-se hoje duas janelas. A localizada mais a norte, provavelmente original, contrasta com a outra, rasgada na parede que vedou uma larga porta de molduras graníticas cuidadosamente talhadas. Sobre o lintel desta porta lê-se a palavra *MATADERO*. Em época não muito recuada adossou-se à face sul do edifício uma estreita construção onde funcionou uma carvoaria.

Acede-se actualmente ao interior do imóvel pela *Calle Pocito* através de um largo portão recentemente rasgado na parede onde se abriria a porta da carvoaria. A abertura deste portão consumou-se na mesma data em que todo o edifício foi transformado em garagem e que implicou, quer o fecho da porta da *Calle Gasca*, quer a abertura efectuada na parede sul do edifício original.

O edifício original apresenta uma planta sub-quadrangular. A pequena diferença existente entre os lados é estranhamente justificada pela presença de um afloramento rochoso, não cortado, e que parece ter sido intencionalmente deixado à vista na parede virada a nascente e sobretudo no canto sudoeste do imóvel. Este afloramento parece também ter motivado o enchimento deste canto.

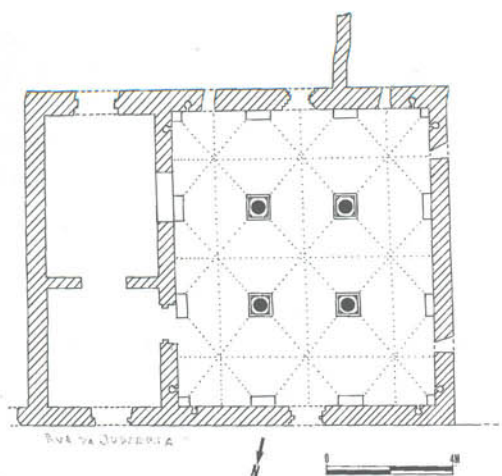
No centro do edifício, quatro colunas de granito, unidas superiormente entre si por quatro arcos levemente alteados, suportam o encontro dos madeiramentos do telhado. Reforçam esta estrutura quatro arcos muito abatidos, que funcionando como contrafortes descansam alguns em trompas nos cantos superiores do edifício. Esta sólida construção assenta em quatro colunas toscanas, de fuste monolítico de 2,66 metros de altura e 35 centímetros de diâmetro máximo. As bases, igualmente de granito, compostas por plinto e

toro, pouco emergem da irregular calçada, que parece ser bastante posterior à construção do edifício. Sobre os fustes que terminam em colarinho, elevam-se capiteis de gola muito alongada. Os arcos centrais compostos por sete aduelas terminam numa espécie de impostas chanfradas, assentando sobre os ábacos quadrangulares. Projecta-se e isola-se, assim, no centro do edifício, um espaço sub-quadrangular definido pelas quatro colunas. A cobertura actual nada parece ter a ver com a rebuscada arquitectura original do edifício. Telhas de meia cana assentam num ripado suportado por um tosco e irregular madeiramento de castanho.

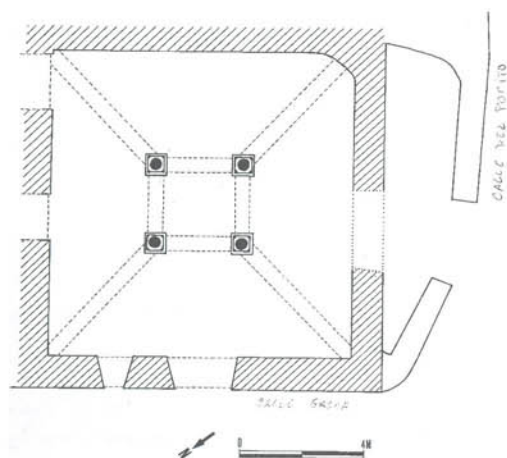
Na parede norte abriam-se duas portas, actualmente emparedadas. No canto nordeste uma porta mais alta (2,72 m), toda de cantaria, apresenta um lintel em arco abatido onde se destacam, talhados igualmente em granito, dois largos gonzos onde assentariam duas meias portas de madeira. Pela posição dos gonzos esta porta abrir-se-ia para o exterior. Quase a meio da parede existiu a outra porta, mais baixa (1,80 m) e menos larga que a anterior (38).

As paredes apresentam sinais de terem sido totalmente caiadas da mesma forma que o foram arcos e capiteis da estrutura central do edifício.

Pelo que atrás fica descrito, este interessante imóvel destaca-se naturalmente de todas as outras construções existentes em Valência de Alcântara. Pela sua volumetria, elementos arquitectónicos e contexto urbano, a construção original do edifício deverá remontar aos inícios do século XV. Parece ser, assim, contemporâneo da maior parte dos "portados góticos" que se conhecem na zona antiga desta vila.



Planta da Sinagoga de Tomar



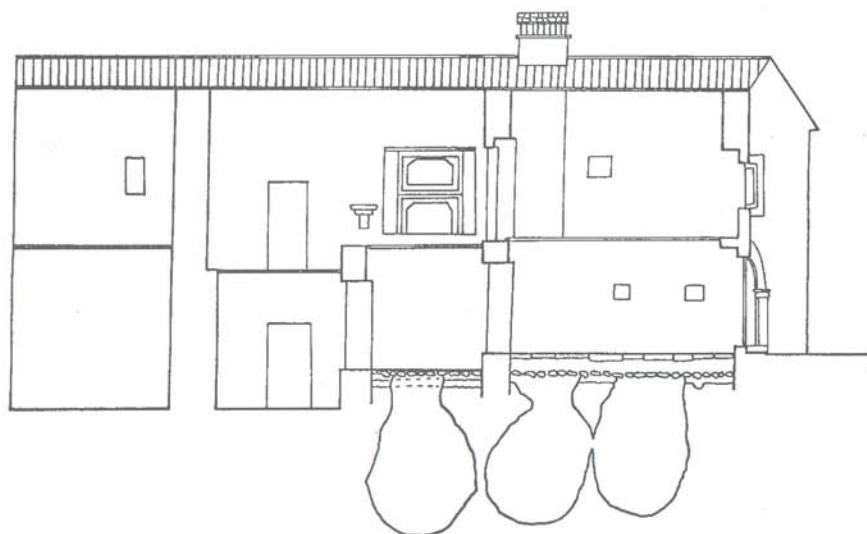
Planta da Sinagoga de Valência de Alcântara

Tanto pelo aspecto interior como pelo exterior, verifica-se que não se trata de casa de habitação. Sabe-se que até há poucos anos

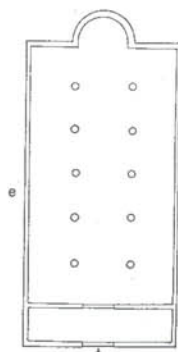
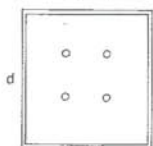
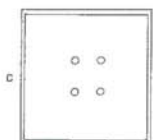
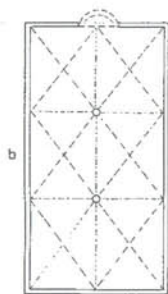
serviu de matadouro. Esta informação, ainda bem viva na memória popular, é também confirmada pelo painel de azulejos que existe sobre a porta virada para a *Calle Gasca*. Contudo, nada aponta, nem justificação existe, para que um *Matadero*, mesmo que municipal, possuísse uma decoração e uma estrutura igual à que neste imóvel se conhece. Pelas *Ordenanzas del Concejo de Valencia de Alcantara*, datadas de 1489 sabe-se que, pelo menos nesta data, o *matadero* encontrava-se fora da vila. No fólho 62. das *Ordenanzas* lê-se o seguinte: "Otro si mandamos que los carniceros no maten las reses va-/-cunas, que vieren de cortar, en las carnicerías dentro en ellas / ni en las calles, syno solamente en el matadero que está fuera de / la villa que tienen señalado para ello y, de allí, traygan las car-/-nes muertas para las carnicerías" .(39). Verifica-se por este documento, que nos finais do século XV o matadouro encontrava-se fora da vila, não sendo, portanto, na altura, este o edifício utilizado para esse fim, embora, e como já anteriormente afirmámos, ele seja de fábrica anterior a esta dada.

Entre os moradores deste bairro, duas versões são conhecidas. Para uns não restam dúvidas que este edifício foi construído pelos mouros para aí funcionar a mesquita. Outros, pelo contrário, defendem que se trata da velha *iglesia de los Judios*. As duas versões já foram passadas a papel nos estudos e notícias até agora publicados. Verificamos, assim, que todos concordam em atribuir a este edifício uma função religiosa, registando-se, igualmente, que ninguém o relaciona com o culto católico.

A conotação do edifício em questão com uma mesquita parece-nos pouco provável. A *Calle Mezquita*, situada no extremo noroeste da vila, indica-nos onde ela se situava. Sabe-se, que nos finais do século passado,



Corte longitudinal do edifício onde funcionou a
Sinagoga de Castelo de Vide



TIPOLOGIA DAS SINAGOGAS, segundo Carol Krinsky.

- a - Sinagogas de uma só nave
- b - Sinagogas de duas naves
- c - Sinagogas com quatro colunas centrais próximas entre si (Europa do Leste)
- d - Sinagogas com quatro colunas centrais (sefarditas)
- e - Sinagogas de três naves

esse templo ainda não tinha sido destruído (40), sendo pouco natural que duas mesquitas coexistissem num aglomerado tão pequeno. Registe-se, ainda, que o edifício da *Calle Gasca* não apresenta qualquer atributo que o relacione com os preceitos islâmicos.

Pelos elementos até agora apresentados tudo aponta para que este invulgar edifício tivesse existido com uma função que não a de simples habitação. Como já referimos, a memória popular guarda a tradição de ter tido este uma utilização de carácter religioso. Dado que parece ter-se eliminado a hipótese de ter funcionado como mesquita da comunidade mourisca, é mais seguro partirmos da hipótese da sua ligação ao culto da comunidade judaica. A juntar ao facto de alguns naturais afirmarem ter funcionado aqui a *Iglesia de los Judíos*, parece-nos relevante o facto do edifício se levantar no contexto do denominado *Barrio Judío*.

Vejamos mais alguns pormenores que nos parecem reforçar e confirmar esta hipótese:

- a orientação do edifício
- o peristilo central
- a forma sub-quadrangular do espaço interior e respectivas dimensões
- a existência de várias portas
- a base de coluna no topo do telhado
- a rocha na parede nascente
- a proximidade da *calle Pocito*
- a proximidade da *calle Lutero*
- a proximidade de uma casa com o símbolo da Inquisição
- o facto do *Matadero* se situar fora da vila em 1489

Originalmente, o edifício deve ter possuído três portas, uma na parede Oeste, de grandes dimensões e duas, mais pequenas, na parede Norte. Partindo da hipótese que o edifício funcionou como Sinagoga, ao

entrarem pela porta que julgamos ter funcionado como principal, hoje parcialmente emparedada, e que se abriu na *calle Gasca*, os crentes ficariam virados para ESE, orientação da cidade santa de Jerusalém. Esta é uma questão importante visto que as prescrições talmúdicas previam que a congregação deveria estar virada para Jerusalém durante a recitação das dezoito bênçãos. O texto de Daniel 6,11 certamente servira de reforço a esta prescrição: "Ao saber que o documento havia sido assinado, Daniel subiu para sua casa. As janelas do seu aposento superior estavam orientadas para Jerusalém, e três vezes por dia ele se punha de joelhos, orando e confessando a seu Deus: justamente como havia feito até então." (Bíblia de Jerusalém).

Se já de fora o edifício manifesta alguma sumptuosidade, esta impõe-se ao visitante na magnificência de um peristilo interior definido por uma sumptuosa arquitectura de quatro colunas toscanas. Peristilo semelhante encontramos-lo também, definido por quatro colunas, na Sinagoga de Tomar.

Tendo em conta que a *bimah* ou plataforma, da qual é feita a leitura da *Torah* nas sinagogas, é por vezes delimitada por pilares, como é natural que tenha acontecido no modelo quadrangular das sinagogas sefarditas proposto por Carol Krinsky (41), é provável que estas quatro colunas do edifício de Valência de Alcântara tivessem também definido a *bimah* de uma sinagoga. Semelhante estrutura e sua disposição é aquela que podemos observar na iluminura de um manuscrito do século XIV que se encontra na Biblioteca Britânica e que se refere a uma sinagoga medieval espanhola (42). A utilização de colunas, em maior ou menor número conforme sejam sinagogas de tradição askhenazim ou sefardita, como elemento

arquitectónico e decorativo poderá ser entendida, para além de outros significados, como uma alusão às tábuas de madeira de acácia utilizadas para o levantamento do tabernáculo, de acordo com as instruções de Javé a Moisés em Ex 26,15-30 (Bíblia de Jerusalém) ?.

Partindo do modelo quadrangular com quatro colunas centrais, proposto por Carol Krinsky, mas também do facto de no século XII a autoridade rabínica, Maimónides, ter defendido que uma *bimah* central permitiria que toda a congregação ouvisse melhor (43), julgamos que as quatro colunas toscanas do edifício de Valência de Alcântara terão definido a *bimah* central da sinagoga desta vila.

Carol Krinsky define um modelo de sinagogas sefarditas em que a sala principal é quadrangular. Na sinagoga de Tomar as medidas internas da projecção horizontal do monumento são de 8,20m para as paredes Norte e Sul enquanto que para as Oeste e Este a medida é de 9,65m. O edifício de Valência de Alcântara apresenta as medidas de 9,80m para as paredes Norte e Sul enquanto que as paredes Oeste e Este medem 9,75m. Temos portanto plantas próximas do quadrado, com medidas muito idênticas em ambos os monumentos e que variam entre os oito e os dez metros. A medida média para a sinagoga de Valência é de 9,77m enquanto que para a de Tomar é de 8,92m. Poderemos encontrar alguma explicação para tão grande proximidade nas medidas? É provável que essa explicação se encontre nos textos do Antigo Testamento se bem que, para chegar a uma conclusão definitiva, se imponha um estudo comparativo mais vasto. No primeiro Livro dos Reis, quando se descreve a construção do Templo de Salomão lê-se o seguinte: "Salomão dispôs um *Debir* no interior do Templo para nele colocar a Arca de Iahweh. O *Debir* tinha

vinte côvados de comprimentos, vinte côvados de largura e vinte côvados de altura; revestiu-o de ouro puríssimo. Fez um altar de cedro diante do *Debir* e o revestiu de ouro." 1R 6,19-20 (Bíblia de Jerusalém).

O *Debir* era a parte mais sagrada do Templo, onde se encontrava a Arca da Aliança e onde só os sacerdotes entravam em ocasiões especiais. Normalmente, denominado o Santos dos Santos, era separado do *Heikal* ou Santo por um véu, encontrando-se o primeiro num piso mais elevado que o segundo. Não existe uniformidade entre os exegetas bíblicos para a equivalência métrica do côvado, se bem que sejam propostas as medidas de 45 cm e a de 52 cm, esta última para um côvado mais antigo que parece ser o utilizado por Ezequiel no capítulo 40 versículo 5. Ao verificarmos que a medida média da sinagoga de Tomar é de 8,92 m, este valor corresponde a 20 côvados de 45 cm cada. A medida média da sinagoga de Valência de Alcântara é de 9,77 m, o que equivale a 20 côvados de 48 cm cada. A diferença de três centímetros entre a métrica das duas sinagogas, parece ser irrelevante em dois monumentos levantados há mais de quinhentos anos. É de notar, como acima referimos, que não existe uniformidade de opinião quanto à equivalência métrica do côvado veterotestamentário que varia entre os 45 cm e os 52 cm. Será uma coincidência que as medidas de ambas as sinagogas se aproximem tão de perto dos vinte côvados bíblicos definidos para o *Debir*? De notar, no entanto, que só podemos estabelecer esta relação no que diz respeito às medidas de superfície, visto que o *Debir* do Templo de Salomão terá possuído 20 côvados de altura, ou seja, aproximadamente 9 metros. A altura máxima interna da sinagoga de Valência de Alcântara é de 6 m, e a altura da de Tomar é de 6,66 m. Verificámos, contudo, que os fustes das colunas da sinagoga de Tomar medem

3,66m de altura e não 2,66m como o afirmou J. M. Santos Simões (44), enquanto que os fustes das colunas de Valência medem 2,66m de altura.

Impõe-se neste momento um estudo mais alargado que possa eventualmente vir a confirmar algumas das nossas suspeitas quanto a uma métrica para as sinagogas sefarditas construídas de raiz. Recordemos no entanto as palavras de Selomoh Ibn Verga num dos pretensos diálogos entre um sábio chamado Tomás e Afonso X, O Sábio: " Cuando sucedió la destrucción del Segundo Templo había em Roma un César que imperaba sobre todo el mundo. Tomó de Jerusalén cuarenta mil familias del linaje de Judah - de Jerusalén y de otras ciudades - y diez mil del de Benjamín y los sacerdotes, enviándolas a Sefarad, (...) " (45). Partindo desta origem lendária dos judeus que se fixaram na Península Ibérica, e que faz remontar os primeiros à linhagem de Judá e Benjamim mas também à linhagem dos sacerdotes, será possível estabelecer alguma relação entre o *Debir* a que só os *cohanim* têm acesso e uma eventual métrica das sinagogas sefarditas, baseada nas medidas do *Debir* ?

O edifício de Valência de Alcântara possuiu três portas o que parece estar de acordo com o facto das sinagogas possuírem pelo menos dois espaços. Um serviria de vestíbulo, e outro de sala de orações onde se definiria também um recesso para a Arca que guardava os rolos da *Torah*. O espaço das mulheres, era algumas vezes isolado do dos homens apenas por uma cortina ou um biombo e noutros casos com uma separação física mais marcada, chegando a situar-se num piso inferior cuja ligação ao superior se fazia apenas por um alçapão gradeado. Por esta abertura era passada a *Torah* para que as mulheres a pudessem ver. Terá sido este o caso da

sinagoga de Castelo de Vide? Esta questão conduzirá naturalmente a que voltemos a repensar a utilização do espaço interior do edifício em que durante algum tempo funcionou a sinagoga medieval daquela vila do Alentejo onde os testemunhos de uma antiga presença judaica são significativos (46). As proibições talmúdicas de utilizar a sinagoga como um atalho para encurtar caminho (47) reforçam ainda a ideia de que era hábito as sinagogas terem várias portas como acontece em Valência e em Tomar. Julgamos que a que se abriu na *Calle Gasca* terá sido a principal, enquanto que as duas restantes poderão ter estado relacionadas com um vestíbulo lateral e com o espaço de oração das mulheres. No local onde terá existido o vestíbulo lateral e o espaço para os elementos do sexo feminino, hoje já nada subsiste que o possa testemunhar, funcionando aqui um pequeno comércio.

É também de notar a base de coluna, aparentemente sem função, que assenta no encontro das quatro águas do telhado da sinagoga de Valência de Alcântara. O talmude interpreta as palavras de Provérbios 1,21 na tradução da Septuaginta, como uma alusão à necessidade das sinagogas serem mais altas que os outros edifícios (48). O mesmo parece fazer Joseph Caro no *Shulhan Arukh*, *Orah Hayyim* parágrafo 2 e respectivo comentário de Isserles a este. Joseph Caro (1488-1575) foi uma das maiores autoridades rabínicas do seu tempo. Nascido em Toledo, fixou-se no Império Otomano após a expulsão de Espanha, tendo morrido na comunidade mística de Safed em Israel. Aí impulsionou a construção de uma sinagoga cuja projecto parece ter obedecido aos princípios da arquitectura das sinagogas sefarditas (49). Foi autor do *Shulhan Arukh*, a forma mais popular e definitiva da codificação das leis rabínicas. Divide-se o *Shulhan Arukh* em quatro partes, sendo a primeira intitulada *Orah*

Hayim e sendo aí tratadas questões que se relacionam com o culto dos judeus, quer em casa, quer na sinagoga (50). Carol Krinsky refere mesmo o caso de algumas sinagogas, cuja altura as autoridades cristãs obrigaram a reduzir, tendo-se então optado pelo levantamento de postes ou colunas no telhado das sinagogas como forma destas continuarem a atingir a altura considerada necessária (51). A base de coluna no topo da sinagoga de Valência terá tido como função dar ao edifício a altura considerada necessária pelas leis talmúdicas e rabínicas para as sinagogas?

A sinagoga de Valência apresenta no canto sudeste parte de um afloramento rochoso, de significativas dimensões, que parece ter ali sido deixado intencionalmente. A presença desta rocha poderá relacionar-se com o facto de algumas sinagogas cumprirem a tradição de deixar parte de uma parede por rebocar, em memória da destruição do Templo de Salomão (52). Por outro lado, a cabala descreve a *Torah* como uma espécie de planta segundo a qual o mundo foi feito. Assim, a Terra teria sido iniciada a partir de uma pedra fundamental chamada *even shtíá*. Sobre esta pedra terá dormido o patriarca Jacó, sendo mais tarde transportada para o Santo dos Santos do Templo de Jerusalém e sobre ela colocada a Arca da Aliança e as Tábuas da Lei (53). Estaremos em presença de uma pedra alusiva à *even shtíá*, e o não rebocamento de parte desta parede será também uma alusão à destruição do Templo de Jerusalém? Ou será puro acaso?

Cruza a *Calle Gasca* a *Calle Pocito*, topónimo que advém de um antigo poço aí existente e significativamente próximo, (menos de cinco metros) da sinagoga. É possível que este antigo poço pudesse ter fornecido à sinagoga a água necessária para os banhos rituais, o *mikveh*.

Encontramos ainda próximo da *Calle Gasca*, a antiga *Calle Lutero*, cujo nome passou recentemente para *Travesía Gasca*. Relacionar-se-á este raro topónimo com algum protestante que nesta rua terá habitado? Poderemos entender o nome desta rua como mais um testemunho da presença de minorias religiosas neste bairro?

Na *Calle Bordalo* encontramos uma casa que apresenta, gravado na pedra, o que parecem ser as armas da Inquisição. Identifica-se a cruz católica, a palma do perdão e a espada alusiva à capacidade de perdoar e reconciliar que a Inquisição dizia oferecer aos processados. A encimar estes elementos decorativos, um elmo de cavaleiro, provavelmente identificativo da origem nobre de um elemento da Inquisição que aqui tenha estanciado.

Importante nos parece também que o texto das *Ordenanzas del Concejo de Valencia de Alcantara*, datado de 1489 refira que o *matadero* se localizava fora da vila, o que prova que só posteriormente, em altura que desconhecemos, este terá passado para o edifício da antiga sinagoga. Se a transferência do *matadero* para o edifício da sinagoga foi intencional, não existe dúvida de que quem o ordenou sabia o que fazia atendendo a que, transferiu para a sinagoga uma actividade que envolvia contacto com sangue, questão que para os judeus é considerada como uma impureza!

Para além destes elementos, que parecem testemunhar que o edifício em análise foi de facto uma sinagoga, conhecem-se mais alguns dados, sobretudo em termos toponímicos, que poderão ser testemunhos da fixação de uma importante comunidade judaica na região. Nas imediações do rio

Sever, a 4 km de Valência de Alcântara, conhece-se o topónimo *La Juderia*. Trata-se de um local com um povoamento bastante disperso, formado por pequenas casas de campo que, pelo censo de 1910, tinha ainda dez edifícios e era habitado por 36 pessoas. Cerca de três quilómetros para sul da *Juderia*, também nas imediações do Rio Sever, conhece-se um pequeno aglomerado de casas rurais denominado *Vale de San Benito* (recorde-se que *sambenito* era o nome dado à veste que usavam os condenados pela Inquisição). Verificamos também que no texto das *Ordenanzas del Concejo de Valencia de Alcantara*, f. 43 vº, é referida a existência de uma denominada *vina de los judíos*. Acrescente-se que a vila é envolvida a poente pela importante *Rivera d'Avid*. Poderá o nome da ribeira relacionar-se de alguma forma com o nome do primeiro e mais carismático rei dos hebreus, David ?

Na margem portuguesa do Rio Sever, a escassos quilómetros de Valência de Alcântara e próximo de Castelo de Vide, conhece-se um outro topónimo denominado *Judiarías*. No local, para além da existência de testemunhos da ocupação romana, foi identificada uma

necrópole medieval, o que prova uma continuada ocupação no tempo, a qual provavelmente se relacionou também com os judeus. Não deixa também de ser interessante referir o topónimo *Tapada do Benito*, já no concelho de Portalegre, seis quilómetros a Sul de Castelo de Vide.

Pelo que acima fica exposto parecem não restar dúvidas que o edifício localizado na confluência da *Calle Gasca* com a *Calle Pocito* foi construído para sinagoga na primeira metade do século XV, altura em que a comunidade judaica deveria ter grande importância económica e social nesta região fronteiriça. Deixará de estar ao culto alguns anos depois, com a expulsão dos judeus dos reinos da Espanha, tendo sido então transformada, provavelmente de forma intencional, em matadouro público. Finalmente, a grande semelhança entre esta sinagoga e a de Tomar, e a anterioridade da primeira em relação à segunda, leva-nos a colocar a hipótese, ainda que remota, de terem sido judeus fugidos de Espanha, após o estabelecimento da Inquisição naquele país, a gisarem o traçado do templo de Tomar.

NOTAS

1- António Augusto Tavares, «Palavras e expressões portuguesas de origem hebraica », *Estudos Orientais*, II Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 217-244.

2-Sam Levy, «Interculturalismo Judaico: Testemunhos e Vivências», in *Judeus e Árabes da Península Ibérica*, Lisboa Comissão Nacional da

Unesco, Coord. Centro Nacional de Cultura, 1994, pp.109-116.

3-Maria José Ferro Tavares, «Judeus e Mouros: Que Cultura», in *Judeus e Árabes da Península Ibérica*, Lisboa, Comissão Nacional da Unesco, Coord. Centro Nacional de Cultura, 1994, pp. 97-100

- 4- Maria José Ferro Tavares, «Judeus e Mouros: Que Cultura», in *Judeus e Árabes da Península Ibérica*, Lisboa, Comissão Nacional da Unesco, Coord. Centro Nacional de Cultura, 1994, pp. 97-100.
- 5- Cardoso de Bettencourt, *Inscriptions Hébraïques de Portugal*, Lisboa 1903.
- 6- Samuel Schwarz, *Inscrições Hebraicas em Portugal*, Lisboa, 1923, (Separata da Revista «Arqueologia e História»).
- 7- J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, T. IV, Lisboa 1958, apud Fernando Díaz Esteban, « Lápidas Judias em Portugal », *Estudos Orientais*, II, Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 207-215.
- 8- Fernando Díaz Esteban, ob. cit. pp. 208-209.
- 9- M. A. Rodrigues, « About a Hebrew Dedication Tablet Discoverd at Gouveia », *Zion*, 33, 1968, pp. 203 s., apud Fernando Dáz Esteban, ob. cit., p. 209.
- 10- Fernando Díaz Esteban, ob. cit.; Cláudio Torres et alli, *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, 1993, p. 111.
- 11- Carmen Balesteros, «Menorot em Cabeceiras de Sepultura Medievais de Marvão», *Ibn Maruán*, Revista Cultural do Concelho de Marvão, nº2, Câmara Municipal de Marvão, 1992.
- 12- Salete da Ponte, « Testemunhos e Vivências Arqueo-históricas de ambas as Culturas em Tomar », in *Judeus e Árabes da Península Ibérica*, Lisboa, Comissão Nacional da Unesco, Coord. do Centro Nacional de Cultura, 1994, pp.161-167.
- 13- Jaime Cortesão, « Nº Srª de Guadalupe », in AAVV, *Guia de Portugal II, Estremadura, Alentejo, Algarve*, 2ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp.310-311.
- 14- Gerschom G. Scholem, *Le Messianisme Juif*, «Diaspora», France, Calmann-Lévy, 1974, pp. 377 e 387.
- 15- Carmen Balesteros, «Marcas de Filactérias nas Portas da Judiaria de Castelo de Vide», *Revista Águila*, nº 1, P.N.S.S.M., 1993, (no prelo).
- 16- Carmen Balesteros, «A Tradição das Marcações de Simbologia Religiosa em Ombreiras de Porta», in Escola Superior de Educação de Portalegre, *Actas do 2º Encontro de História Regional e Local de Portalegre*, (no prelo).
- 17- Maria José Pimenta Ferro, *Os Judeus em Portugal no século XIV*, I.A.C., Centro de Estudos Históricos, anexo à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1970; Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Os Judeus em Portugal no Século XV*, Universidade Nova de Lisboa, F.C.S.H., Lisboa, 1982; António Borges Coelho, *A Inquisição de Évora - dos primórdios a 1668*, «Coleção Universitária», nº 22, Lisboa, Ed. Caminho, 1987.
- 18- Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Judaísmo e Inquisição*, «Biblioteca de textos Universitários», nº 86, Lisboa, Editorial Presença, 1987.
- 19- Ricardo Garcia Cárcel, *La Inquisición*, «Biblioteca Básica de História-Monografias», Madrid, Anaya, 1990, p. 6.
- 20- Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Judaísmo e Inquisição*, ob. cit., p. 109.
- 21- Idem, p. 113.
- 22- Ricardo Garcia Cárcel, *la Inquisición*, ob. cit., p.12.
- 23- R. de Vaux, *Les Institutions de L'Ancien Testament*, 4ª ed., Paris, Ed. du Cerf, 1982, p.192.
- 24- J. Vandervorst, «Dispersion ou Diaspora», in AAVV, *Dictionnaire de La Bible*, Tomo II, Paris, 1934.

25-Carol Herselle Krinsky, *Synagogues of Europe*, 2ª ed., Cambridge, Massachusetts, and London, England, The Mit Press, 1985, p. 36.

26-Diamantino Sanches Trindade, *Castelo de Vide, subsídios para o estudo da Arqueologia Medieval*, Lisboa, Assembleia Distrital de Portalegre, 1979, p. 131.

27-Selomoh Ibn Verga, *La Vara de Yehudah, Sefer Sebet Yehudah*, Introducción, traducción e notas por Maria José Cano, «Biblioteca Nueva Sefarad», Volumen XVI, Barcelona, Riopiedras Ediciones, 1991.

28-Idem.

29-Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Os Judeus em Portugal no Século XV*, Vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1982, p. 35.

30-Selomoh Ibn Verga, ob. cit., pp. 48-49.

31-Maria Emília C. Ferreira, «D. Manuel I» in Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, Vol II, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 906-911.

32-Maria José Pimenta F. Tavares, *Judaísmo e Inquisição*, ob. cit., p. 29.

33-Idem, p.34.

34-Possidónio Laranjo Coelho, *Terras de Odiana*, 2ª Edição, Lisboa, Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão, 1988, pp. 295-296; Elias Diéguez Luengo, *Curiosidades de La História de Extremadura*, s/l, 1990, pp.103-105.

35-Francisco Bejarano, *Inventário de las Portadas del Llamado Barrío Gótico de Valência de Alcântara*, Valência de Alcântara, Ayuntamiento de Valência de Alcântara, 1993.

36-Idem, p. 9.

37-Francisco Bejarano, ob. cit.

38-Na descrição que José Bueno faz deste edifício (*Extremadura-Diario Católico*, 19/8/1968) refere a existência nesta parede de uma janela e uma porta. Hoje, passados vinte e seis anos, a cal e argamassas foram caindo e são visíveis ombreiras de granito, que partindo do lintel atingem o nível da calçada, evidenciando uma porta e não uma janela. Segundo este autor a janela que aqui existiu abria-se também para o exterior. Provavelmente durante as obras para a construção do pequeno comércio que se une actualmente à parede norte do edifício esta porta foi de novo revestida a argamassa não possibilitando agora a identificação do sistema de fecho. Parece, assim, que qualquer destas portas abrir-se-ia para o exterior e não no sentido contrário como normalmente ocorre.

39-Domingo Bohorquez Jimenez, *Ordenanzas del Concejo de Valencia de Alcantara*, Cáceres, Institución Cultural "El Brocense", 1982.

40-Eustásio López Jimenez, «Un Edifício Misterioso», *Extremadura-Diario Católico*, 19 de Agosto de 1968, p. 11.

41-Carol Herselle Krinsky, *Synagogues of Europe*, ob. cit., p.11.

42-Idem, p.19.

43-Idem, p. 22.

44-J. M. Santos Simões, *Tomar e a sua Judiaría*, Tomar, Edição do Museu Luso-Hebraico, 1943, p.66.

45-Selomoh Ibn Verga, ob. cit., p. 49.

46-Carmen Balesteros, Jorge Oliveira, «A Sinagoga e a Judiaría de Castelo de Vide», *Ibn Maruán Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 3, 1993, pp.124-152.

47-Carol Herselle Krinsky, ob. cit., p. 10.

48-Carol Herselle Krinsky, ob. cit., p.9.

49- Manuel Cadafaz de Matos, « Escavações na Sinagoga de Tomar permitem situar construção no século XV.», in *Diário de Notícias - Regional*, 22 de Outubro de 1985.

50-Jacob R. Marcus, *The Jew in the Medieval World*, New York, Atheneum, New York, 1981, pp.200-204.

51-Carol Herselle Krinsky, ob. cit.,207.

52-Carol Herselle Krinsky, ob. cit., 9.

53-Alan Unterman, *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p. 73; Hugo Schlessinger, *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*, São Paulo, Edições Paulinas, 1987, p. 82.

* AGRADECIMENTOS

A elaboração deste artigo só foi possível pela colaboração de várias pessoas cujos nomes gostaríamos de aqui registar. Antes de mais importa referir o nome do nosso amigo, Arquitecto António de Sousa Caria Mendes, que pela primeira vez nos acompanhou numa visita ao imóvel e nos chamou a atenção para o mesmo.

Ao actual proprietário do edifício, D. Manuel Barbellido Reyes, morador em Valência de Alcântara, o nosso agradecimento pelas facilidades concedidas no acesso ao interior do mesmo. Um agradecimento especial deixamos também ao nosso amigo D. Francisco Bejarano que nos ajudou na compreensão do espaço urbano antigo de Valência de Alcântara bem como a António Joaquim L. Garraio e ainda ao professor Elias Diéguez.

Um agradecimento especial dirigimos também ao Sr. Luís Vasco do Museu Hebraico de Tomar, cujo interesse e dedicação pelas coisas judaicas tem conseguido reunir um importante espólio documental e que pela sua importância merecia que já aí existisse também um centro de estudos hebraicos.

A CONSERVAÇÃO DAS CULTURAS REGIONAIS

Joaquim Cerqueira



...comia-se o que a terra dava...no Alentejo era o pão de trigo... Foto de Jorge Oliveira.

Entre todo o palavreado que acompanhou a ECO 92 há algumas medidas de protecção à biodiversidade que são, simultaneamente, fáceis de executar e de utilidade imediata.

Não se pense que o problema da biodiversidade se resume à floresta amazónica

ou outros lugares exóticos. Nas regiões humanizadas há milhares de anos, a mão do agricultor criou novos equilíbrios ecológicos, por vezes riquíssimos, em consequência de um processo lento, como todos os processos biológicos, com os seus êxitos e desastres, mas nem por isso menos útil.

A chamada agricultura de subsistência não deve ser menosprezada pois, até ao advento da economia de base monetária que se instalou plenamente há relativamente poucos anos, foi a base de riqueza dos povos. Quando havia 90% ou mais da população a viver em meios rurais, só um inconsciente se preocuparia em produzir para um mercado inexistente. Se cada um produzisse o que necessitava e lhe sobrassem dois décimos por cento, o conjunto produzia excedentes suficientes para alimentar a pequena população urbana, mesmo atendendo a que metade desse excedente se perderia por dificuldades de conservação e de comercialização.

Se meditarmos nas necessidades da população há uns cem anos, verificaremos que,



*Há, aqui, variedades aclimatadas há centenas, senão milhares de anos.
Foto de Jorge Oliveira.*

por muito ricas que fossem as pessoas, as necessidades eram satisfeitas pela produção própria.

As roupas provinham do linho, planta cultivada um pouco por todo o lado, e da lã, resultante da tosquia das ovelhas. Quase todas as famílias teciam ou fiavam estes produtos da terra.

No que respeitava às alfaias domésticas (o que chamamos mobiliário), bastava um castanheiro ou carvalho, só se recorrendo ao carpinteiro (que era outro rural mais habilidoso) para certos móveis mais vistosos, que eram pagos com a madeira sobrança.

As casas eram construídas com os materiais locais, também com a ajuda de um artista vizinho.

As alfaías agrícolas, em grande parte, também eram de fabrico caseiro, com o ferreiro da aldeia a fornecer algumas peças.

Quanto à alimentação, obviamente, comia-se o que a terra dava. Se se vivesse no Alentejo era o pão de trigo, em Trás-os-Montes, de centeio, no Minho, de milho. Havia, ainda conforme as regiões, a batata, a castanha, óptimo alimento e base de belíssimas receitas quase perdidas, o grão de bico, o feijão, as couves, etc. e os animais: borregos no sul, vitelos no norte, as galinhas, os perús e coelhos por todo o lado, a caça ocasionalmente. Para transporte, havia os bois, os cavalos ou as mulas, que estavam ao alcance da maioria dos agricultores.

Quanto aos cidadãos, viviam da mesma maneira. Entre o mobiliário dos mais ricos podiam encontrar-se cómodas entalhadas ou enbutidas, coches dourados, as casas seriam palácios com cantarias de mármore mas, à parte o luxo decorativo, os bens de que dispunham não eram muito diferentes, na sua natureza, nem o conforto muito superior. Quem duvidar, experimente viver uma semana invernal no palácio de Mafra, com os colchões, sanitários e aquecimento da época.

O aparecimento da segunda revolução industrial, produzindo abundantes bens de consumo que não se podem obter da terra, como bicicletas motorizadas, rádios, televisores, coca-colas, automóveis, frigoríficos e as infraestruturas necessárias, desde a rede de distribuição eléctrica às refinarias de petróleo veio alterar esta situação.

Agora, o agricultor não pode acasalar dois automóveis para obter um novo, como antes fazia para substituir a sua mula. Só pode obter estes bens com dinheiro. Para isso, tem

de vender a sua produção. Como, do dinheiro que lhe dão por ela, precisa de tirar o necessário ao seu sustento, verifica-se que já não pode contentar-se com a autosuficiência. Tem de produzir um excedente muito maior.

A consequência de tudo isto, para abreviar, é que os agricultores tiveram de abandonar as variedades e raças tradicionais, com todas as suas qualidades e adoptar outras, mais produtivas, mais resistentes aos transportes rurais fáceis de conservar ou de transformar e mais desenxabidas. Só assim consegue o máximo de produção, que lhe permitirá ter excedentes para pagar as necessidades anteriormente desconhecidas e que ele não pode satisfazer com a produção própria.

As antigas variedades foram abandonadas e só alguns pequenos produtores, mais isolados, ainda as cultivam. Com o tempo, há o risco de desaparecerem completamente.

Esse desaparecimento representará uma perda importante para a biodiversidade de que falava no início. E que estas variedades possuem características como o sabor, o aroma e a textura, e outras referentes à resistência a certas doenças ou pragas, quando não à seca ou ao frio, que será possível, futuramente, transmitir por processos clássicos de melhoramento ou de engenharia genética, de modo a obter plantas de qualidade culinária superior à das actuais de alta produtividade.

Um dos defeitos das variedades actuais é a sua uniformidade genética. Quando uma doença ataca, toda a colheita se perde, porque todas as plantas são igualmente sensíveis, o que não sucedia com as variedades tradicionais, menos uniformes nas suas características.

Atribui-se a decadência da civilização Maya a monocultura de meia dúzia de variedades de milho, que foram destruídas por um vírus.

Muitos leitores se recordarão da campanha televisiva de há anos, para comprar fruta normalizada. É claro que, agronomicamente e nutritivamente, tal campanha era absurda. Não é necessário qualquer normalização, a não ser por motivos comerciais ou, quando muito, estéticos. O sabor, o valor nutritivo ou a conservação dos frutos em nada é influenciado - ou piora - com a produção de frutos de dimensões uniformes, ou a sua selecção mecânica para os separar em lotes uniformes.

Se o procedimento fosse vantajoso do ponto de vista da produção, duvido que se gastasse tanto dinheiro na sua promoção, pois os interesses agrícolas não tem os fundos necessários para promoções dessas. Quanto ao consumidor, coitado, ninguém fala dele senão nos discursos e ainda menos se pensa nele.

Uma preocupação dos defensores de um ambiente melhor, nos países onde o movimento teve origem, é a defesa da natureza. Num país como Portugal, com alguns milhares de anos de civilização (desde os Turdetanos, pelo menos), já não há natureza, a não ser em dois ou três pequenos recantos, como o Gerez e a Arrábida.

A nossa preocupação, no campo do ambiente, deve ser a manutenção dos agricultores ameaçados pela CEE e pela consequente desertificação. Os agricultores são a primeira linha de defesa da nossa paisagem, como se pode ver pelo alastramento dos incêndios florestais nas zonas desertificadas pelo êxodo rural, da nossa caça, como sucede com a perdiz, e da nossa arquitectura popular, como se vê pelos "montes" em ruínas,

alguns deles de características esteticamente notáveis.

Os agricultores também são, inclusivamente do ponto de vista estratégico, a primeira linha de defesa de Portugal em caso de conflito europeu, se tormarmos como nossas as palavras de Jacob Rinegg, do Ministério da Agricultura Suíço, publicadas na Revista Shell Agricultura (1991, vol. XII): "Qualquer que seja o futuro, é considerado natural que a Suíça, **como qualquer outro país**, tem o direito do manter a sua agricultura para garantir um certo grau de autosuficiência em qualquer época". Talvez esteja aqui a razão porque os suíços, por nítida maioria, rejeitaram, em referendo, a integração na CEE, embora a sua agricultura ocupe menos população que a portuguesa.

Concentremo-nos, porém, na defesa das nossas variedades cultivadas, sejam elas os deliciosos morangos de há trinta anos, as tenras cenouras ou as suculentas cerejas que ainda há poucos anos eu podia colher em árvores já desaparecidas, porque ninguém estava disposto a pagar a sua apanha.

A modernização da agricultura, a chamada revolução verde, que garantiu o prémio Nobel ao seu impulsionador, o agrónomo Borlaug, foi a causadora desta situação, verdadeiramente perigosa. As novas variedades, criadas tendo em consideração apenas a obtenção de altas produções - objectivo correcto no contexto dos anos 60, com a ameaça da fome a pairar sobre muitas regiões - levaram ao abandono das tradicionais e, em consequência, estão em perigo de extinção, quando não se extinguíram já.

Em Ceilão, havia umas 2000 variedades de arroz. Desde essa época, passaram a

cultivar-se cinco, maioritariamente. A Índia, então, que semeava 30000 variedades, está reduzida a obter três quartos da sua produção apenas de oito ou nove.

Suponhamos que são todas sensíveis a uma doença nova? Não é apenas na espécie humana que aparecem subitamente novas doenças...

Em resposta a este problema surgiram, por todo o mundo, em mais de cem países, centros que, por diversas formas e com vários objectivos, contribuem para a conservação da biodiversidade das culturas. Estes chamados bancos de genes formam uma rede mundial e já chegaram a Portugal, onde, embora com carácter especializado, existem três ou quatro, como o Núcleo de Melhoramento do Milho em Braga, que também conserva outras plantas, e os núcleos da Estação Agronómica Nacional e do Instituto Superior de Agronomia,

iniciados, respectivamente, para couves e leguminosas, mas a estender as suas recolhas a cultivares de outras famílias.

A Região do Nordeste Alentejano tem características próprias, como quase todos os recantos de Portugal. Somos um País com uma variedade espantosa de condições climáticas. Se pensarmos na monotonia da paisagem da meseta castelhana, das planícies do norte da Europa desde a França à Rússia, do centro da Inglaterra, começaremos a compreender porque os estrangeiros ficam tão espantados quando, num trajecto de 100 km, por exemplo de Leiria a Aveiro ou a Castelo de Vide, encontram situações ecológicas tão diferentes.

*Agora, o Agricultor não pode acasalar dois automóveis para obter um novo, como antes para substituir a sua mula.
Foto de Jorge Oliveira.*



Há, aqui, variedades aclimatadas há centenas, senão milhares de anos. É preciso fazer um estudo com o objectivo de as identificar, classificar e catalogar.

Uma vez atingido este objectivo ou, melhor, em simultâneo, há que estabelecer colecções *in situ*, ou seja, pequenos hortos, a cargo de alguns agricultores de boa vontade, onde essas variedades se manterão.

É algo que dará pouco trabalho, pois quem tem terras cultivadas não precisa de se incomodar muito para, num recanto geralmente pouco utilizado, estabelecer uns canteiros onde semeia umas dúzias de plantas que se dêem bem no local. Como não há a

preocupação de obter grandes produções, mas sim de ir obtendo sementes para o ano seguinte e assim sucessivamente, tais hortos darão pouco trabalho e permitirão conservar variedades que, de outro modo, se poderiam extinguir.

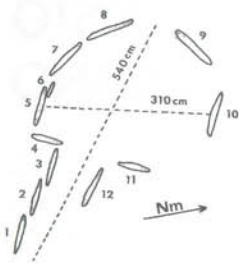
Numa época em que se paga bom dinheiro pelos chamados produtos biológicos, essas variedades, rústicas, adaptadas ao longo de séculos a uma cultura sem adubos e sem pesticidas, com um sabor e textura por vezes deliciosos, podem ser uma fonte de riqueza para a região. Se há vinhos de Portalegre e queijos de Nisa, porque não as nozes de Castelo de Vide ou castanhas de Marvão?



As antigas variedades foram abandonadas e só alguns pequenos produtores, mais isolados, ainda as cultivam.

Foto de Jorge Oliveira

1. INTRODUÇÃO



No final dos anos setenta tivemos oportunidade de observar uma placa gravada, proveniente de um monumento dolmênico da região da Salavessa (Nisa).

O seu proprietário e achador, o Eng^o Joaquim Miguens dos Remédios, informou-nos ter sido retirada da Anta da Terra da Azinheira (fig. 1.1- IGC, folha 28, 1:100.000). O artefacto estava inteiro mas, no momento da recolha, partiu-se em dois fragmentos, tendo sido partilhado com outra pessoa. A peça que tivemos oportunidade de desenhar corresponde à metade superior dessa placa de xisto (fig.2.1).

A Anta da Terra da Azinheira (Henriques 1980) é um monumento de tipo dolmênico, com câmara e corredor, construído com blocos de xisto (fig. 1.2). Quando observámos este monumento pela primeira vez, em 18 de Agosto de 1974, apresentava 12 esteios que se destacavam do solo, entre 40 e 120 cm². A câmara tinha uma configuração arredondada, sem acentuação da cabeceira, e cerca de 300 cm de largura. O corredor conservava três esteios, imbricados, no lado sul e outro no lado norte. O conjunto câmara-corredor media cerca de 540 cm. A mama já não era visível, aparentemente, devido ao efeito de sucessivas lavras. Voltámos a observar este dólmen em 1990. Situa-se alguns quilómetros a nordeste da aldeia de Salavessa (Coord. Hectom. Sec. Gauss N461952, CMP 314, 1: 25 000), no rebordo de um pequeno planalto de arcoses com cascalheira (CGP 28-B, 1: 50 000), coberto por um olival.

Este monumento integra-se numa importante mancha de monumentos de tipo dolmênico do nordeste de Nisa (Caninas 1987) e situa-se próximo da Necrópole Megalítica de Montalvão a qual tem vindo a ser estudada por Jorge Oliveira (Oliveira 1991).

A singularidade da decoração desta placa de xisto, que poderíamos qualificar de irregular ou tosca, fixou desde logo a nossa atenção. Procurámos artefactos análogos na bibliografia arqueológica, consultando fundamentalmente os trabalhos de Georg e Vera Leisner (1959), de Farinha Isidoro (1970, 1971 entre outros) e, mais recentemente, de Conceição Rodrigues (1986b: Catálogo, pp87-129). Verificámos que tinham sido publicadas diversas placas análogas, quer nos motivos, quer no traço, provenientes do Nordeste Alentejano. Acabámos também por identificar dois casos de reconfiguração de placas de xisto.

Outras prioridades, e outros trabalhos, fizeram que nunca divulgassemos convenientemente as observações que então



Figura 1.2

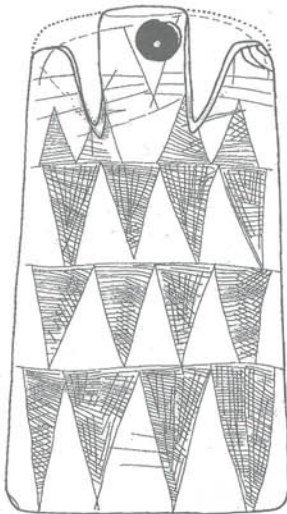


Figura 2.1

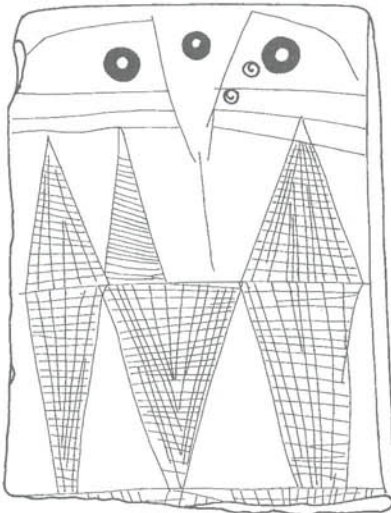


Figura 2.2

tivemos oportunidade de fazer. No entanto, essas observações permanecem com interesse para divulgação junto dos estudiosos do Megalitismo do Sudoeste Peninsular e da sua(s) cultura(s) material(ais). Surge pois a oportunidade com o grato convite, que nos foi dirigido pelo Dr. Jorge Oliveira, para colaborar nas páginas de "Ibn Maruán", revista cultural do Concelho de Marvão.

2. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A pesquisa e o exercício de comparação que nos foi suscitado pela placa de xisto da Terra da Azinheira (Placa 1) conduziu-nos, como se disse, a um curioso conjunto de placas similares, que passamos a apresentar:

Placa 2: Pertence ao espólio do Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses tendo a indicação "proveniência desconhecida". Esta mesma placa (fig. 4.1) foi publicada pelos Leisner (1959, Estampa 4.4), como sendo de Castelo de Vide ou Marvão, e por Estácio da Veiga (1887, vol. II, Estampa VIII) que a relaciona com uma anta de Castelo de Vide. Fizemos o seu desenho em 17 de Março de 1981 (fig. 2.2).

Placa 3: Provém da Anta da Tapada da Lage de Peles, Crato (Isidoro 1971, figs 21 e 22). Obtivemos o desenho desta placa (fig. 3.1) a partir da fotografia inclusa na publicação mencionada.

Placa 4: Provém da Anta 1 do Couto do Biscaia, Crato (Isidoro 1970, fig. 15b). Obtivemos o desenho desta placa (fig. 3.2) a partir da fotografia inclusa na publicação mencionada.

Placa 5: provém da Anta 1 do Couto do Biscaia, Crato (Isidoro 1970, fig. 15a).

Obtivemos o desenho desta placa (fig. 3.3) a partir da fotografia inclusa na publicação mencionada.

Placa 6: Pertence ao espólio do Museu dos Serviços Geológicos com referência à Anta da Cabeça, Castelo de Vide (Leisner 1959, Estampa 3.4.4). Conceição Rodrigues (1975) não consegue localizar este topónimo em Castelo de Vide pelo que julga tratar-se da Anta 2 do Alcogulo. Reproduzimos (fig. 4.2) o desenho incluso em Leisner 1959.

Placa 7: Pertence ao espólio do Museu dos Serviços Geológicos com referência à Anta da Cabeça, Castelo de Vide (Leisner 1959, Estampa 3.4.5). Conceição Rodrigues (1975) não consegue localizar este topónimo em Castelo de Vide pelo que julga tratar-se da Anta 2 do Alcogulo. Reproduzimos (fig. 4.3) o desenho incluso em Leisner 1959.

Placa 8: Provém da Anta da Lameira, Crato (Leisner 1959, Estampa 6.6.1). Reproduzimos (fig. 4.4) o desenho incluso na publicação mencionada.

Estas placas correspondem, com diversas variações, ao seguinte modelo:

- Formato subrectangular e contorno simples;
- Decoração unifacial;
- Elemento decorativo: triângulo preenchido, distribuído em bandas horizontais;
- Composição (de cima para baixo):
 - furo de suspensão central;
 - figura triangular invertida (esta figura poderá ser equiparada a um nariz, por analogia com uma face humana; nas placas recortadas esta figura dá lugar à cabeça), sem base, com prolongamentos laterais ou arcos (por analogia com sobrancelhas);
 - três traços horizontais ou tatuagens (por

analogia com tatuagens faciais) exteriores à figura triangular;

- uma banda com dois triângulos à esquerda e outros dois à direita de um espaço central;

- três bandas de triângulos invertidos;

- Decoração dos triângulos: traços horizontais, combinação de traços horizontais, oblíquos e verticais;

- Material: xisto.

Passamos a referir as variações observadas nas oito placas relativamente a este modelo.

Placa 1 (fig. 2.1): fragmentada; a figura triangular invertida não tem vértice; apresenta mais dois furos (olhos) entre os arcos e as tatuagens; a primeira banda apresenta apenas um triângulo à direita do espaço central; tem duas bandas de triângulos invertidos. Os olhos poderão corresponder, eventualmente, a uma segunda fase de gravação.

Placa 2 (fig. 2.2); o desenho publicado pelos Leisner - fig. 4.1 - não regista, na parte superior da placa, nem a figura triangular nem os arcos).

Primeira fase: a composição original, em formato não recortado, deveria corresponder integralmente ao modelo descrito.

Segunda fase: o contorno foi recortado, na parte superior da placa, com individualização de cabeça e ombros e eliminação do desenho da parte superior de dois triângulos da primeira banda; os arcos também foram interrompidos.

Placa 3 (fig. 3.1).

Primeira fase: admitimos que a composição original, em formato não recortado, apresentava as seguintes variações relativamente ao modelo: ausência de arcos (poderá eventualmente considerar-se como



0 5 CM

1.



0 5 CM

2.

3.

Figura 3

arco o traço horizontal gravado à direita da figura triangular); um traço acima das tatuagens (ou quarto traço de tatuagem); uma primeira banda de triângulos sem espaço central; duas bandas de triângulos invertidos, todos eles preenchidos por traços genericamente horizontais.

Segunda fase: o contorno foi recortado, na parte superior da placa, com individualização de cabeça e ombros; foram introduzidos dois furos, unicónicos (o furo original é bicónico), ou olhos, que intersectaram a figura triangular e os traços superiores de tatuagem; os traços correspondentes às tatuagens, à figura triangular e ao eventual arco foram acentuados; a decoração estendeu-se à outra face da placa com a decoração que a figura documenta; os novos triângulos são distintos - no desenho, dimensões, preenchimento e distribuição - dos triângulos da face principal.

Placa 4 (fig. 3.2): os arcos estão duplicados.

Placa 5 (fig. 3.3): incompleta; continha pelo menos duas bandas de triângulos invertidos.

Placa 6 (fig. 4.2): a primeira banda contém três triângulos e não tem espaço central; seguem-se duas bandas de triângulos invertidos; crescem traços verticais entre os arcos e os triângulos da primeira banda.

Placa 7 (fig. 4.3): contorno arredondado; ausência de arcos; figura triangular invertida sem vértice e prolongada por dois traços horizontais; quatro tatuagens cruzadas por segmentos verticais; a segunda e terceira banda contém triângulos direitos.

Placa 8 (fig. 4.4): incompleta; ausência de arcos; figura triangular invertida sem vértice;

quatro tatuagens do lado direito da figura triangular e cinco do lado esquerdo; primeira banda apenas com um triângulo de cada lado do espaço central, sobrepondo parcialmente as tatuagens; decoração dos triângulos mais regular do que nos casos anteriores (admitindo que o desenho é exacto).

As oito placas descritas correspondem, aparentemente, a seis diferentes sítios arqueológicos. Três placas são de proveniência desconhecida ou incerta e, de uma forma geral, as condições de jazida são imprecisas ou desconhecidas. Dispensamo-nos, por isso, de analisar, neste momento, os espólios associados a algumas destas placas e a tipologia dos respectivos monumentos.

3. COMENTÁRIOS

Reconhecemos o enorme interesse da discussão acerca do significado destes artefactos. No entanto, não o iremos fazer porque entendemos que seria um exercício inadequado, em face da insuficiência do material que apresentámos.

Nestas circunstâncias, não se justifica discutir aquilo que já foi dito a este propósito por Estácio da Veiga, Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Virgílio Correia, E. Frankowski, Georg e Vera Leisner, Albuquerque e Castro, Jean Arnal, Veiga Ferreira, Rafael Monteiro (1958), Victor Gonçalves e Conceição Rodrigues, entre outros, ou ainda os trabalhos de sistematização descritiva de Conceição Rodrigues (1986) e de Ana e Jorge Sá Pinto (1979).

Considerando as descrições anteriores julgamos pertinente formular os comentários seguintes.

3.1 A pesquisa que efectuámos, embora não sendo definitiva quanto ao alcance dos

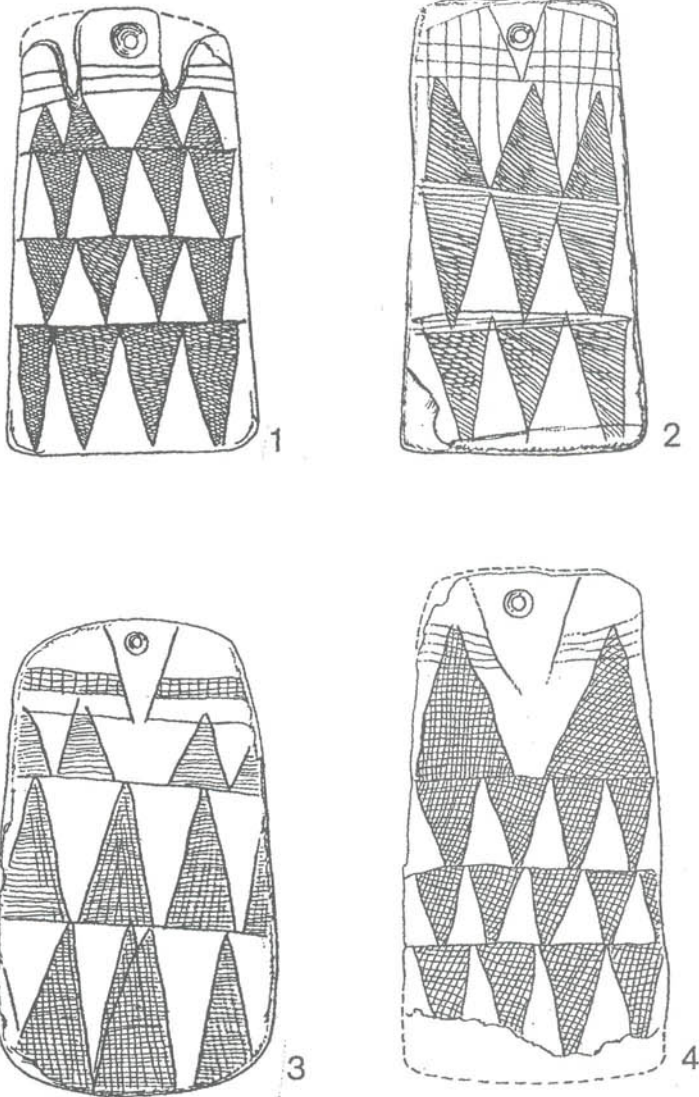


Figura 3

seus resultados, tendo em conta o universo de artefactos que foi analisado, permitiu-nos identificar um conjunto de placas de xisto que admitimos terem sido produzidas por um mesmo artesão

Esta hipótese fundamenta-se na evidência de um modelo morfológico comum às oito placas com destaque para a similaridade da composição decorativa (exclusiva deste conjunto), para as características do traço (aspecto singular deste conjunto, que poderá ser interpretado como uma limitação do artesão e não como um estilo; observável noutras placas desta região), para o padrão irregular de preenchimento dos triângulos e para a proximidade dos achados.

Esta hipótese reveste-se de muito interesse no quadro da circulação de artefactos na região megalítica abrangida por estas placas, remetendo-nos para as relações entre o grupo Ródão-Nisa, polarizado no Rio Tejo (Caninas 1987), e o grupo Nisa-Crato, situado mais a sul, em território granítico (Gonçalves 1981, Oliveira 1993).

3.2 Victor Gonçalves, num magnífico ensaio sobre os megálitos de Reguengos de Monsaraz (1992), defende a ideia de a perfuração singular nas placas de xisto poder "significar o início do desaparecimento da prática de suspensão das placas" (p.90), sucedendo a uma fase caracterizada pela dupla perfuração, a qual permitiria uma maior estabilidade a essa suspensão.

A partir das descrições anteriores é possível constatar a não aplicação desta hipótese ao conjunto de placas que apresentámos, cujo modelo é caracterizado por uma única perfuração. Se de facto a perfuração única fosse posterior à dupla perfuração que justificação, em termos

funcionais e simbólicos, poderíamos dar à sobreposição destes dois "tipos de suspensão" em alguns artefactos, como é o caso das placas da Terra da Azinheira (fig. 2.1) e da Tapada da Lage de Peles (fig. 3.1) ?

Em nosso entender, a dupla perfuração da placa 3 (fig. 3.1) corresponde a uma segunda fase de utilização deste artefacto e teria uma função mais simbólico do que prática. Admitimos também a mesma explicação para os dois furos adicionais da placa 1 (fig. 2.1), considerando-os de uma segunda fase de gravação em que o simbolismo, antropomórfico, da dupla perfuração se sobreporia à funcionalidade da perfuração unitária, permitindo cumulativamente uma suspensão mais estável.

3.3 Duas placas deste conjunto foram sujeitas a um processo de reformatação, ou reconfiguração (forma/simbólica), explicável no quadro de uma reutilização. Esta alteração documenta a sucessão contorno simples / contorno recortado e está associada a uma marcação, ou acentuação, de caracteres antropomórficos.

Este aspecto, que julgamos observar noutras placas do Nordeste Alentejano³, não é suficiente para generalizar uma diferenciação cronológica entre o tipo geométrico (ou com decoração geométrica, correspondente a placas de contorno simples) e o tipo antropomórfico (correspondente a placas de contorno recortado). Aliás, as datações apresentadas por Victor Gonçalves, para três placas, apontam para a coexistência destes tipos numa "larga faixa cronológica" (Gonçalves 1989).

Para além disso, o problema complica-se se reconhecermos que a distinção entre um tipo geométrico e um tipo antropomórfico é

insuficiente se centrada apenas no contorno. Inúmeras placas de contorno simples e decoração predominantemente geométrica, como aquelas que apresentámos, contêm já diversos caracteres antropomórficos e apresentam uma organização em duas áreas distintas, geralmente associadas à cabeça e ao corpo de uma figura humana (Gonçalves 1992, p.82), facto que nos sugere a necessidade de repensar estas categorias, ou

de aceitar a representatividade de um tipo protoantropomórfico.

Esta dicotomia, baseada no contorno, talvez constitua um falso problema se atentarmos também no facto de apenas 8% das 260 placas do Alto Alentejo analisadas por Conceição Rodrigues (1986b, pág. 79) corresponderem ao chamado tipo antropomórfico.

NOTAS

¹ Membros do NRIA - Núcleo Regional de Investigação Arqueológica / ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS DO ALTO TEJO. Avenida da Belavista, nº 160, 6030 VILA VELHA DE RÓDÃO.

² Dimensões visíveis dos esteios (altura, largura), em centímetros: 1 (60,70), 2 (70,80), 3 (60,120), 4 (40, 70), 5 (120, 120), 6 (45,22), 7 (70, 84), 8 (93, 70), 9 (90, 80), 10 (90, 100), 11 (?), 12 (55, 70).

³ Rodrigues, 1986b, pp 123-124: placas nº 139/Jeromigo-Reguengos de Monsaraz, nº 278-279/Passo 1 - Reguengos de Monsaraz e nº 148/Alcarapinha-Elvas.

4.BIBLIOGRAFIA

CANINAS, J. C. Pires e F. J. Ribeiro HENRIQUES (1987) - TESTEMUNHOS DO NEOLÍTICO E DO CALCOLÍTICO NO CONCELHO DE NISA, *Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano* (1985), Castelo de Vide, pp 69-82, 2 figs.

GONÇALVES, Victor, Françoise Treinen-Claustre e Ana Arruda (1981) - ANTA DOS PENEDOS DE SÃO MIGUEL (Crato)- Campanha. 1(81), *Clio-Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 3, Lisboa, pp 153-164.

GONÇALVES, Victor (1989) - MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO NA PRÉ-HISTÓRIA DO OCIDENTE PENINSULAR. 1. Desusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias, *Almansor*, 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp 289-302.

GONÇALVES, Victor S. (1992) - REVENDO AS ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ, *Cadernos da Uniarq*, 2, INIC, Lisboa, 264p, 48 figs.

HENRIQUES, Francisco J.R. e J.C. Pires CANINAS (1980) - CONTRIBUIÇÃO PARA A CARTA ARQUEOLÓGICA DOS CONCELHOS DE VILA VELHA DE RÓDÃO E NISA, **Preservação**, 3, Vila Velha de Ródão, 67p.

ISIDORO, Agostinho Farinha (1970) - ESCAVAÇÕES EM DÓLMENS DO CONCELHO DO CRATO (ALTO ALENTEJO) - III, **Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"**, 6, Porto.

ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) - ESCAVAÇÕES EM DÓLMENS DO CONCELHO DO CRATO (ALTO ALENTEJO) - IV, **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, vol. XXII, Fasc. 1, pp 41-56, Porto.

LEISNER, Georg e Vera (1956) - DIE MEGALITHGRABER DER IBERISCHEN HALBINSEL - der Westen, **Madrider Forschungen**, vol. 1, 2 tomos, Berlim.

MONTEIRO, Rafael (1958) - UM PROBLEMA ARQUEOLÓGICO. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS, **Diário Popular**, 24. Julho.58, Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge (1991) - A ANTA DA NAVE DO PADRE SANTO - NISA (NECRÓPOLE DE MONTALVÃO), **Actas das IV Jornadas Arqueológicas, Associação dos Arqueólogos Portugueses**, Lisboa, pp 201-214.

OLIVEIRA, Jorge (1993) - O RIO SEVER E AS FRONTEIRAS NO 3º MILÉNIO A.C., **Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço**, Vila Velha de Ródão, pp 62-69.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975) - CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE, Junta Distrital de Portalegre, Lisboa, 277p e 130 est.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1986a) - CÓDIGO PARA A ANÁLISE DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO ALTO ALENTEJO, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 83p.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1986b) - ESTUDO IDEOLÓGICO-SIMBÓLICO DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS (ALTO ALENTEJO), Câmara Municipal de Castelo de Vide, 130p.

SÁ PINTO, Ana Maria e Jorge (1979) - PROBLEMAS DE ANÁLISE DESCRITIVA DE PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO MEGALITISMO PORTUGUÊS, **Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto**, 3 (Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal), Porto, pp183-208.

VEIGA, Sebastião Estácio da (1887) - ANTIGUIDADES MONUMENTAIS DO ALGARVE. TEMPOS PREHISTÓRICOS, vol. II, Lisboa.

tempo de escrita

A JANELA ENTREABERTA

VAZ GONÇALVES

*Não basta escrever poemas.
Para se ser poeta tem que
se ser solitariamente louco,
tem que se fazer da vida uma
maldição. Isso é Poesia.*

ENIGMA

Misteriosamente
no meio do tempo

povoamos a incerteza
de uma ponte prestes
a ruir: no
silêncio de uma fuga:
Ou no logro
da sabedoria que nos
oprime: na
telúrica

solidão de uma

melodia
que precede os
nossos exaustos passos.

Talvez o fluir

de um grito enreado

na garganta: desentranhadamente:

como uma gaivota
esculpida
no ventre anónimo
de um porto qualquer.

Sobre uma pista obscura
de rostos como pássaros cegos
cruzei o mar da inútil imaginação:
como quem se deixa guiar
confiadamente
até à raiz

das últimas

estrelas.

Tristemente

os olhos enlutados
transparecem gestos de outrora
prenhes de uma antiga
memória de infância,
fotograficamente:
inutilmente.

As mãos

carecendo de

sabor:

Ou talvez uma

sombra

de reprovação,

uma espécie de maldição

silenciosa

correndo nas veias:

Assim: nuvens

carregadas de branco

menstrualmente opaco:

como o silêncio

da carne dolorosa das mães,
do desejado
olhar
decisivo do medo,
quando estamos inevitavelmente
preparados para

morrer.

A fonte onde bebíamos os ecos
do despertar da febrilidade
da fertilidade
está
monstruosamente,
magnificamente seca:
jaz piedosamente
no caudal
dos nossos estêreis
rostos,
assim:
tumularmente
esquecida.

Obsessivamente
os pássaros,
as pessoas e os dinossauros
incendeiam-se
como casas regadas de gasolina:
com luz,
com muita luz:

Isso torna-se feliz,
atrozmente
feliz.

É necessário então
fazer proliferar as mais estranhas
metamorfoses as pedras irremediáveis,
orgulhosas
na sua mudez cinzenta,
devastadoramente
sábias.

Olho devagar
as minhas enormes mãos:
essas brancas e ferozes mãos e com
um fervor paciente
começo lentamente
a construir
o
ódio: Com
a metáfora do amor colada
à nuca,
raivosamente.

(Percebe-se como é
difícil o amor.
Não somos bastante para
nos
podermos amar - não amo nada.
Não
desejo
amar
nada.
Penso:
as minhas mãos são inúteis
- não construí nada.

E como um vento
impedindo
a respiração os
retalhos da nossa
alma de lobo sem margem
vêm do fundo e pousam
suavemente
na testa
dos dias:
sombriamente,
inocentemente.

LUZ

Poderia morrer encostado às árvores
cheias de sol,
vivas, inúteis. As árvores
que estão grávidas
de cabeças entumecidas,
perfumadas de

giestas,
estranhamente
lúcidas

e concretas.

Há mil maneiras de se morrer encostrado às
árvores.

As cabeças são pequenas e perfumadas,
e abarcam todo o espaço
num cardume de dôr
serena,

terrível:
são as vozes

das crianças assassinadas
à sombra

das
árvores.

Há um milhão de maneiras de assassinar
crianças.

Gosto da palavra árvore:
á-r-v-o-r-e.

Associo-a porventura
à côr magnífica dos mortos,
a um insondável mistério
de segredos

belos e horríveis
que nascem dos braços
da terra vermelha e

lancinante.

Pode-se morrer encostado às árvores,
arrastando crianças

com os seus braços imensos,
cheios

das cabeças das vozes
terríveis
que saem da terra.

Há uma centena de maneiras de matar uma
árvore.

A poesia das árvores
vejo-a eu
insolitamente voar,
Assim:

morrendo.
Como quem

se deixa
passivamente matar pelas crianças,
com força;
com toda a força do assassinio
concentrada na

cabeça.

As árvores enlouquecem
e fazem
enlouquecer a terra
de pura menstruação:
perpetuam o crime
pelas cabeças dentro,
pensando;
como certos nomes de vilas e cidades
ligadas irremediavelmente
ao coração pavoroso da infância.

Os braços caem em cima das árvores e
morrem.

Estou cheio de sol e rio
encostado
às árvores.

As árvores
estão cheias da loucura
e compreendem:
estão

incrivelmente lúcidas
e por isso morrem.

Inventam
 as palavras
 como braços abertos:
 e as cabeças
 entumecidas
 das crianças
 correm loucamente
 pela seiva das árvores;
 e as crianças estão vivas
 e são inúteis,
 e vivem no ventre
 arrefecido
 das árvores.

As árvores poderiam morrer encostadas
 às crianças.

As vozes do caudal da terra
 perfumada
 entram em mim
 como giestas
 arrancadas
 ao coração negro das crianças.

As crianças e as árvores
 morrem
 encostadas a mim:
 como
 uma nascente de olhos irrompentos
 das cabeças
 mortas.

As crianças morrem encostadas a mim.

É necessário assassinar as crianças,
 porque é delas
 que deborda
 muito lentamente a
 seiva podre das
 árvores: como uma enorme e obscura
 cabeça
 pavorosamente
 inteligente.

Poderia morrer encostado às árvores,
 cheio de sol e riso: Cheio
 da luz da imensidão lúdica
 da
 terra, com o ânus voltado
 para dentro das raízes
 das inúteis, fantásticas
 flores murchas da
 sabedoria.

PANTOMINA

À Inês

Eis as palavras que arderam
no silêncio fundamental
das
manhãs, quando os
músculos se vergavam
sob a memória
esplendorosa
de noites
inacabadas, ferozmente
menstruadas:
como um
naufrágio:
Transportas ainda
no olhar
as voragens
que dançavam
no teu barro de
fêmea - um coração
selvagem
feito de
pedras -, Cintilas
um breve instante
de magia
ou poesia:
trazes ainda a dádiva
de quem suou, aquela
côr
de uma beleza feita
de sangue:
Seja dito
que os pulsos corroem
as bocas, e que os
edifícios
tremem ao contacto
das tuas mãos:
Recordo-me: era Novembro
e havia uma luz
oprimindo
as entranhas: os
humanos
morriam de pura loucura

com as mãos
agarradas às cabeças: tu dizias:
vamos em direcção
à noite, e eu
ria cheio do desespero, Os mortos
saindo dos
retratos: os ossos
desintegravam-se
em impossíveis
assimetrias
por um belo
e terrível talento
que os rasgava
até à medula, tu rias, Eu
cavava fundo
o fosso
do
terror assim:
cheio do lume do corpo:
Digo: em que
paisagem
a voz é um beijo?, às vezes
és um astro
amadurecido
à sombra do
poema,
trabalho então
no transbordante
jogo das línguas
na trama
carnal,
entre o
princípio da lua
e a própria
escrita cheia de
chuva:
Não sei nada
das
metáforas
das aves,
calcinadas
pelo pavor
inebriante do azul, É
necessário

então inventar-te,
 uma única e
 decisiva mulher
 que vem do
 f
 u
 n
 d
 o,
 palpitando ali,
 no terrível
 centro da doença,
 nas palavras
 exiladas: Que
 se estenda a todo o
 comprimento do
 fogo
 e tua necessária fertilidade
 estéril,
 a tua mágoa
 enraizada nos joelhos,
 Estás
 cheia de cheiros
 e eu amo o
 teu vinho amargo, o teu ímpeto
 entra
 por mim dentro
 selvaticamente,
 entras
 em mim como certos astros
 cheios de sol.
 Quero morrer de azul ou negro,
 nesse
 pavor
 interior que vem
 das artérias cortadas:
 a cama arde,
 Tens de procurar
 em toda a dimensão
 do
 infinito
 a palavra e-x-a-c-t-a
 para o amor,
 tens

que descobrir
 o meu imenso
 nome negro, enchendo-o:
 habitando nele:
 Ou corrompendo
 as imagens
 construídas
 pelo
 esperma:
 Há que
 mastigar
 aço,
 com um golpe
 com toda a força
 para dentro
 dos teus
 seios,
 inevitavelmente de
 mulher: perpetuando o crime:
 Digo então: era
 Novembro
 e os passeios das rosas
 dobravam-se
 perante
 o teu andar,
 E era uma força
 roendo
 as vísceras, assim:
 como uma corda atada
 em torno
 da
 garganta - eu falaria
 por vezes,
 e as minhas palavras
 viriam
 da imensidão do luto - Dizias:
 para morrer
 não são precisas palavras:
 Que o rosto
 ficasse fundido
 à força rude das mãos,
 e eu te matasse
 sem
 palavras.

MARGEM

Passeio devagar
à sombra dos dias,
exaustamente sombrio,
cheio das coisas
caladas
e inúteis do pensar.

O que eu digo é simples:
é fundamental encontrar
a paisagem clara e violenta
da loucura,
e assim fazer nascer nas pontas
dos dedos
a cristalina dimensão da morte.

Porventura
os olhos
atenuam o peso
belo e tremendo
das
pedras?, Ou existirá talvez
um obscuro e perigoso
foco de terror
nas mãos - uma espécie de doença
repugnante
e contagiosa - tornando-as,
pela força horrível
do pensamento,
o elo canceroso
entre o ódio e o amor,
entre
o tudo específico do medo
e a fria angústia
da espera?

No decisivo labirinto da lucidez:
lá, Onde
as montanhas ficam
embriagadas
da imensa e aterradora
luz do
sol, e onde os humanos

morrem
com as palavras pregadas
às bocas,
as pedras são mais
agudas e tenebrosas
espalhando
o terrível foco da
doença,
cheias da enorme imensidão
muda
da terra,
cruelmente:
irremediavelmente.

Agora as palavras são
p
e
s
a
d
a
s
demais para as inúteis

bocas dos homens:
as carótidas corroem-se
pela força bruta
do pensamento:

Há que corromper
as bocas dos homens,
dilacerando-as
lentamente
com as
palavras
fantásticas e magníficas
da loucura.

A paisagem da morte
vejo-a eu
ferozmente
proliferar
pelas ruas: obscuramente,
penetrantemente.

Agora digo:

onde o riso

branco
das baleias?

Onde

a força irrompente
das

searas

que

estilhaçava sóis abertos
como
punhais?

Onde o

incêndio

da voz?

A loucura é simples

e serena:

forjada no ácido sabor
do musgo:

como

um archote a arder

para dentro: Com

toda a força virada

para o

interior.

E na garganta acrescenta-se

o furor instrumental
da

água queimada pelo
relâmpago: arde tudo:
como um

qualquer nome

pavoroso que designa os
orifícios da ferida
entumescida

na cabeça:

uma trama que se res-
pira

nos olhos,

atordoadamente:

Como um pulmão

subitamente virado

para o exterior:

em

esquizófrénica

habilidade manual: é pela

força

terrível dos olhos e do sangue

que a loucura é

feita de fragmentos gigantescos

de lucidez: dentro dela: como

uma vulva calcinada

à

força rude de

tanto pensar com as mãos.

COMBUSTÃO

*"e a profundidade não vem
das entranhas porque mesmo
o mais interior é o
mais superficial"*
Carlos Soares Ramos

As nossas cabeças estavam
nuas
e eram horríveis,
cheias do terror
luminoso
da
Primavera.

Sim, o crime estava ali,
era visível:
E todos éramos cúmplices
do crime,
e estávamos todos
como mortos,
e era belo e
terrível.

Posto isto, seja dito
que o ácido sulfúrico
estava
derramado abundantemente
pelos espelhos:
as janelas estavam
fechadas e abertas
e eram grotescas:

A queimadura do lado de dentro
das nossas cabeças
era
simples e imóvel:
inalterável: As
casas

derramavam o ácido
sulfúrico
para dentro da ferida
das cabeças: Todos lhe
pertencíamos,
e tudo
era esplêndido e tenebroso.

A respiração absurda das cabeças
fazia nascer nas vísceras
a lenta
maturação
das pedras:
As pedras
amadureciam

dentro das
entranhas, e era um fulgor veloz,
uma labareda grave:

As imagens construíam-se
estranhamente
dentro

da respiração
elementar das pedras, e
das cabeças incendiavam-se,
tomando o ar feroz de quem
morre
dentro de si,
da sua própria
ferida
mortal e
repugnante.

A nossa missão era estarmos
todos
atentos e calados
enquanto a
Primavera
desabava
horivelmente
em cima das nossas cabeças:

SILHUETA

Cortaram a
 palavra
 às postas,
 e podia-se

ouvir
 pela cidade inteira
 a voz mansa do

sangue,
 quando pela costura
 das costelas
 certos astros
 entravam

cheios do
 ruído táctil do medo, A úlcera
 brilhava entre os
 pulsos: É
 uma mão deslocando
 o corpo, um anel na boca,
 de artéria a artéria,
 a unha: que se arranque
 em toda
 a distensão dos músculos
 a precária vara do feto: no sexo: Ou

então
 fazer cortes subtis
 na língua, quando as flores
 esmagam os tendões
 e a luz dos desertos
 despeja
 pedras
 dentro dos

tendões: assim: como a noite dentro
 dos ossos: Quando a mímica
 chega à boca, estás
 cheia de seiva, a fala entra
 por ti
 dentro,
 a cicatriz arde
 pelo fulgor do
 plasma, onde os dedos.

Não podem: Que o suor
 te invista, ou que
 o vento
 arqueie os gestos: sagitariamente: Tocaram-te,
 o organismo
 asperamente rebenta
 em golfadas, o sangue: em cada poro
 aumenta
 a ferocidade
 dos orgasmos: É uma festa, quando o silêncio
 chama:
 onde o ciclo
 menstrual deixa
 uma marca das bocas, as palavras:
 que se digam: o canto, A parte
 fêmea na escrita, às vezes as casas
 são
 arrancadas pela força rude
 da garganta, o papel: o ar oco
 a encher
 uma pessoa, o rumor do olhar
 embriagado,
 podia-se então escrever
 no fogo, ouvia-se o
 seu
 lamento agudo: Que se morra: és talvez
 uma chama,
 um cavalo devorado - nas faíscas do
 cabelo, dentro
 do pêlo: Deus aí, o urro do mar: como
 uma ferida a arder,
 é
 então
 p-r-e-c-i-s-o
 nascer: à sombra das pedras:
 o nú, Como quando
 pela voz
 dentro
 se injecta o som do sol - pensa-se
 que o
 coração

está cheio de
 lume,
 que o sangue enche
 os rostos - e as
 paisagens acabam, Sempre
 o coro é
 uma vela: a água: a carne
 coagulando, talvez o
 gelo dentro dos
 ânus
 rasgaram com uma
 unhada a pele
 do chão: o ódio: em
 bruto: a jorrar em borbotões, és
 como certos dias estrangeiros
 dentro dos olhos,
 os cardos voltam-se
 para dentro, Ou que o poema
 fique sujo: assim:
 tremendo
 ao sabor das
 navalhas: É necessário cagar as
 palavras, pari-las: que te vendas,
 que
 as palavras te violem: Ou então
 fazer florir
 dentro
 das pedras o
 inevitável centro denso da
 escuridão, há que ser
 nascente
 de sangue, as borboletas por vezes
 ficam
 loucas: cheias dos cheiros
 do campo: quando vigiamos:
 as cadeiras estão
 cheias de milagres; A esplêndida
 violência
 das mulheres: há uma idade em que se
 aprende,
 só depois
 se começa a viver
 e a
 ficar

cansado: como
 certas folhas amarelas,
 outonalmente
 cheias de esperma, Digo: que as
 palavras se fodam,
 ou que transportem dentro delas
 o arco-íris, a chuva:
 como vulcão:
 assim: cheias
 da côr branca
 da loucura,
 cortadas às postas.

SAL

Os últimos dias

antes da minha
morte
passei-os em contemplação,
fascinadamente.

E então comecei a amar

as pessoas e as coisas
com um fervor

até aí
desconhecido.

Era tudo
como

num sonho.

Eu dizia:

a morte não é nada,
e o
terror entrava por
por mim dentro,
ininterruptamente.

É preciso

saber
morrer.

Um homem precisa de

saber morrer,
isto é precisa

de
aprender a

amar a sua
morte:

Só aí é que se vive.

E é quando um homem

sabe
que

está

inevitavelmente

preparado
para
morrer

que começa

a

amar tudo
como nunca
pensou
que
fosse possível

amar.

Isso dói,
e arde

verdadeiramente
no

coração.

A morte é o maior mistério da vida.

Lisboa,
entre Março e Maio de 1986

HISTÓRIAS DO CONCELHO DE MARVÃO

Sobre o primeiro cortejo de oferendas

JOÃO GONÇALVES DA MATA

O Senhor António,
Com Francisco Cágado
dos Cabeçudos, no primeiro
Cortejo de oferendas que houve
para o hospital deu tudo
quanto tinha.
Já não sei se era António
ou Francisco
Segue o poema!

Das muralhas de Marvão
Todos nós podemos ver
Uma distância tamanha;
Dá muita consolação
A nossa vista estender
Pra Portugal, e Espanha!

Só as muralhas em si
São muito consideráveis
Pelas belezas que dão;
Como estás nunca vi
de todas incomparáveis
Nesta grande imensidão!

Freguesia da Aramenha
O celeiro do concelho
Com gente de boa laia;
Do alto daquela penha
Nós vemos como espelho
A velha Cidade de Amaia!

Tem vestígios
ao luar
Muita coisa enterrada
A pedir exploração;
Precisa de se explorar
Até ao Porto da Espada
Meu Concelho de Marvão!

Relembro com saudade
O primeiro cortejo de oferendas
Mostrando um grande espelho;
Gente com boa vontade
Deram o Dizimo das prendas
P'ro hospital do Concelho!

O Senhor António Cágado
Do lugar dos Cabeçudos
Deu um feixe de giestas;
Foi sem ser convidado
O velhinho que deu tudo
E foi das maiores ofertas!

Por onde ele ia passando
Ele ia sempre cantando
Num gesto de solidariedade;
Ai caridade, caridade toma-lá
Ai caridade, tomalá-dá-cá
Mas dado com lealdade!

Foi como aquela velhinha
Disse Jesus com amor
Esta pobre mulherzinha
Deu todo o seu valor
pois deu tudo quanto tinha;
Com duas moedas lá vinha
Jesus não deixou dizer
Ao seu povo com bons modos
Que aquela pobre mulher
Deu mais que os outros todos!

O comboio foi a Marvão
Partiu daquela estação
Foi ver o Castelo velhinho
Levou muito marujinho
Foi da Escola da Beirã
Com as vestes de Galã,
Subiu muito criançada
De Marinheiro engalanada
O Comboio na camionete
Cheio de muito cadete
Foi ver o nosso hospital
Em Marvão não há igual
Onde há tantos velhinhos
Que recebem os carinhos
E palavras de alegrias
Até ao fim dos seus dias!

Agora vai ser louvada
A terra onde nasci

Meu querido Porto da Espada
Deu trigo, milho, cevada
E batatas que eu bem vi!

Em questão de comidela
Muito azeite e muita lenha
Foi a freguesia da Aramenha
Quem deu a maior parcela!

A Escusa como é normal
Aquela gente honrada
Deu alimentos e muita cal
P'ra consertar o hospital!

Galegos e Ponte Velha
A Portagem e o Jardim
Deram cabra e ovelha
Nunca se viu coisa assim!

Santo António das Areias
Ali mesmo à sua Beira
Também deu boas teias
O Senhor João Nunes Sequeira!

Ali próximo do Arieiro
O Senhor Doutor Machado
Também deu algum dinheiro
E umas cabeças de gado!

Salvador e Alvarrões
Que deram tanto valor
Deram valor de milhões
Com caridade e amor!

Ainda há outros lugares
Do concelho de Marvão
Também deram aos milhões
Mostrando assim gratidão!

Tudo isto faz história
De Marvão nosso Concelho
"Que nos enche de Glória"
"Mirai-vos a este espelho"!!!

PATRÍCIOS DO PORTO DA ESPADA

Patrícios do Porto da Espada
A nossa terra Natal
Aldeia por nós amada
Por todos nós em geral!

Neste canto de Marvão
Do nosso querido concelho
É para nós grande espelho
Onde vimos o primeiro chão
Desde os anos que já lá vão
Muitos fomos pra outras paragens
Trazemos novas mensagens
A terra que nos criou
E quem de cá abalou
Da terra da nossa mocidade
Agora com muita saudade
Todos cá vamos voltando
Estamos agora lembrando
Amigos que hoje se uniram
E outros que já partiram
P'ra descansar da fadiga
A que o mundo nos obriga.
Venho assim agradecer
A quem trabalhou pra fazer
Este lar para os velhinhos
Que possam aqui ter carinhos
Porque bem merecidos são
P'ros trabalhadores de então
Que tanto suor largámos
Nos anos que cá trabalhámos!
Vou pedir aos homens válidos
Não fiquem parados nem pálidos
Queiram industrializar
Para cá se poder segurar
Os filhos das nossas raízes
E que sejam mais felizes
Que os nossos antepassados
Nesses tempos atrasados
De contrário este lugar
Desaparece ao luar!
Porto da Espada- Marvão

9-7-1993

ÓH! SENTINELA GENEROSA

As muralhas de Marvão
Pelos sóis enegrecidos
Sentinela da Nação
A guardar as nossas vidas!

Tão linda como és
De ares puros como são
Para o turista tu tens
As muralhas de Marvão!

Tens histórias
pra contar
Nos tempos estão perdidos
Tens belezas ao luar
Pelos sóis enegrecidos!

Quem te vier visitar
Alegra o seu coração
E vai ao mundo contar
Sentinela da Nação!

A tua vista formosa
No mundo é conhecida
Óh! Sentinela generosa
A guardar a nossa vida!

E nestas alturas
Estamos mais perto dos Céus
Admirando as formosuras
Só construídas por Deus!

Os teus ares dão saúde
A quem cá quiser morar
E vão cheios de virtude
Quem te vier visitar!

11-7-1993
Marvão, Porto da Espada

AS RAÍZES

J. P. Castanho

Naquela manhã estava eu sentado num recanto das muralhas, quase à entrada do castelo, quando me apercebi de que alguém caminhava em direcção a esse lugarzinho quadrado que, no meu entender, é o melhor ponto de vista sobre o casario de Marvão.

Efectivamente, vi aproximar-se um indivíduo ainda novo que, após um vago cumprimento de quem chega a um local isolado, se ficou a contemplar, extasiado, a paisagem maravilhosa, com a vila em frente; as serras espanholas de granito cinzento à esquerda, estendendo-se até ao limite do alcance da vista; e a zona sul verde-persistente a começar na Portagem e no Prado e a continuar na serra de S. Mamede.

Em dado momento, o meu companheiro fez uma pausa na contemplação e pediu-me um esclarecimento sobre certos locais da região.

Dei-lhe a explicação com muito gosto e continuámos a falar de Marvão. Da ideia de construir uma povoação no alto daquele morro, quase no fio da intersecção de duas encostas; da localização estratégica privilegiada em tempos da Idade Média; de uma paisagem de 360 graus, linda, diversificada, quase sem limites.

Depois, entrámos um pouco mais na intimidade. Soube que ele estava em Portugal como turista, vindo de Israel. Não cheguei a fazer qualquer comentário, porque o recente amigo judeu percebeu em mim qualquer pequena interrogação e adiantou-se a explicar:

- Como sabe, as minhas raízes originais estão na Terra de Israel, mas elas acabaram por se ramificar, em virtude da diáspora, até quase a todas as terras do mundo. E a tradição oral, que em nós sempre teve muito peso, tem-me dito que alguns dos meus antepassados viveram nesta região de Portugal, especialmente em Castelo de Vide e Marvão. Os meus avós, através dos seus avós e tetra-avós, falavam-me do modo de viver nestas terras e dos muitos vestígios que os judeus aqui deixaram.

O meu jovem amigo andava à procura de qualquer coisa que nem ele próprio sabia o quê. Documentos antigos, memórias, locais, nomes de pessoas, na tentativa de conseguir reconstruir alguma coisa do passado dos seus ancestrs. Era aquilo a que ele chamava as *ramificações das raízes*, porque as originais, sem sombra de dúvida, permaneciam

inteirinhas, após 20 séculos de ausência, na **Terra Prometida**.

Depois de tudo isto, acabei por oferecer-me para cicerone e mostrar-lhe o pouco que sabia e conhecia à cerca da estadia de judeus naquela zona. Haveria mais tarde de verificar que ele sabia muitas coisas sobre a permanência de judeus em Portugal; de como haviam sido expulsos daqui e se haviam refugiado na Holanda muitos deles; de como nasceram e se comportaram os *crístãos-novos* e de como estes se integraram (ou não?) na sociedade cristã.

Bom, mas agora o que interessava era ir visitar os vestígios da presença de judeus na região, para que o meu companheiro pudesse pelo menos sentir a existência das tais ramificações das suas raízes.

Descemos do tal cantinho quadrado no alto das muralhas e, passando junto ao jardim que outrora teria sido o lugar de um dos cemitérios da vila, convidei-o a entrar no Museu Municipal.

O que tinha para lhe mostrar não era muito, mas tratava-se de dois vestígios que ele haveria de apreciar.

Entrámos no Museu e comecei por lhe chamar a atenção para testemunhos da presença humana em tempos pré-históricos na zona de Marvão. Expliquei-lhe depois o valor e o interesse de algumas peças locais, mas ele não se mostrou muito entusiasmado.

O seu interesse aumentou, porém, extraordinariamente, quando passámos à colecção das cabeceiras de sepultura medievais, provenientes dos cemitérios da vila. E o seu coração estremeceu de comoção

quando, em duas delas, viu gravada a representação de duas menorot, ou candelabros de sete braços.

Para o seu entusiasmo e perante a ansiedade que trazia em encontrar vestígios da presença de judeus naquela região, não havia dúvidas de que aquelas cabeceiras de sepultura representavam a prova cabal daquilo que procurava. Ficou alguns momentos silencioso e imóvel, como se de uma veneração se tratasse.

Depois, entusiasmado com o achado, fez-me uma descrição pormenorizada do candelabro de sete braços, do seu significado e contou-me a dramática história do menorah do Templo de Salomão.

Pela minha parte, eu gostaria de lhe mostrar mais coisas de Marvão, mas não podia pôr-me a fantasiar. Seguimos assim para Castelo de Vide, onde certamente o meu companheiro exultaria de comoção.

Nesta vila, começámos por percorrer, com um certo pormenor, todo o bairro da Judiaria. Partimos da Fonte da Vila e fomos subindo vagarosamente as calçadas íngremes até à entrada do Castelo. De vez em quando, eu parava por momentos, não tanto para aliviar as pernas, mas principalmente para que, ao voltar-me para trás, pudesse apreciar a perspectiva, cada vez mais harmoniosa, composta pela Judiaria a descer; pela encosta oposta da vila; e pelas serras que se estendiam em frente, até se chegar ao famoso morro de Marvão, debruado com o branco do casario e o cinzento do castelo, mesmo no alto.

Mas o meu companheiro não estava agora muito interessado na contemplação da paisagem. Interessava-lhe mais observar as marcas e os testemunhos deixados pela

comunidade dos seus antepassados, entre os quais figuraria muito provavelmente algum dos seus avós em indeterminado grau de ascendência.

E, na realidade, vi-o emocionar-se ao ver uma rua com o nome de Mestre Jorge, ou ter conhecimento das referências a Garcia de Horta.

De vez em quando, ele parava em frente de portas ogivais decoradas com os símbolos profissionais e ficava de olhar fixo colado nas cantarias. Outras vezes procurava insistentemente identificar os locais das portas que limitavam o Bairro Judeu.

Mas o testemunho que mais o impressionou foi, como é natural, o da velha Sinagoga.

Eu devo confessar que, nessa altura, já tinha conhecimento das dúvidas que certos historiadores colocam hoje sobre a verdadeira função do edifício e das instalações adjacentes. Mas a verdade é que o meu companheiro tinha posto toda a sua fé no achado de vestígios do seu Povo, e então pensei que não seria "pecado" omitir-lhe aquelas dúvidas e deixá-lo emocionar-se livremente.

E foi assim que o vi estremecer de comoção ao entrar no edifício da Sinagoga pela porta dos homens, tocar no Tabernáculo com os seus próprios dedos e observar a fresta por onde as mulheres espreitavam os actos litúrgicos.

Depois de muitas observações minuciosas e de algumas conversas com os actuais residentes da Judiaria que nos contaram histórias (ou lendas?) muito antigas, voltámos a Marvão. Viemos pela estrada que, a seguir à Escusa, passa por debaixo do "túnel"

das árvores e rumámos depois à direita para que ele pudesse ver um pouco da paisagem de um Alentejo que quase já não é Alentejo e se apercebesse também de alguns vestígios deixados por outros povos que aqui viveram antes, ou até muito antes, dos seus antepassados.

Por fim, voltámos atrás para subir a Marvão, e no caminho fui-lhe pedindo que me contasse histórias antigas da sua terra; e como se iniciara a diáspora; e de como, ao fim de dois mil anos, os judeus tinham regressado à Terra de Canaã.

Mas ele pouco me disse. Convidou-me a visitar a sua terra e a descobrir por mim próprio os contrastes de um povo que paira entre as regras sagradas de um mundo remoto e as de um mundo novo integrado no futuro.

Assim aconteceu. Visitei pormenorizadamente a Galileia, a Samaria, a Judeia. Às vezes detinha-me longamente a meditar no que via e nos acontecimentos que ali se teriam passado; outras vezes fazia uma passagem fugidia pelas terras e pelos sítios e retinha uma imagem que sintetizava, como um instantâneo fotográfico, o sentimento que havia experimentado.

Daquela amálgama de sensações, de reflexões, de contrastes, nasceram-me duas posições que, ao voltar a Portugal, tentei transmitir à minha maneira. Chamei-lhes "Meditações" e "Instantâneos" e enviei-as ao Daniel Mevorach para que ele os comentasse.

Entretanto, e para terminar a minha história de hoje, fica aqui uma amostra dos vários passos que constituem as "Meditações" e os "Instantâneos".¹

2. ENCRUZILHADA

MEDITAÇÕES

1. ENCRUZILHADA

Aqui chegam e de aqui partem
Tantas e tantas rotas do mundo.

Para o Oriente se vai
Às terras milenárias
Da profunda sabedoria
E de onde vêm as trevas
E a luz do dia.

Para o Sul
Está a misteriosa África
Dos feitiços
E das florestas virgens
A rebentar de seiva.

E para o outro lado se vai ao Ocidente
Moderno
Tecnológico
Atómico
Ao Ocidente dos homens-feitos máquinas
Onde é difícil distinguir
Entre o Bem e o Mal
Entre a Vida e a Morte
Entre o Tudo e o Nada.

Nesta encruzilhada de caminhos
Que rota hei-de tomar?

Não sei, fico indeciso.
Por vezes penso em partir
Mas sempre cruzo os braços e me fico
Entregue ao que de mim quiser a sorte.

O melhor será lançar o corpo ao vento
E deixar que o vento me transporte.

Cinco vezes por dia
Ande-nos a alma cá dentro ou lá por fora
Chega do alto do minarete-farol
Uma ordem-convite
À submissão.

Eu fico imóvel
E indeciso ponho os olhos no chão.

Do outro lado da muralha
Há um que passa a ler em voz alta
A Lei que no deserto lhe ditaram.
E passa outro assegurando que esta é a Terra
Prometida
E este é o Povo Eleito.
E passa Rute
A falar de uma misericórdia que não é dos
homens.
E passam os Juízes, os Reis e os Profetas
E contam como tudo aconteceu.

Eu fico indeciso
E ponho os olhos no céu.

Lá no alto do Gólgota
Jaz Outro
Que afirmava
Vir trazer a Boa-Nova
E Ele ser a Mensagem, a Vida, a Salvação.
E que chamava bem-aventurados
Aos pobres de espírito
Aos que choravam
Aos que sofriam
E a eles prometia luz.

Eu fico mais uma vez indeciso
E ponho os olhos na Cruz.

Dentro desta encruzilhada
De apelos tão fortes
Debilmente e de mansinho
Vou procurando um caminho.

3. SHABAT

Shabat.
Silêncio. Silêncio profundo.
Parece que tudo voltou ao Princípio
E dir-se-ia que está para nascer o Mundo.

As almas recolhem-se dentro de si mesmas
Num êxtase de meditação,
Como se um peso de há séculos
Lhes oprimisse o coração.

Silêncio. Silêncio profundo.
Nem vozes lá fora
Nem ruídos de um carro
Nem sequer
O fumo de um cigarro.

E nos rostos
Uma expectativa
Uma ansiedade mal contida
Como se perguntassem a si próprios
Se esta é realmente
A Terra Prometida.

4. NO CENÁCULO

A Ceia
Findara
Há tantas noites já.

A mesa
Fora levantada
E transformada em mastros
Que agora estariam
Num alto qualquer
A reflectir os astros.

Mas não haveria
Ainda
No chão
Alguma migalha de Pão
Que ali tivesse
Ficado esquecida
Naquela noite sem par?

Com que ânsia eu procurei
Os restos dessa migalha
Sem os poder encontrar!

5. REGRESSO À TERRA

Partiram os filhos
Por caminhos ásperos e medonhos
Carregados de angústias e de medos
Mas também de sonhos.

E a terra-mãe ficou
Sozinha
Sem luz de sol para lhe dar carinho
E sem água fresca que lhe refrescasse a sede.

E tudo assim permaneceu
No silêncio da paisagem magoada.

Até que um dia
(Passavam já séculos
Que os filhos tinham partido
Nessa aventura estranha e rara)
A mãe sentiu
Ou pressentiu
Que qualquer coisa de novo se passara.

Os passos que a pisavam
E as enxadas
Que agora a revolviavam
Não magoavam
Não doíam
Mais pareciam
Uma carícia que viesse
Lá dos tempos ancestrais.

E quando a terra percebeu
Que eram os filhos voltando
Ela
Ressequida
Exausta
Sem nada ter para eles
Num desespero de Mãe
Rasgou as próprias entranhas
Para lhes dar de comer.

Desde então
O deserto floriu
E as árvores começaram a crescer,

INSTANTÂNEOS

1. DOZE TRIBOS

Doze foram as tribos de Israel
Unidas, desunidas
Pelo Bem e pelo Mal.

Doze são os destinos dos homens
Que os astros comandam
Em lucidez e loucura.

Doze não-de ser tantas e tantas coisas
Pétalas de flores, néctares de frutos, viagens
de vagabundos
Todos ligados
Por uma algema comum.

(Enquanto o sonho de tanta gente
É apenas um).

2. MURO DAS LAMENTAÇÕES

Na total destruição do Templo
Ficaram apenas
Os vazios de algumas pedras sobre pedras
Para guarda
De lamentações
De preces e de ofertas
E de uma promessa ancestral
Na duração do tempo total.

3. MASSADA

Não foi o medo de um fusilamento
Ao romper da aurora,
Nem o receio de uma tortura
Por génios do Mal.

Foi o repúdio de uma desonra
(Seria desonra?)
Que os levou a não gritar
E a escolher
A maneira mais difícil de morrer.

4. PORTA DOURADA

Morreram
E de olhos ainda embaciados pela sofreguidão
Pediram sepultura
No Monte das Oliveiras
Na ânsia de serem os primeiros
Quando o Messias chegasse
Liberto da Morte.

Mas na confusão
Esqueceram-se do passaporte.

5. TEL-AVIV

No local da lixeira antiga
Nasceu uma praia transparente
De grãos de areia a brilhar ao sol
E contendo cada um na sua capa
Um sonho de suor lavado pelo mar.

(Quando acontece
Que por esse mundo todo
Pérolas doiradas pelo rebentar da madrugada
Se transforma em lodo).

6. RIO JORDÃO

Exultou de alegria
E deixou que passassem a pé enxuto
Os sonhadores da Aliança.

Depois purificou-se
E o baptismo pela água
Abriu os Céus e o Espírito.

Agora
Alheio e indiferente
Ao choro dos canhões
Na planície ressequida
Corre sem alegria
A caminho de um mar sem vida.

7. MIGDAL

Com astros nos olhos
E paixão na alma
Os jovens do kibutz
Deixaram o prado verdejante
E desceram o vale de Arbel
Pelas escadas do tempo.

Foram a Migdal
Convidar
Maria Madalena a subir o vale
E a ficar com eles no kibutz
Sem vergonha do sol, das flores, nem da lua.

8. LÁZARO

Marta vagueou inutilmente
Pela paisagem sem astros e sem anjos,
E sofregamente
Desperdiçou
a vida inteira
À procura de um lume que não ardia.

Marta, a irmã
de Lázaro e de Maria.

9. NAIM

Vieram pela estrada da Nazaré
Com os olhos secos pela poeira
Até chegarem exaustas a Naim.

Todas traziam no peito
A mesma esperança
De ressuscitar
Nos filhos que se tinham enterrado nas
grutas dos vales
A antiga alegria de subirem até às
montanhas
E de voltarem a respirar o perfume das
flores silvestres.

¹ Nota: O Roteiro de Castelo de Vide foi inspirado num artigo da doutora Carmen Balesteros.

JOAQUIM ANTÓNIO MIRANDA

Recolha de José Garraio Afonso

Joaquim António Miranda, mais conhecido por Joaquim do Valado, natural do Valado-Alvarrões, é o autor destes versos, recolhidos por José Garraio Afonso, devido a este não saber ler nem escrever. José Garraio, afirma na sua carta enviada: (...) "Este material foi-me entregue numa cassette, que eu passei à máquina, naturalmente que lhe falta a entoação e aquele jeito peculiar de dizer as palavras, que lhe confere sempre graça e originalidade. Trata-se de poesia produzida por um homem simples, com uma memória e imaginação brilhantes, que poderia ter criado/escrito coisas maravilhosas, mas que como tanta gente do nosso meio rural, a vida do campo e a desabituação da leitura não permitem a utilização de uma linguagem mais erudita e uma rima mais perfeita, mas que pela sua singularidade eu considero interessante passar à posteridade através da revista cultural do concelho. (...)

O MEU CARRO

Tenho o carro avariado
 Eu já não posso correr
 Tenho que andar devagar
 Não sei que lhe hei-de fazer

I

Tenho que ter muito cuidado
 Com certas travessias
 Tenho o volante empenado
 E as rodas andam vazias
 Ainda aqui há poucos dias
 Eu me vi envergonhado
 Passei por umas meninas
 Até fiquei chateado
 Não lhes pude dar boleia
 Tenho o carro avariado

II

O carro é muito antigo
 Leva o tempo na oficina
 Já não recebe as mudanças
 E gasta muita gasolina
 Até já tenho pensado
 Às vezes em no vender
 Mas anda tão abandonado
 Que já ninguém o deve querer
 Já me vejo aborrecido
 Eu já não posso correr

III

Já vai sempre aos zig-zags
 Quando o ponho em qualquer estrada
 Vou sempre a olhar para o espelho
 Não leve alguma panada
 Tenho a vida estragada
 E outro não posso comprar
 Farto-me de dar à manivela
 E ele não quer trabalhar
 Já não tenho outro remédio
 Tenho que andar devagar

IV

A Buzina já não toca
 Tem a palheta estragada
 A vela não dá faísca
 Isto já não vale nada
 A bateria descarregada
 Às vezes dá uma arrancada
 Quando começa a aquecer
 Mas vai-se logo abaixo
 Não sei que lhe hei-de fazer

A INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉCTRICA, NO LUGAR DA GRANGUEIRA

Eu já estou velho e cansado
Farto de tanta bebedeira
Depois de tanto tombo ter dado
É que veio a luz para a Grangeira

I
Já pouco me pode valer
Tenho a vida com pouca dura
Já estou farto de sofrer
Por aí com tanta noite escura
Vou para as Carreiras passar uns serões
Venho de lá embriagado
Se vou aos Alvarrões
Regresso no mesmo estado
Tenho que me deixar de paródias
Eu já estou velho e cansado

II
Mas já vi que isto melhora
Já tenho luz no caminho
Se não era mesmo agora
Que me deixava de beber vinho
Com os amigos me tenho enredado
Por aí em qualquer petisqueira
E até a cantar o fado
Se passa uma noite inteira
Já me vejo aborrecido
Farto de tanta bebedeira

III
Foi na noite de Natal
Que eu vinha bebedo como um cacho
Fui a entrar a um portado
Caí dum arrife para baixo
O que vale é que ninguém viu
Se não ficava envergonhado
Mas ainda Deus me acudiu
Que não fiquei magoado
E não vale a pena emendar-me
Depois de tanto tombo ter dado

IV
As Mulheres só sabem dizer
Que a gente se mete nos copos
Mas elas também deviam de beber
Para ver o que a gente sofre
Fazem pouco da desgraça
E não admitem brincadeiras
Se elas soubessem o que a gente passa
Tratavam-nos de outra maneira
Depois de dar tanta palhaça
É que veio a luz para a Grangeira

À AGRICULTURA

A agricultura está morta
Desgraçado do produtor
É de onde tudo come
E ninguém lhe dá o valor

I

A mão de obra tem subido
E os adubos cada vez mais
A ferragem e o gasóleo
Só não sobem os cereais
O produtor vai andando
Mas sempre com a vida torta
Por vezes só a desgraça
É que lhe vai bater à porta
Isto não tem solução
A agricultura está morta

II

Já todos sabem dizer
Que não vale a pena semear
Está tudo tão barato
Que dá mais a conta comprar
Já ninguém quer trabalhar
Mas tudo quer ser senhor
Há tanta gente a mandar
Sem apanhar frio nem calor
E quem é que tem que pagar
Desgraçado do produtor

III

Não se pode semear trigo
Nem cevada nem aveia
As batatas estão de rastos
Já ninguém lhe liga meia
Está tudo com a barriga cheia
Ainda pode vir a fome
A vida está muito feia
Quem tem encargos não dorme
E agora ninguém semeia
É de onde tudo come

IV

As máquinas estão encerradas
Aí por esses casões
Também já foram queimadas
Com impostos e contribuições
Tem que haver seguro e caixa
Para qualquer trabalhador
Há tanto vadio de baixa
Sem a mais pequena dor
Isto é uma desgraça
E ninguém lhe dá valor

A HISTÓRIA DA MINHA VIDA

Eu nasci nos Alvarrões
 Ali no sítio do Valado
 Da freguesia de Aramenha
 Onde fui Baptizado

I
 Aos seis anos fui à escola
 Para casa de uma costureira
 Ensinou-me a guardar perús
 Para não lhe comerem a passeira
 Aos oito anos fui para a Portagem
 Aprender umas lições
 Aí tive outras vantagens
 Deram-me outras instruções
 E sempre me hei-de lembrar
 Eu nasci nos Alvarrões

II
 Aos catorze comecei a lavar
 A ganhar vinte cinco tostões
 Com uma junta de vacas
 Na tapada dos feijões
 Aos dezoito anos já namorava
 Já ia para qualquer lado
 Às festas e aos arraiais
 E até cantava o fado
 E toda a gente me conhecia
 Ali no sítio do Valado

III
 Aos vinte fui tirar sortes
 Aos vinte e um servi o Estado
 Aos vinte e dois larguei a farda
 Aos vinte e quatro estava casado
 Comecei a minha vida
 A negociar com a Espanha
 E para não ser apanhado
 Eu já tinha arte e manha
 Mas sempre dizia que era
 Da freguesia de Aramenha

IV
 Depois meti-me agricultor
 Aí é que me ardeu a tenda
 Se ia pagar adubos
 Não tinha dinheiro para a renda
 Andava sempre à tabela
 Outras vezes atrasado
 Semeei muita courela
 Nunca tive resultado
 Mas ainda me lembro bem
 Onde fui baptizado

AOS TABERNEIROS DAS CARREIRAS

Os taberneiros cá do povo
São todos do meu agrado
eu sinto-me satisfeito
Aí é que estou encravado

I
Quando vou à rua abaixo
Vejo tudo num recreio
Vou passar à do moleiro
Para ver se tenho correio
Daí volto à rua acima
Eu também sou de bom provo
Vejo o Mateus da Catarina
E ali conversamos de novo
Eu quero cumprimentar
Os taberneiros cá do povo

II
Não me quero embebedar
Que é um costume ruim
Mas também não posso passar
Sem entrar na do Crispim
Não posso subir a ladeira
Se levo o carro carregado
Vou passar à do Sobreira
E ali descanso um bocado
O que é que hei-de fazer
São todos do meu agrado

III
Se ainda me tenho de pé
E me sinto com genica
Ainda vou passar ao Café
E lá bebo uma bica
Cumprimento-os a todos
Com o máximo respeito
E para não haver que dizer
Levo-os todos a eito
E se tudo me corre bem
Eu sinto-me satisfeito

IV
Daí abalo para casa
Já armado em borrachão
Quando passo ao relógio
Nem vejo que horas são
Vou de valeta a valeta
Já um pouco embriagado
Se oiço cantar corujas
Temos o tempo mudado
Chego à Barroca sem luzes
Aí é que estou encravado

ÀS ROSAS DOS ALVARRÕES

Os Alvarrões é um Jardim
 Tem rosas em todo o lado
 Só o que vejo são rosas
 Por onde quer que tenho passado

I
 Passo pela do Moedas
 Vejo a rosa que ele tem
 O Julião esse tem duas
 Que é a mulher e a mãe
 Vou passar ao do Batista
 Duas rosas vejo ali
 É a nora e a mulher
 As rosas não tem fim
 Isto é a coisa mais linda
 Os Alvarrões é um Jardim

II
 Passo pelas Oliveiras
 Vejo a rosa justa em paz
 Vou passar ao Monte Novo
 Vejo a rosa do Tomás
 Vou passar aos Tojais
 Que fica logo ali ao lado
 O Elias também tem uma
 E ele é que a tem criado
 Isto é a coisa mais linda
 Tem rosas em todo o lado

III
 Vou passar pelos Carris
 Onde o sol tanto brilha
 O João Pinto também tem duas
 Que é a mulher e a filha
 Venho direito à Ribeirinha
 Onde estão as mais formosas
 A rosa Barbas e a do Paulos
 Essas são as mais jeitosas
 Vou direito ao do João Maria
 Só o que vejo são rosas

IV
 Eu sempre gostei de rosas
 Sempre de rosas gostei
 O Rodrigues também tem uma
 E fui eu que a baptizei
 Está a rosa do Medina
 E a do Barbacena ali ao lado
 Mas essas já estão impróprias
 Para serem postas no mercado
 Só o que vejo são rosas
 Por onde quer que tenho passado

OS NETOS

Eu já tenho sete netos
Para mim são todos iguais
Eu é que não sei dizer
A qual deles quero mais

I

São todos do meu coração
São plantas deliciosas
Para mim é como que são
Dois cravos e cinco rosas
Com eles me entretenho
E são todos dos meus afectos
E o maior gosto que tenho
É vê-los todos completos
E com esta idade que tenho
Eu já tenho sete netos

II

Tenho um Joaquim Elias
E tenho uma Rosa Maria
De que sou avô e padrinho
Com prazer e alegria
Sou muito vosso amigo
E cada vez vos quero mais
Reparem no que vos digo
Que são palavras reais
Do mais velho ao mais novo
Para mim são todos iguais

III

Tenho uma Maria João
E uma Madalena Maria
Tenho uma Natália José
E também uma Ana Luzía
O Vitor, coitadinho
Ainda pouco sabe dizer
E como é o mais novinho
Todos gostam de o ver
Pelo qual tenho mais amor
Eu é que não sei dizer

IV

Eu já me encontro sozinho
Ao cantinho do meu lar
Mas todos me dão alegria
Quando os vejo chegar
Façam sempre boas obras
E sejam amigos leais
É o desejo do vosso avô
E também dos vossos pais
Do maior ao mais pequeno
A qual deles quero mais

CANÇÃO DAS REVELADAS

JOSÉ CONDE

Entre montes deserdados
Nas paragens mais secretas
há lugares ignorados
e pessoas bem discretas
tal como um tesouro oculto
e as humildes violetas,
vivem longe do tumulto
e daquelas bravas setas
que perversos e dementes
lançam contra os inocentes.

Destes sítios desprezados,
com pessoas deste jeito,
em geral considerados
no mais ínfimo conceito,
eu sei de um, que conheci
em puro deslumbramento,
e por isso decidi
espalhar seu nome ao vento;
de entre as terras nomeadas
revelei as Reveladas

Revelei as Reveladas
àqueles que lá não vão
elas ficam situadas
quase ao fundo do fundão
entre o cum' mais altaneiro
e o morro de Marvão;
de ambos lados um ribeiro
vai entoando uma canção,
e ali mesmo os dois se abraçam
e um comum destinam traçam.

Um tem Gáfete por nome
o outro, Saramagal;
nunca a água ali se some
nem na época estival;
ela corre, brinca e salta
ou nas pedras ou no areal;
doces fontes de água d'alta
qualidade natural
lá derramam sua prata
que a todos a sede mata.

Revelei as Reveladas
aos que passam distraídos,
as suas brandas cumeadas
de piornos floridos,
de xaras brancas, noivadas
com os suaves rosmaninhos:
rude e belo de mãos dadas,
revelei as Reveladas.

Revelei as Reveladas
onde os ares são mais puros,
com ruelas empinadas
e de xisto negros muros,
lares toscos e rasteiros
com beirais de telha moura,
e por cima dos ribeiros, que o calor
da tarde doura,
duas pontes sobre as mágoas
soluçadas pelas águas.

Pontes dignas de uma trova,
filhas de um engenho certo;
uma é velha, a outra é nova
como tenho descoberto;
é grande arte abrir um arco
só com lajes laminadas
sem apoio de algum marco
ou colunas adossadas!
Rudes arcos, com verdura,
rescendentes a frescura!

E na azenha do ti Coitas
roda-ronda roda-ronda
as mós brancas, sempre afoitas,
roda-ronda roda-ronda
vão moendo o grão do Moitas,
vai gemendo o tangedeiro,
roda-ronda roda-ronda
roda-ronda à roda do moleiro
roda-ronda roda-ronda
roda-ronda roda-ronda...

Ti Raúl do Barrieiro
toda a vida a labutar!
És um camponês inteiro
que não paro de admirar.
Se o cruel e vil barqueiro
te quiser vir embarcar
naquele último cruzeiro...
ai como vou morrer primeiro
ti Raúl do Barrieiro...

Ti Raúl e ti Maria
são o orgulho duma raça;
o trabalho e a valentia
seu brasão de velha traça;
há mais pura fidalguia
que ser bom, honesto e forte?
Pode haver mor alegria
do que ter a terra em sorte?
São verdades declaradas:
revelei as Reveladas

Morre o sol. As aves calam-se.
E dos montes silenciosos
no céu calmo e doce exalam-se
perfumes misteriosos.
A água clara da levada
e as mós brancas dos moleiros
cantam alto, à desgarrada,
com o canto dos ribeiros:
- roda-ronda roda-ronda
- pinga-tomba pinga-tomba...

Já na fímbria do horizonte
O pintor anda a pintar;
a cabrada desce o monte
num cansado chocalhar;
com seu manto a noite escura
tudo vai aconchegar;
a magia está madura
nesta hora de sonhar!
Ambições...visões aladas...
Revelei as Reveladas.

Portalegre, 19 de Junho de 1993

gente nossa

EM MEMÓRIA DE MANUEL NUNES CEBOLAS

Recentemente, perdeu a Revista Cultural do Concelho de Marvão, Ibn Máruan, um dos seus colaboradores desde a primeira hora. O Sr Manuel Nunes Cebolas não estará já connosco quando for publicado o 4º número da Revista.

No entanto, a sua memória perdurará pela mão da poesia que lhe ia na alma, e que o papel teimou em guardar. No mesmo espaço em que o poeta nos abriu o seu sentir, fica a homenagem simples dos que tiveram o prazer de com ele compartilhar a mesma emoção de criar pela palavra.

Da nossa habitual colaboradora, D. Maria Olívia Diniz Sampaio, recebemos um texto assinado por Mário Elias no qual se traça uma breve biografia do poeta. Junta-se a este, uma caricatura de Manuel Nunes Cebolas também assinada por Mário Elias. A finalizar este conjunto, é ainda a voz já longínqua de Manuel Nunes Cebolas, que com a simplicidade que caracterizava a sua produção poética, canta a sua terra natal. O poema, intitulado "Portagem" foi retirado do livro "Projeção" e seleccionado por Maria Olívia Diniz Sampaio.

O Conselho de Redacção



O Poeta Manuel Cebolas , visto por Mário Elias

CONSIDERAÇÕES SOBRE O POETA E PROSADOR MANUEL NUNES CEBOLAS

MANUEL NUNES CEBOLAS, é um poeta e prosador alentejano que tem dedicado todo o seu empenho literário à sua terra transtagana que o viu nascer, fazendo do Alentejo o centro das suas particulares atenções, enquadrando nos seus temas o seu forte apego sobretudo ao concelho de Marvão, transmitindo em imagens as potencialidades do seu estilo verdadeiramente criador.

Nascido no seu lugar da Portagem, concelho de Marvão em 1928, MANUEL NUNES CEBOLAS tem revelado, com efeito, as suas exímias qualidades como jornalista, poeta, contista e cronista atestado na numerosa colaboração dispersa em vários jornais e revistas difundidas fora e dentro do Alentejo, como por exemplo, "Diário Popular"; "Gazeta do Sul"; "Notícias do Cartaxo"; "Flama"; "Ecos de Belém"; "Rabeca"; "Jornal de Sintra"; "Notícia", de Luanda, Revista "Ibn Máruán"; "Fonte Nova"; "O Pregão" e no "Boletim Cultural do Círculo Nacional D'Arte e Poesia".

Publicou em 1991 um livro de poesia intitulado "PROJECCÃO", onde transpõe a sua força íntima como poeta, por vezes impregnada de um profundo sentimento filosófico. Assim cita num pensamento inserido numa das páginas do livro:

"Desenvolve e valoriza os teus conhecimentos.

O valor moral de um povo avalia-se pelo grau da sua cultura"

MANUEL NUNES CEBOLAS foi furiel militar. Hoje é reformado dos Caminhos de Ferro. É autodidacta, possuindo apenas o 2º grau da escola primária. Tem uma profunda

admiração pelos poetas do passado, como por exemplo, Augusto Gil, João de Deus e Tomás Ribeiro. Na faceta mais jovem admira em especial Eugénio de Andrade, Miguel Trigueiros, Miguel Torga, José Régio, Florbela Espanca e David Mourão-Ferreira.

Mário Elias*

* Mário Elias- Pintor, Caricaturista, Jornalista, Escritor, natural de Mértola. Autor dos livros "O Drama de Mercedes Blasco" e "Estudos Literários sobre Mértola e seu Concelho".

PORTAGEM

A minha terra é esta:
Nem princesa, nem rainha.
Reconheço que é modesta
Mas, é minha, sempre minha!

Portagem não é cidade,
Nem vila lhe chamarão...
É um "facho" de saudade
Dos filhos, que longe estão.

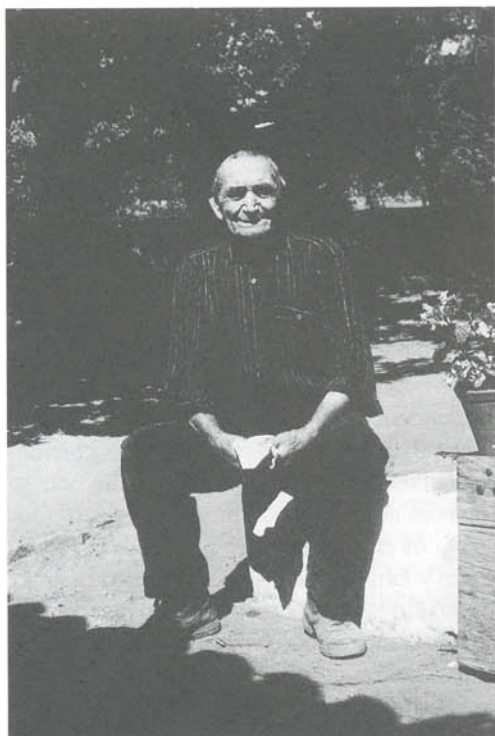
Portagem, belo jardim,
Regalo dos olhos meus.
És adorada por mim
E abençoada por Deus!

Portagem, torrão sagrado,
Oh! meu querido rincão!
Vives aqui, bem guardado
Dentro do meu coração.

Manuel Nunes Cebolas

TEOFA DA ESCUSA, MÚSICO

Manuel Ramiro Salgueiro



1- NOTA QUASE INÚTIL

Não vamos fazer a apologia do músico em si, do modo como a música nasce no espírito do compositor e do intérprete, não vamos divagar acerca da origem da música, porque não temos capacidade para isso, mas

apenas o que pode considerar-se em alguém a tendência natural para a música, essa característica de cada um de nós, conseqüentemente ainda mais de alguém que tem consciência disso, como é aquele ou aquela que tem consciência da sonoridade e do ritmo da linguagem, e que por isso a utiliza para expressar ideias e sentimentos.

Depois de descoberta, sempre a palavra andou magicamente ligada à música, como som e como ritmo. A mesma linguagem humana, em si, já é música, por isso mesmo. O poeta, no sentido mais geral do termo, isto é, o comunicador, não faz mais do que descobrir esta faceta real da linguagem, simbolizá-la pela voz e pela escrita e não só. Quando se desdobra em músico, faz precisamente o mesmo, embora abstraia do significado corrente dos sons, aprofunde a sua simbologia, retome depois o som em si, escolha e associe as formas dele que lhe parecem mais apropriadas para realizar o fim que tem em vista, segundo a sua própria ideologia e mundividência, agora enriquecendo de novos significantes e significados uma construção, que só a sensibilidade pode discernir, para comunicar à razão a novidade, construção que então é apresentada como diferente, ao destinatário em geral.

Vêm estas considerações a propósito das múltiplas musiquinhas que muitos de nós, senão todos, andamos sempre a cantarolar dentro do sentido, do gozo que sentimos quando ouvimos cantar ou tirar sons agradáveis dum instrumento, por muito rudimentar que seja, do uso que todos fazemos dum modo especial de comunicação sonora chamado canto, toque, barulho, para exteriorizar o que nos vai na alma. Só assim se pode explicar a tendência de alguns para, a partir destas fontes inesgotáveis, construir algo que lhes parece melhor, isto é, digno de ser apresentado a outro, com a convicção de que esse outro vai gostar. E temos o músico na sua origem. É aqui mesmo que situamos o Teofa.

Ele nunca soube ler ao ponto de perceber o que lia. É ele próprio quem o afirma no enunciado curricular que lhe pedimos que nos ditasse num dia qualquer em que conversámos.

“Começo a vida. Comecei a ir para a escola com oito anos de idade. (...) Uma cartilha que custava um vintém, a qual andei com ela durante todo o tempo da escola. Assim que dei em ser maiorzinho dei em fugir. Ficava pelos campos, metido pelos tocos dos castanheiros, comia a merendazinha e escola nada. Dizia o professor que eu era um bom aluno, mas a ideia não me puxava, e então mais tarde, que essa cartilha já não tinha ponta por onde se lhe pegue, pedi aos meus pais para me comprarem um livro que custava três tostões. Eles, para não gastarem esses três tostões, tiraram-me da escola. Puseram-me a guardar cabras, de pata descalça, assim como se tinha passado o tempo atrasado da escola”.

Durante o tempo que conversávamos, verificámos nós que ele sentia um desejo

menso de recuperar o tempo perdido, embora estivesse ciente de que isso era impossível. Conhecia algumas letras do alfabeto, mas não as juntava. Ninguém vai supor que tivesse qualquer notícia de teoria e construção musical. O Teofa apenas pôs em prática uma tendência natural de todos nós, a de ouvir o *espírito da música* na Natureza e nele mesmo, para depois deixá-lo transparecer através da sua habilidade congénita. Digamos que ele é daqueles poucos que têm coragem. A maior parte de nós temos intuições muito semelhantes mas tememo-las, sobretudo porque tememos os outros, ao ponto de praticamente não nos deixarmos solicitar por elas. Ele discerniu e usou porque viu que merecia a pena. Teve coragem, dizemos nós, porque ultrapassou os mal-entendidos da aculturação, a qual tem infelizmente o hábito de relevar para outro plano esta tendência natural, tornando-a apenas própria de muito poucos, que, na origem, não são diferentes de ninguém, simplesmente são sujeitos a doses suporíferas de informação. Se se sujeitam e respondem, são os deuses perante os quais se verga a nesciência geral. Se não se sujeitam e respondem a seu modo, de modo atrabiliário e contestador, são demónios que convém abater relegando para o inferno. Se não se sujeitam nem respondem, são pobres diabos indignos de merecimento, que se apagam como vilões na mediania ou abaixo dela. O Teofa não foi solicitado pelo *statu quo* cultural erudito como acabamos de ver. Não se sujeitou à mediania cultural do seu meio, e respondeu positivamente à sua intuição natural, sem medo de qualquer censura de *formiga*, essencialmente dominada pelo senso prático, ou de *cigarra* demasiado convencida. As primeiras são as mais convencidas no meio rural e costumam mascarar-se com o hábito das outras:

Cala-te daí, boca aberta,
Que tu não sabes cantar.
Tens uma cova na língua
Onde os gatos vão mijar ⁽¹⁾

Reagindo a esta censura sempre presente, criou o Teofa quatro peçazinhas musicais que aqui apresentamos e, naturalmente, muitas outras que esqueceu. Ou talvez não. Construir uma letra de memória do tamanho de **A Carrera**, aplicar-lhe uma música de memória, e aguardar ambas para sempre, é tarefa sobejamente difícil. É por isso que o poeta rural raramente cria música, servindo-se da já existente. Há de facto muita música rural, mas esta não surge de poucos, é uma aquisição múltipla na qual a contribuição individual é mínima. Lembramos aqui as inúmeras *modas novas* que circularam e circulam, cada uma na sua época, dentro de um determinado espaço, e logo se tornam *modas velhas*, ao serem substituídas por outras.

Na altura em que nós recolhemos estas peçazinhas musicais da boca do músico e poeta, também ainda não tínhamos coragem. Um esgotamento nervoso persistente arrasava-nos a vida. Encetávamos também nós os primeiros passos poéticos, como criança que faz tem-tem e precisa dum braço amigo para se apoiar. Também neste aspecto o nosso encontro com o Teofa, cheio de coragem e terrivelmente doente, tanto nos serviu que, até quase servilmente, o imitámos. Sabíamos muito pouco de música para levar a cabo esta tarefa. Mas ainda maior era a falta de coragem que nos dominava. Seguindo, porém, o exemplo deste lutador tentámos. Houve dificuldades de parte a parte. Da parte dele, a velhice, a horrorosa doença. Já quase não entoava. A asma nervosa atacava-o ferozmente que quase desfalecia na nossa presença, sem sabermos nós que meios oferecer para aliviá-lo. Da nossa

parte, além da falta de coragem havia a falta de prática de transcrição, porque nunca nos tinha passado pela cabeça virmos um dia a escrever música. Não tínhamos nessa altura um gravador, tão útil para tarefas deste género.

Conseguimos ambos, na medida do possível, erguer as quatro pequenas melodias, que, afinal, não são mais do que outros tantos exemplos da música que faz o povo rural: peças curtas, simples, mais ou menos para serem acompanhadas com acordes de primeira e de segunda geralmente descontraídos, se houver instrumento para isso, menos vezes ou nunca com acordes de terceira, a maior parte das vezes para serem pura e simplesmente entoadas pelo instrumento verdadeiramente universal, que é a voz. Foi para este instrumento que o Teofa compôs as suas músicas.

A memória falhava-lhe também para as letras. Todos os versos, isto é, composições poéticas plasmadas em música, estão truncados, segundo ele mesmo nos disse, à excepção de **A Carrera**. E este só não saiu incompleto, porque o Senhor Professor Casanova, ele ou por interposta pessoa, teve a bondade de o pôr por escrito, porque, senão, até este ficaria irremediavelmente perdido ou, pelo menos, imperfeito no seu tamanho. Fomos ambos de propósito às Carreiras, no carro dum nosso familiar a quem agradecemos, falar com o então já muito velhinho casal Casanova e reaver o poema, no sentido de um dia vir a ser publicado, embora intimamente nós não tivéssemos ainda a esperança de que isso alguma vez acontecesse. Daqui agradecemos ao bondoso casal, embora postumamente.

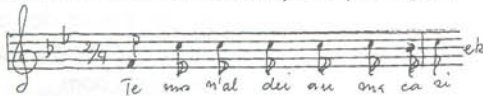
Não vamos tecer considerações especiais nem acerca da música nem acerca dos poemas. Temos em mente apenas dar a conhecer uma faceta pouco conhecida do Teofa, a de compositor, apesar do bom

cantador que ele era. Pedimos desculpa aos curiosos por este género de coisas não podermos apresentar transcrita a pronúncia real do poeta nos seus poemas aqui transcritos. Lembramos alguns dos seus modos de fala que aplicamos e pouco mais. Mas o resto fá-lo-ão os foneticistas melhor, muito melhor do que nós. A transcrição do verso **À Carrera**, proporcionada pelo senhor Casanova, foge completamente a este ensejo. Por isso o não aproveitamos, embora o demos a conhecer como curiosidade e modelo de letra redonda, característica de menino da instrução primária.

Pedimos desculpa à memória do poeta músico, se não conseguimos traduzir realmente os sons todos que ele nos ditou. Acreditamos que não estamos longe do que ele realmente criou. Deixamos pelo menos mais um ensejo de recordar-lhe a existência estranha que levou, compreendido por uns e escarnecido por outros. Mas o seu drama, esse levou-o ele consigo. Só o disse indirectamente através da asma nervosa que realmente o veio a sufocar.

À Carrera e Há na aldeia uma casinha são composições irmãs que dependem dum mesmo arquétipo. Um ouvido medianamente esclarecido nota isso imediatamente. Este arquétipo foi um fado que ele ouviu cantar a alguém em Alpalhão. Foi ele mesmo que no lo disse. As duas canções são a *modificação* daquele arquétipo. Seria bom encontrar o arquétipo e compará-lo com estes dois epígonos.

Quanto à música da segunda composição pôs-se-nos a dúvida quanto ao seu início. Não sabemos ao certo se a variante apresentada como legítima não poderia ser ou deveria ser substituída pela que segue.



Já falámos das dificuldades que tivemos para fazer as transcrições musicais. Em nosso entender, qualquer das duas variantes traduz a intenção do músico, embora escolhêssemos a outra, para respeitar na semifrase os dois acentos métricos principais, que aliás correspondem no verso aos dois acentos tónicos existentes.

Neste mesmo poema mostra-se o poeta um relator convicto duma situação-limite que choca o bom senso e conseqüentemente o senso comum da comunidade. Essa situação serve de pretexto ao poema. Segundo afirmação do Teofa, o verso foi feito quando a Prima Teresa Garraio fugiu para a Escusa com as oito filhas, porque teve de abandonar o marido. O resto di-lo no poema. Segundo as nossas notas, terá sido recolhido em 30 de Dezembro de 1966. Nesta altura, segundo a opinião do mesmo poeta, teria a composição cerca de 23 anos. Outros exemplos existem em que o Teofa se torna arauto da moralidade vigente, mas que não cabe aqui incluir. (2)

À CARRERA deve ser o único monumento existente a comemorar a data festiva da electrificação daquela aldeia. Se não houver lápide comemorativa de pedra, ela existe em poesia. O verso reflecte um tipo de ideologia político-social, para nós ultrapassada, e que só se compreende se respeitarmos a humildade rural duma comunidade, que está sempre à espera dum *Deus nos acuda*.

A Mulher é um engano e *A Mulher é uma fazenda* são duas pequenas canções de roda muito alegres, que traduzem bem o temperamento do poeta e músico para a dança. Ainda o estamos a ouvir cantar já um pouco desafinado e sem melodia, mas imprimindo à canção um ritmo que sugere isso

mesmo. Segundo o seu próprio depoimento e o de outros informadores foi ele um grande cantador e dançarino. Nesse aspecto sabe-se que privou com um numeroso grupo de poetas da Região, dos quais se deverão destacar o João Mestre de Vaiamonte, e não das Carreiras como já está escrito por aí, o João Bagina da Ribeira de Nisa, o Zé Maria Arnega "Galapetã", de Castelo de Vide, o Ti Antonho Branco, cremos que de Montalvão, talvez ainda um pouco com o Ti Domingos Fernandes das Carreiras, embora este não nos parecesse muito dado a folias de taberna, antes muito concentrado nas suas tarefas de escritor e trabalhador rural, e com o sobrinho deste último, o José Nunes Fernandes dos Alvarrões, que possivelmente ainda será vivo. Contudo destes dois últimos pouco ele nos falou.

O Teofa cantou nos balhos com os outros cantadores, entre eles esse "pai ingenuorante" que satiriza. Parece que este pobre de espírito cantava divinalmente.

Os versos destas duas peças são rábulas às mulheres, próprias para serem cantadas por homens a homens. Para isso se prestava o encontro dos homens nas tabernas, longe da curiosidade feminina, geralmente envergonhada de andar atrás dos homens, com uma ou outra exceção de mulher apoquentada, e com razão.

O Teofa, como era muito brincalhão e gracejador, era muito bem aceite na roda das *peessoas de bem* da Escusa e não só. Está à vista a "lavutaçam" que teve com o Senhor Professor Casanova das Carreiras. Frequentava também a roda das *peessoas mais finas* da Escusa do seu tempo, entre as quais devemos inserir o Senhor Professor Leão, nosso primeiro querido mestre, que nos acarinhou a partir dos cinco anos de idade, o Sr. Jaquzinho Tavares e outros. Nesta roda era também

elogiada a presença do Snhum Jaquim Felizardo, devido ao seu trato fino e boas maneiras, embora simples cabouqueiro nas Caleiras da Escusa. Se não nos enganamos era este o nome que o Teofa também citava. Aliás o Chico Batista, na sua maturidade, foi um bom seguidor do exemplo do pai.

Na altura em que nos mantivemos, muitas vezes voluntariosos e com uma grande coragem, ao lado do poeta e músico doente, talvez a partir de 1964/65 até à sua morte, durante os períodos de férias, o mesmo datou o nascimento destas rábulas cerca de vinte anos atrás.

Avessos como somos a exercícios de memória retentiva, causava-nos espanto na altura como é que o poeta e cantador músico conseguia *buscar* em cada momento músicas diferentes e versos os mais diversificados e longos, alguns muito longos. Que paciência, que coragem, que amor à arte não era preciso.

Deixamos pois à consideração dos nossos conterrâneos mais um exemplo a seguir. Nem só do pão vive o homem. Da arte também. A *formiga* conta contos às netinhas quando à noite recolhe ao formigueiro. Não se esqueçam disso.

NOTAS

(1) Apud *Cancioneiro de Memória* de Maria do Rosário Martins, de Póvoa e Meadas. Ainda teremos ocasião de comentar este encadeamento de quadras, todas ditas de memória pela nossa simpática empregada doméstica, que também trabalhou em Marvão e em Castelo de Vide, como criada de servir e como trabalhadora do campo.

(2) Da família visada no verso *Temos na aldeia uma casinha* onde vivem ainda, ao que sabemos, todas as vítimas do procedimento

estranho do *tigre esfaimado*. Apesar de tudo, ele é sempre o pai. Com todo o respeito e ternura por esta mãe ultrajada, não queremos deixar de pedir desculpa de trazer mais uma vez para a memória este acontecimento doloroso. Se o fizemos foi porque era necessário chamar a atenção, não

para o *pretexto*, mas para o *texto* como forma de arte, e, deste modo, para o artista, realizador deste *texto*. Foi só esta intenção que nos moveu. Já dissemos que unicamente nos move chamar a atenção para uma faceta pouco conhecida da actividade do Teofa da Escusa, que é a de ser também músico.

AS CANÇÕES

TEMOS NA ALDEIA UMA CASINHA

tempo lento de fado

Temos na aldeia uma casinha
 Onde há tanta criancinha Todas dignas de compaixão
 -xã-o que é a da terceira Garraia
 rai-a Cerca da de tanta saia
 Sim ter quem lhe ganhe o pão

Foi um pai ingenuorante
 Que quis tomar por amante
 A uma pobre filhinha,
 Segundo o povo reclama,
 Ele nam se livra da fama
 Que abusou da mais velhinha.

Nãm í alembas da desgrácia
 De quem tantos tormentos passa
 Revestida de amargura,
 Nãm tens uma megalha de piedade,
 Fostes um tigre esfaimado,
 Coração de pedra dura.

És vil cheie de traiçam,
 Que fizestes sim coração
 Como o galo fez à galinha,
 Fezeste-le pôr os ovos
 E hoje aí nim te comoves
 Da tua rabanhadinha.

ÀS CARRERAS

Tempo de fado

A---pesar da pou--ca com--prei---çã-----o
 Vou fa--zer es---ta can-----çã-----o
 Pa---r'o-f're--cer à Car-----re-----ra
 Com a má---xe--maa--ten-çã-----o A to-dos pe-ço per-
 dã-----o Se fe--zer al---gu--maas-ne--ra

Apesar da pouca apreição,
 Vou fazer esta canção
 Para oferecer à Carrera,
 Mas, com a máxima atenção,
 A todos peço perdão
 Se fazer alguma asnera.

Quer'-vos dar a despedida
 Porque sê que a minha guarida
 será depressa a sepultura,
 Por isso tenh' saudades p'ra comigo
 De vos dar uma mão d' amigo,
 Enquanto a vida m' atura.

Vou dar um agrad' cemento
 A esta bondosa gente
 Que só por morte esquecerê,
 Meus antigos ameguinhos
 Onde tanta pedra pesê.

És tu uma das freguesias,
 Que ê tenh' por ti todos os dias
 Uma saudade sem igual,
 Inquanto me aturar a vida
 Não serás por mim menos querida
 Que a minha terra natal.

Logue que p'ra ti voltasse a frente,
 Até às vezes bem doente,
 Dando o meu ai a miúde,
 Logue que chegasse ao alto da serra,
 Que avestasse a detosa terra,
 Recobrava a minha saúde.

Quando ê por aí vinha,
 Para mim sempre ê tinha
 Orgulh', prazer e alegria,
 por onde quer qu'ê ia passando
 Viàs crianças brincando,
 Já todas me conheciim.

Nobre aldeia de Carrera,
Dexastes as noutes interas
De ser alumiada por candeias,
Deves levar a bandera,
Porque entras na sala diantera
À frente das outras aldeias.

As tuas ruas enlevadas
Que hoje vejo prateadas,
Cousa que ê nunca supus,
De ver as tuas calçadas
Já todas alumiadas
Com cabacinhas de luz.

Tevestes munto ano de turva,
Revestida de viúva,
Mas hoje vestes uma nova cor,
Bem hajim-nos tês influentes,
Aqresses homins valentes
Que te derim nove resplendor.

Quem o piso te nam conhecia,
Toda a gente te temia
As noutes escuras serradas,
Desde que se pusesse o luar
Ninguém se atrevia a pisar
as tuas velhas calçadas.

Hoje já tens um bom farol
Que alumia más que petrol
Desde a noute à madrugada,
Nasceu im ti um novo sol
Que te tirou do anzol
Onde estavas isolada.

É esse um bom professor
Que te dá claredade e calor
Tanto na noute como no dia,
Honras ou Senhor Professor
Que esse á que foi o senhor.
Que dê luz à freguesia.

Tem sido um lião de avançadas
Com as suas barbas honradas,
Os seus cabelos brancos e louros,
A pisar estas calçadas,
Entre aquestas moradas
tem sido o sete de ouros.

Devim-le fazer um jazide
A esse homim amigo,
Que bem nos tem ajudado,
Com a forma duma igreja,
Com que toda a gente veja
Quando estiver sepultado.

Assim, por más elogio,
Deviim no vosso Rossio
Erguer-lhe uma mimória,
Porque a mim bem me parece,
Se o seu nome merece,
Ficar gravado na hestória.

Amigo Sr. Professor,
Desculpe-me, se faz favor,
Se alguns agravos tem de mim,
que eu não quero esse remorso,
Talvez quera morrer e não posso
quando chegar o meu fim.

Para a Sr^a Dona Joaninha,
A quem ê tive por ameguinha,
Também le quere dar um adeus,
À sua nobre salinha,
A essa humilde casinha
Onde me sentê tanta vez.

Más um aperto de mam
Dado do mê coraçã
Ou Sr. Professor Casa-Nova,
A quem ê más nã verê,
Mas por certo só esquecerê
Depous de me fecharim na cova.

Quero que o tê melhoramento,
 Que deve ser de mil por cento
 Derivado às tuas estradas,
 Porque hoje liga a sociedade
 Com um braço para cada lado,
 Para estares com todos de mans dadas.

Enquanto ê no mundo passear,
 Tenho o prazer de vos dar
 Uma palavra bem clara,
 Desejando a vida ous tavarneros,
 A esses homins verdaderos,
 Todos tam bem me tratarim.

(Manuscrito de À CARRERA cedido pelo Sr. Prof. Casanova)

A MULHER É UM ENGANO

A mu-lher e um en-ga-no Que seen
 co-breem pré-diour-ba---no Quan--does--ta no meio da
 vi---da Nãm sãm tões. quecom e---laa-
 cer--tim Por queéu---ma cou--sain-co-ber--ta Com' à
 noz antes de par---ti---da

Pela fresca são felores,
 Vestidas de várias cores
 Parecim rosas incarnadas,
 Mas despous que dece a soalhera,
 Se l'acerta na miolera,
 Fiquim logo espassaradas.

Se o marido le nãm leva pam,
 Ela torna-se num liam,
 Dezende-le em voz alterada:
 "Tu á que tens que dar o destino
 Porque bem vãs que tenhe um menino,
 Que nam me dêxa fazer nada.

A MULHER É UMA FAZENDA

The musical score is written in treble clef with a key signature of three sharps (F#, C#, G#) and a 2/4 time signature. The melody consists of five staves. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The lyrics are: "A mu---lher éu---ma fa---zen---da que é pre- -ci---so quem na en-ten---da Pa--raa sa--ber fa--bri- Car O mes tre da que la ter ra Se pora- quase com e la ér ra cus ta mun toa Ximen dar".

Nos Domingos de manhã
 Fazim logue levantar o cam
 "Vai à água para beber
 E em seguida vai à lenha
 E o más que faz falta venha,
 que eu preciso de comer.

Depous de velhas idades
 Inda se tornim nós vaidades
 Por terim filhas criadas,
 Dexim nos maridos detados
 E elas vam para as sociedades,
 Para as grandes balharadas.

É um a terra regadia
 Que é preciso, durante o dia,
 Ser tratada com precêto,
 Desde que nam seja assim tratada
 Ou que dêxe de ser regada
 Nam dá nada que se aprovête.

PANFLETOS DE FESTAS POPULARES

Recolha de Manuela Andrade

GRANDIOSAS FESTAS na E S C U S A

Em honra do
Grande
Taumaturgo
Português
Santo
António
de Lisboa,
vão
realizar-se
nesta
laboriosa
aldeia,
nos dias
2 e 3
de Setembro
de 1956,
imponentes
festejos
com o
seguinte
Programa:



Centro de Estudos de Etnografia e Folclore - 8.800 - 200 ex.

VISTO
de 29 1956

DIA 2

A's 7 horas — Anunciação das festas com muitas girândolas de foguetes e morteiros, que farão despertar em todos os habitantes do concelho o maior entusiasmo pela mais importante festa que aqui se realiza.

A's 9 horas — Missa sagrada e aplicada por intenção dos membros da Comissão das Festas e pessoas que contribuíram para a organização das mesmas.

A's 9,30 horas — Chegada da distintíssima e muito afamada banda musical União Artística de Castelo de Vide, que percorrerá todas as ruas da localidade, dando as boas festas a todos os habitantes e cumprimentando em especial a Comissão.

A's 10 horas — Abertura da Quermesse e concerto musical no largo da igreja.

A's 12 horas — Missa cantada, sendo para isso convidados os mais distintos sacerdotes desta região. Ao evangelho subirá ao púlpito um distinto orador sagrado, que no seu sermão fará vibrar de entusiasmo pela Causa de Deus, todas as pessoas presentes.

A's 14 horas — Procissão que percorrerá as principais ruas vistosamente engalanadas.

A's 16 horas — Venda da flôr por gentis meninas desta localidade.

A's 17 horas — Haverá uma surpresa (Ver programa especial).

DIA 3

A's 9 horas — Chegada da muito conhecida e afamada banda musical Dr. Frederico Laranjo, de Castelo de Vide, que efectuará os mesmos cumprimentos do dia anterior.

A's 11 horas — Concerto pela mesma banda, que se fará ouvir em várias peças do seu vastíssimo repertório.

A's 14 horas — Chegada de Sua Ex.^a o Senhor Presidente da Câmara, que juntamente com todos os representantes daquele Organismo Corporativo virá inaugurar o abastecimento de águas feito a esta aldeia.

A's 15 horas — Inauguração do abastecimento de águas sendo a torneira da fonte principal aberta pela primeira vez por Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Manuel Magro Machado, a segunda por Sua Ex.^a o Vice-Presidente, Dr. Manuel Ramalho Ribeiro, e a terceira pelo Ex.^{mo} Chefe da Secretaria, Sr. José Gomes Esteves. Durante estes actos queimar-se-ão muitas dúzias de foguetes e morteiros e serão acompanhados pela distintíssima banda.

A's 16 horas — Sessão solene na Escola desta aldeia, em que farão uso da palavra, além de Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Câmara, alguns oradores desta localidade.

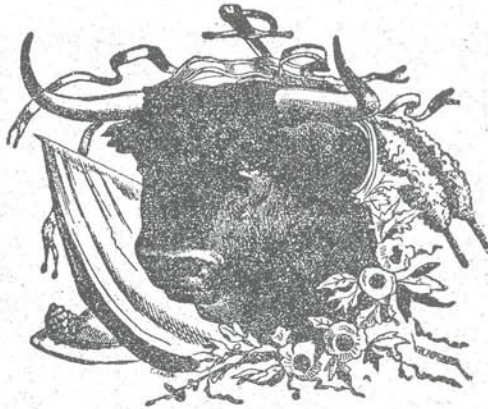
A's 17 horas — Nova surpresa vos espera nesta radio-sa tarde (Ver programa especial).

VISTO
 Marrão, do 27 JUL 1964 de 19
 O Delegado da I. G. Espectáculos.

PORTAGEM MARVÃO

DIA 2 DE AGOSTO DE 1964

Grandiosa e Última Ferra à Alentejana



PROGRAMA

ÀS 7 HORAS — Alvorada e chegada dos forasteiros à margem do Rio Sever, onde já se pode tomar banho na praia artificial, a qual contém água puríssima, sendo parte dela da nascente dos Olhos de Água. No recinto da praia funciona um Bar-Restaurante com os mais variados refrigerantes.

ÀS 17,30 HORAS — Terá início a prometedora FERRA À ALENTEJANA onde serão lidadas 8 bravíssimas rezes, do Ex.^{mo} Sr. Duarte José Pestana, de S. Romão. Esperamos que este Senhor traga o gado rigorosamente escolhido por ser a primeira vez que cede o seu gado e por isso vem a título de reclame.

Ao fim
 da
 FERRA
 haverá



Tanto para abrilhantar a FERRA
 como os DIVERTIMENTOS
 POPULARES temos um dos melhores
 Conjuntos Musicais

Os Águias Carreirenses

A Comissão não se responsabiliza por qualquer desastre que possa ocorrer, e não é permitido a colocação de barracas, e nem tão pouco fazer qualquer péga sem se ouvir o sinal do clarim.

As pégas estão a cargo de todos os que tiverem menos medo do que eu D. A. e se todos tiverem tanto medo como eu D. A. temos oferecido um grupo de rapazes de Castelo de Vide, chefiados por António Calisto

Casa Lusitana - Tel. 93 - Portalegre 25-7-904 - 500 kz.

*Visto
Manuella 27/5/95/
Estado do Povo de São Paulo*

Grandioso Festejos Religiosos

Em Honra de Nossa Senhora do Rosário

No aprasível e pitoresco sitio de

GALEGOS

(Nos dias 27 e 28 de Maio de 1951)

Programa

DIA 27

- A's 8 horas:-Alvorada com uma girandola de foguetes e fogo de bateria.
- A's 9 horas:-Abertura da kermesse.
- A's 10 horas:-Chegada da distinta Banda da Casa do Povo de Santo António das Areias, cumprimentando seguidamente a Comissão das Festas, autoridades civis e militares desta localidade.
- A's 11 horas:-Festa religiosa a Nossa Senhora do Rosário.
- A's 13 horas:-Sermão por um distinto orador sagrado
- A's 15 horas:-Procissão percorrendo o itinerário do costume
- A's 15 horas:-Leilão das fogaças da kermesse.
- A's 17 horas:-Concerto pela Banda no recinto desta Igreja.
- A's 21 horas:-Grandioso arraial com fogo de artifício fornecido por um dos melhores pirotécnicos do paiz.

DIA 28

- A's 8 horas:-Alvorada com uma girandola de foguetes e morteiros.
- A's 9 horas:-Abertura da kermesse.
- A's 11 horas:-Missa solene por alma de todos os falecidos pertencentes ás pessoas que contribuíram com a sua esmola para estas festas.
- A's 12 horas:-Leilão dos restos das fogaças da kermesse.
- A's 16 horas:-Corrida de grande velocidade, corrida de sacos, corrida de pés atados em grupos de 3, dois com os pés para a frente e um com os pés para trás, havendo nestes jogos 1.º e 2.º prémios.
- A's 18 horas:-Visita aos taberneiros desta localidade preferindo os que tenham melhor pinga.

A Comisseão das festas toma o compromisso de entregar o saldo positivo "se houver" ao Reverendo Pároco desta freguesia de "Santa Maria" para ser empregado em vários melhoramentos que fazem falta nesta Igreja.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto. Tip. Sequeira-Areias, 500 Exemp. em 9-5-1951

Marvão

GRANDIOSAS FESTAS EM HONRA DA PADROEIRA DO CONCELHO

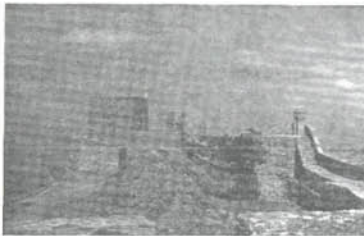
8 e 9
DE
SETEMBRO
DE
1985

NOSSA SENHORA DA ESTRELA

ABRILHANTADAS PELA FAMOSA BANDA EUTERPE PORTALEGRENSE



IMAGEM DE
NOSSA SENHORA DA ESTRELA



ASPECTO INTERIOR
← DO VELHO
CASTELO DE MARVÃO

Nos dias 5, 6 e 7, às 21 h, haverá tríduo de preparação, com terço, pregação e bênção do S.S.^{mo} Sacramento, no Convento de Nossa Senhora da Estrela.

PROGRAMA

DIA 8 DE SETEMBRO

ÀS 7 HORAS — O estralar de muitos foguetes e mortareiros e o repique lustroso dos sinos das Igrejas da Vila anunciarão a todos o começo das Festas.

ÀS 9 HORAS — MISSA DE COMUNHÃO GERAL para todas as pessoas devidamente preparadas.

ÀS 10 HORAS — Chegada da BANDA EUTERPE de Portalegre que percorrerá as ruas da Vila executando marchas festivas.

ÀS 11 HORAS — Abertura da QUEREMESSE e venda da flor por gentis meninas desta terra.

ÀS 12 HORAS — MISSA CANTADA em honra de Nossa Senhora da Estrela e sermão por um distinto arcebispo sagrado. A Missa será cantada pelas meninas internadas no Asilo da Misericórdia.

ÀS 13,30 HORAS — Encontro de Marvaenses e ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO num refectório da Santa Casa da Misericórdia.

ÀS 15 HORAS — Inauguração do equipamento industrial cedido pelo Príncipe, Sr. José Pinto de Sousa e que passará a funcionar nas instalações da Casa de Trabalho. Será também benedita e inaugurada a Ambulância cedida à Santa Casa pelos Desempenhados Sr. José Pinto de Sousa, António Pinto de Sousa e Olímpio Jaime Bengala.

ÀS 16 HORAS — Concerto pela Banda.

ÀS 17 HORAS — PROCLAMAÇÃO com a Imagem de Nossa Senhora da Estrela, que, acompanhada pela Banda, percorrerá as ruas de Marvão. No final um sacerdote pronunciará uma bênção dando-se em seguida a bênção com o S.S. Sacramento.

gem de Nossa Senhora da Estrela, que, acompanhada pela Banda, percorrerá as ruas de Marvão. No final um sacerdote pronunciará uma bênção dando-se em seguida a bênção com o S.S. Sacramento.

ÀS 21 HORAS — Início de um IMPONENTE ARRAIAL, que ficará na memória de todos, durante o qual será lido o relatório da Quermesse executado a Banda e número do seu sempre atualizado repertório. Será também vistosa e abundante feijoada de arroz com alface e galeto de Moita de Nova, Manuel Martins & Filhos, Lda.

ÀS 22 HORAS — Para a sua apresentação inaugural o RANCHO INFANTIL DA MISERICÓRDIA DE MARVÃO.

DIA 9 DE SETEMBRO

ÀS 7 HORAS — Girândolas de foguetes e mortareiros indicarão a continuidade das Festas.

ÀS 11 HORAS — MISSA SOLENE de ação de graças no Santuário de Nossa Senhora da Estrela.

ÀS 14 HORAS — Chegada de um Conjunto Musical que percorrerá a Vila executando músicas alegres, e venda de flores que ficarão recordando estas Festas.

ÀS 17 HORAS — Início de uma TOURADA À VARA LARGA, com gado bravo de lavradores da região (ver programa próprio).

ÀS 22 HORAS — Arraijal popular com fogo de artifício durante o qual será lido o relatório recebido de Quermesses (ver programa próprio).

NOTAS

As festas são organizadas pela Santa Casa da Misericórdia de colaboração com o povo de Marvão. • No decorrer do Processo será lançado fogo de fogueira com a imagem de Nossa Senhora da Estrela. • Não serão cobradas quaisquer importâncias para assistir a exibição do Rancho. • No recinto das festas funcionará um serviço de bar com variados aperitivos. O recinto estará visuosamente decorado e iluminado. • Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Tp. Hsp. Alentejo, Portalegre - 1.300 pp. - 28-8-83

RANCHO INFANTIL DA MISERICÓRDIA DE MARVÃO

que interpretará 20 números de dança e cantares genuinamente característicos de Concelho de Marvão, cujos números que serão apresentados em duas partes, a seguir descritos:

I PARTE

Marcha - vis - Romance de N. Senhora da Estrela
Vim de Nossa Terra
Palmas
Viduas
Montanhas
Vim Prando
Venda-Chão
Um Alentejano
Era o Vinho meu Bem!
Canção do 26 d'Estrela

II PARTE

Propício de Pous Amarelo
Moço das Carreirinhas
Vim de Seixas
Cachalote em dois passos
Vento Salvo
Canção em dois versos
Vale do Cata-Pau
Desprezada de Seixas
Vim do «Jaqueiro»
Odeão 'á pé' nosso Rancho
-Marcha.

Apresentar-se-á ainda a acção do Rancho Infantil Maria Isabel Vivas Marques Elpidio. Executa-se também a certandade da Imposição de fitas no estandarte do Rancho.



SÃO SALVADOR DE ARAMENHA



ANTIGO ARCO ROMANO DA ARAMENHA

«Na sede da Freguesia de Araménha, florescia sempre, a importante cidade romana de Madriga, que alguns chamavam esse a antiga Araménha, depois Araménha. São estruturas e de grande valor arqueológico os restos de várias estruturas que se encontram desde Madriga ao atual município. Um dos vestígios que dá nome forte (construção de utilidade romana) são as antigas pedras — Arco Romano de Araménha — que são levadas para Castelo de Vila e Araménha uma das suas partes, sendo infinitamente destruída e de que, no entanto, se sobrou a fotografia de sua bela bela arquitetura.»

GRANDES FESTAS

EM HONRA DE

15 e 16
DE
AGOSTO
DE
1965

NOSSA SENHORA DO AMPARO



Vistosa iluminação eléctrica

Quermesse

Folclore

Tourada à vara larga



DIA 15 DE AGOSTO PROGRAMA DIA 16 DE AGOSTO

A'S 7 HORAS — O repique festivo dos sinos da Igreja Paroquial e o estalar de joguetes anunciarão o início das festas.

A'S 9 HORAS — Missa rezada com comunhão geral.

A'S 10 HORAS — Chegada da Banda de Música de Póvoa e Meadas, que, este ano, abrirá as festas.

A'S 12 HORAS — Missa cantada e sermão em honra de Nossa Senhora do Amparo, padroeira de joguetes.

A'S 16 HORAS — Desafio de Futebol, entre uma equipa local e outra a determinar.

A'S 18 HORAS — Precissão, que percorrerá o itinerário do costume.

A' NOITE — Terá lugar um imponente arrabal, durante o qual será queimado vistoso fogo de artifício leve e do ar do pirotécnico de Veiros — Albano António Moura. No decorrer do arrabal será lançado o rescaldo da Quermesse e a Banda tocará números do seu vasto repertório.

A'S 7 HORAS — Alvorada de joguetes e montiros.

A'S 10 HORAS — Missa rezada pelas intenções de todos as pessoas que contribuíram para a realização das festas.

A'S 12 HORAS — Abertura de quermesse e venda de flor, por gentis repaques desta localidade.

A'S 17 HORAS — GRANDIOSA TOURADA À VARA LARGA, com gado bravo dos lavradores concelhios Sr. Vítor da Silva e João Replata.

A'S 19 HORAS — Chegada do ajameado Rancho Folclórico «FAZENDEIROS DE MONTE-MOR-O-NOVO».

A'S 21,30 HORAS — Terá início a exibição do Rancho atrás mencionado, destacando-se entre outras, as seguintes danças: Ciranda! Cirandinha! — Al Chico, Chico! — Desgrenado — Verde-Galo — Vira das Ceijas — Vira Castela I — Vira Velocidade! — e muitas outras do seu ajameado e vasto repertório.

O PRODUTO
LÍQUIDO
BEVERTE
A FAVOR
DO CENTRO
PAROQUIAL
DE ASSISTENCIA

Rancho
«Fazendeiros
de Montemor-o-Novo»

- * Conjunto folclórico devidamente indumentado à maneira de sua região.
- * Várias danças e cantigas no nosso País, entre as quais Faina das Indústrias, Partido dos Desportos e 3 vezes no Estádio Televisão Portuguesa.
- * 1.º classificado no IV Festival do Folclore Nacional.
- * Fundado em 1948 e composto de 20 integrantes de ambas as regiões.
- * As suas danças e cantigas são muito movimentadas, não faltando nestas extraordinárias vitórias, fazendo um conjunto cheio de alegria, sobretudo quando as ovas e lírica desgrenada atenuam.

